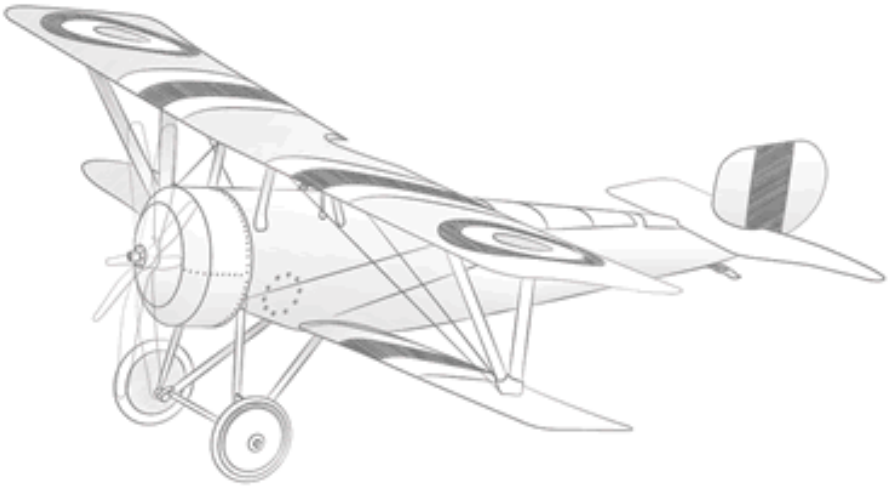
Antologia de Nelson de Medeiros



Apresentado por

Meu Lado Poético

DedicatÃ³ria

Um poeta não tem apenas uma Musa. Ao contrário tem várias. Musa é tudo aquilo que desperta paixão, admiração, curiosidade, paz, alegria, tristeza e todas as contingências da vida que formam o dia a dia no coração. Por isso dedico esta Antologia a todas as Musas que cruzaram e ainda hoje cruzam meus caminhos nesta jornada evolutiva.

Agradecimentos

A Deus, pois sem sua permissão não teria renascido com este dom.

Sobre o autor

Nelson de Medeiros Teixeira nasceu em Cachoeiro de Itapemirim-ES, cidade batizada por seus cidadãos, bairristas por excelência, de \\\\\\\"capital secreta do mundo\\\\\\\". Entre tantos, lá nasceu seu mais ilustre citadino, o rei Roberto Carlos, O poeta começou a se interessar pela escrita e pela leitura quando criança. Logo depois fez seu primeiro trabalho como redator esportivo do \\\\\\\"Jornal Folha do Dia\\\\\\\" o primeiro a circular diariamente na cidade. Publicou o livro A Lei 8.864/84 e a Contagem Reciproca de Tempo de Serviço, obra que versa sobre Direito Previdenciário. De poesias publicou Lembranças, Almas no Caminho e Estrofes de Uma Vida (e de outra) todos de poesia. É advogado militante nas áreas de Direito Previdenciário e Cível.

resumo

PERFUME DA ILUSÃO

PROCURA

MESMO AMOR

TEUS VERSOS

PECADO ANTIGO

BUQUÊ DE ROSAS

ALMAS GÊMEAS

ANJO

AUSÊNCIA

APOCALIPSE

POEMA DA DESPEDIDA

NO MOSTEIRO

RENÚNCIA

ANTE A LIÇÃO DA PANDEMIA

SONETO DA DÚVIDA ETERNA

AMOR DE INVERNO

EVOLUÇÃO

SER POETA...

REENCARNAÇÃO

DAMA DO AMOR

AS CURVAS DO CORPO DELA.

POBRE POEMA

À MINHA MUSA

ALQUIMIA

O QUE É SAUDADE ?

VERBO AMAR

PALAVRA

SALÂO GRENÁ

POR QUE SOU POETA ?

O AMOR E A ROSA...

TEU SORRISO

AMOR E PENSAMENTO

SAUDADE DIFERENTE

A CIGANA

A UMA PROSTITUTA

DE UM VELHO DIÁRIO

RÉU CONFESSO

INJÚRIA

MAL SEM CURA

TROVAS (1)

QUEM SOMOS?

LUZ E SOMBRA

POEMA DE AMOR

MÃE

POR ELA...

SOLIDÃO

HISTORIAS D!OUTRO MUNDO.

CLARIVIDÊNCIA

A GRANDE MISSÃO

CAUSA E EFEITO

CONFISSÕES AO MAR

SENSUAL

NÃO LAMENTES

MADRIGAL

ESPERANÇA

SONHO LOUCO

OS VERSOS QUE TE ENTREGO

MAKTUB

ROSAS BRANCAS

PARADIGMA DE AMOR

RAZÃO DE SER

DÚVIDA

INSTANTES DA VIDA REAL (XXXIV)

UMA ROSA EM MINHA MESA...

LOUCURA

SIMPLESMENTE

LONGA ESPERA

POR QUE SOU POETA...

NASCER E RENASCER

SINA DE POETA

BALADA AOS CABELOS COR DE FOGO

IDA E VOLTA

PRIMEIRA NAMORADA

AMOR DE VERÃO

O TELEFONE

A PESTE NOS REINOS

O TEMPO

TEU NOME

ENCONTRO TARDIO

NOSSO CASO

RETRATO DE UMA FOTO

OS SINOS

AMOR GLOBALIZADO

PAIXÃO

TEMPO PERDIDO

ESTRANHO PEDIDO

BALADA AOS CABELOS COR DE FOGO

CORREIO TRISTE

PARTIDA E REGRESSO

INVERNO DA VIDA

OLHANDO TEU RETRATO

CARTA AO DESAMOR...

OUTRA VEZ...

CAUSA E EFEITO... (UMA REFLEXÃO)

FADO CRUEL

A DEUSA DA MINHA RUA

ÚLTIMA CARTA

TRISTE DOM

TEUS CABELOS

A VIAGEM

O HOMEM E A PESTE

CRENÇA

ÚLTIMA CARTA

MESA DE BAR

CANTIGA

A ESPERA...

A UMA AMIGA NO DIA DO AMIGO

VELHA CONHECIDA

CONVICÇÃO

ÚLTIMO BEIJO

A BELA DA TARDE

CRIME E CASTIGO

OLHOS VERDES

DESTINO

DECISÃO

NOSSO CASO

ESSENCIA HUMANA

CONDOREIRA

CONFISSÃO

CORTEJO

PRÉ-JULGAMENTO

PLANETA TERRA

EU E TU

PROPOSTA

A MENINA DO RANCHO

ENTENDIMENTO

UM BEIJO

VIDA ROUBADA

SOMBRAS

RESPOSTA

AMOR DE PIERRÔ

AINDA UMA VEZ...

MEDIDA DO AMOR

FARSA

ORGASMO

PEDIDO

A MENTE

CIÚME

O BEIJO DELA

ONDE ESTIVERES

A PROMOTORA

METADES...

A DEVASSA DA CORTE

FEITIÇO DE AMOR

HISTORIAS D!OUTRO MUNDO. II

SONETO DA SAUDADE INFINDA

GAROTINHA

À CARMEN LUCIA

MULHERES

DEUS ME LIVRE

TEU ANIVERSÁRIO

MÁSCARA DA HUMANIDADE

INSTANTES DA VIDA REAL

REPENTINAMENTE

MUND0 DE FELICIDADE

PALAVRAS QUE BEIJAM

NAS CURVAS DO CAMINHO

ÚLTIMA PEÇA

BILHETE

TORTURA

MEUS QUERERES

ESPERTEZA DE DEUS

PRESENTE E PASSADO

TOLA HUMANIDADE

AFINIDADE

SERVENTIA

RENUNCIA

O QUE É SAUDADE

O TEMPO É MINHA ESPERANÇA...

QUERIA VER-TE...

FOTO ANTIGA

UMA CARTA ...

ALENTO

LIRA DE SAUDADE

REENCARNAÇÂO

MISTERIOSO OLHAR

PORTO DE MINHA ALMA

ILUSÃO E FORMOSURA

NESTE INSTANTE

RECORDAÇÕES DE VILA RICA...

A UMA AMIGA NO DIA DO AMIGO

QUEM ÉS?

O AVESSO DA JUSTIÇA

FENDAS DO TEMPO

DOIS DESTINOS

PRESSÁGIO

SHANGRI-LÁ

PARTIDA SEM VOLTA

FRAGMENTOS...

HISTORIAS D!OUTRO MUNDO. III

O AMOR E O TEMPO

MUITO MAIS TE AMO AINDA...

LEMBRARÁS DE MIM...

NASCER E RENASCER

PENSANDO EM TI

SEI QUE VIVES.

VIDA REPETIDA...

FANTASIA E REALIDADE

O DESPERTAR DA VIGILIA

ALÉM DA ETERNIDADE...

MÁGICO MOMENTO.

FLORES OU ESPINHOS...

RETRATO

NA PANDEMIA

TUAS DIRETRIZES

PRECONCEITO

PECADO

JOGO PERDIDO

VERSOS LIVRES PARA A MUSA PRESA...

PÁRIAS DO PODER

MEU VERSO FEIO.

NÃO LIGUES...

PEDIDO IMPOSSÍVEL

PRESSENTIMENTOS...

ACRÓSTICO Á MINHA FILHA

DIÁLOGO COM O CORAÇÃO.

UM SONHO REAL

PECADO ANTIGO

CANTOS DE SEREIA

INSTANTES DA VIDA REAL XXXVII (O QUE É AI-5 MENINA?)

RETUITANDO A DOIDICE

LEI DO RETORNO

PROCURA

PRESENÇA TARDIA

TEUS VERSOS

DE ONDE VEM ?

PERFUME DA ILUSÃO

INTUIÇÃO

TELA BARROCA

INFINITA AUSÊNCIA

NOSSA RENÚNCIA

URÂNIA

MAGIA

A MISSÃO

DELIRIO

FELICIDADE

POEMA DE AMOR

UM BEIJO ROUBADO

RÉQUIEM AO MAIOR DE TODOS

MENOS VINTE...

VELHAS LEMBRANÇAS

APENAS UM OLHAR...

AMOR ANTIGO

PAIXÃO

SEM MÁSCARA

AMOR IMORTAL

INSTANTES DA VIDA REAL XXX (EQM)

ORAÇÃO

ARREPENDIMENTO

CANSEI...

CORTEJO

FENDAS DO PASSADO

JARDIM SEM FLOR, PINTURA SEM COR.

EU QUERIA APENAS...

BUQUÊ DE ROSAS

É PRA TI ESTA LIRA DE SAUDADE.

TEU SEGREDO

SERÁ POSSÍVEL?

AMOR DE UM DIA...

ÚLTIMO SONETO

ARMADILHA

LI O TEU POEMA...

VEREDITO

EU QUIS TE AMAR SOMENTE...

UMA CARTA ...

MEU TEMPO PASSOU...

AMOR VERDADEIRO

REU CONFESSO

CHOVE NA TARDE GRIS...

UM CONTO DE NATAL

I N S ÂN I A

MÁQUINA DO TEMPO

A MENINA DE B.H.

NOVA VERSALHES

O PERFUME

INSTANTES DA VIDA REAL XXX - O MONSTRO E O MÉDICO

ENIGMA

ANOTAÇÕES

AMOR E PAIXÃO

AMANTE ETÉREA

EU TE AGRADEÇO

AQUELE OLHAR...

OS LÁBIOS DELA...

DIZES TU...

ESQUECER É PRECISO

SER POETA

AMANTE

NUMA FESTA DE SÃO JOÃO

AMOR GLOBALIZADO

P E N S A M E N T O S...

VÃ PROCURA

REENCONTRO

O QUE NÃO SABES

A POLONESA

ONDE ESTIVERES

DE UM DIÁRIO...

A MENINA DE B.H.

ALMA DE GRANITO

POEMA MODERNO

REFÉM DUM SONHO

SONETO A UMA POETISA

DIGITAIS D! UMA ALMA

OUTRAS GENTES

ALMA TATUADA

MUITO OBRIGADO

DIALOGOS

ESCUTA

DESAPONTAMENTO E DECEPÇÃO

FÉ E RAZÃO

PERFUME DA ILUSÃO

ALENTO

PECADO ANTIGO

PENSAMENTO

ILUSÕES DE CADA DIA

ALQUIMIA

A FELICIDADE É SIMPLES

PAIXÃO PRIMÁRIA

SONETO DO AMOR PLATÔNICO

MUSA PERDIDA

ÚLTIMA PEÇA

MÁGICO MOMENTO.

TEUS VERSOS

SONETO DA SAUDADE INFINDA

O PERFUME

MAIS QUE UM SONHO

SEXTA FEIRA SANTA

DA UCRANIA À TERRA SANTA

A PROFESSORA

AQUARELA DE UMA FOTO

UNIVERSO PARALELO

ELA...

LOUCO DESEJO

MEU VERSO PERFEITO

SER POETA

INSENSATA É A PAIXÃO

MARIA

RECOMEÇOS

EU APENAS QUERIA

SAUDADE DIFERENTE

NAS ASAS DO TEMPO

VISIONÁRIOS

EVOLUÇÃO

MORADA DO AMOR

A FORÇA DA ESPERANÇA

O DESTINO É UM JOGO

BALADA AOS CABELOS COR DE FOGO

RECOMEÇO

DECEPÇÃO

ALQUIMISTA DA FANTASIA

JÓIA SUBLIME

QUERIDA AMIGA

RASTROS DE ILUSÃO

MARIA ISABEL

RETORNAR É PRECISO

APENAS UM OLHAR

TUDO TE DEVOLVO

O TEMPO

LEMBRAR É PRECISO

VELHO ABRIGO

O TEMPO É MINHA ESPERANÇA

FENDAS NO TEMPO

TUA VOZ

SONETO DA TRISTEZA INFINDA

DUAS LEMBRANÇAS

DOR INFINDA

INGRATIDÃO

AMOR DE INVERNO

ARMADILHA

PAIXÃO E RAZÃO

AMOR PRIMATA

ALMAS GÊMEAS

ALQUIMIA

SONHO LOUCO

CHORAR É PRECISO

REMORSO

PROCURA

QUEM SOMOS?

PODRE FRACO E VIL

CIUME OU SAUDADE

SEGREDO DE UM SONETO

VEREDITO

CANTO DE SEREIA

PRINCIPIO E FIM

REMORSO

ESPERA UM POUCO...

ESSÊNCIA HUMANA

CARTA ANTIGA

FORÇA DA ORAÇÃO

CONTRASTE

PARABÉNS PRA VOCÊ

A VALSA

BANZO

COPIA FIEL

AMOR GLOBALIZADO

ESTÁ ESCRITO...

EGOISMO

SOLIDÃO A DOIS

PERFUME DA ILUSÃO

Adentro-me agora na velha Matriz
Onde fiz meu primeiro juramento;
Os nichos e as imagens no momento
Reabrem-me n!alma velha cicatriz!

Então, todo antigo trajeto eu refiz...
Da manhã à noite do sacramento;
Pensava, então, que o nobre sentimento
Fosse prá todo o sempre a força motriz!

Ledo engano, o tempo, senhor da vida,
Recolhe a melhor quimera escondida
Dentro do cofre de um coração!

Pouco restou... Nem odor de saudade...
Pois, do amor que pensava eternidade,
Só o perfume de sua ilusão!

PROCURA

Eu me propus, um dia, em aventura ousada,
Achar tua alma por milênios procurada...
E em sonho louco, entrecortado de esperança,
Eu te busquei pelas manhãs de primavera...
E dentre as flores do jardim de uma quimera
Eu te esperei na mais fiel perseverança!

Suplicava, então, com profundo sentimento,
Pudesse ter-te nem que fosse um só momento,
Alma com alma gozando a mesma emoção!
Sondei-te, em vão, pelas manhãs ensolaradas,
No vai e vem destas marés esbranquiçadas,
Vendo o horizonte mergulhar na imensidão!

Eu me perdi em madrugadas orvalhadas,
Sorvendo dores de paixões inexplicadas
Que dentro d'alma me ardiam em solidão!
Cerquei-te em preces nas mansões angelicais
E em tristes versos prometia em madrigais,
Que por inteiro eu te daria o coração.

No entardecer ruborizado de harmonias,
Por entre a brisa sussurrando melodias
Eu vislumbrava a tua sombra em cada trilha!
Cantei-te o amor em meigas tardes vaporosas
E nas estrofes de cantigas langorosas
Vi-me Dirceu a te sonhar como à Marília!

Mas isto tudo foi um prêmio ou foi castigo?
Por que me deram conhecer-te e estar contigo
Se me isolaram neste mundo de saudade?
Eu bem pressinto o teu olhar, mas não te vejo,
Minha alma pulsa de desejo e não te beijo

E nos separa a dimensão da eternidade!

Ah! como é triste e malfadada a realidade:
Cheguei cedo nesta vida e tu tão tarde...
Não te tenho e não me tens, não és minha nem sou teu!
Mas, que me importa esta saudade, esta distância
Se a ânsia que suporto no meu peito é tua ânsia,
E se a dor do pranto teu dói aqui no pranto meu?

MESMO AMOR

Inda uma vez vou te dizer: Repara
Nos meus versos ! São a nossa historia...
Cada estrofe mostra a trajetória
De um amor que sei, foi coisa rara!

Não sei de ti...Quanto a mim, já notara
Que bem aqui, na minha memória,
Teus beijos, abraços, toda a glória
Do ontem, canta em sintonia clara!

E, se acaso entoares este canto
Hás de lembrar, quem sabe, aquele encanto
Que os deuses do tempo lançaram em nós!

E, se o declamando, o pranto te rolar,
Então estaremos, nós dois, a cantar
O mesmo amor numa única voz!

TEUS VERSOS

A tarde morre e triste a noite se avizinha...
De novo estou só e na minh'alma se aninha
A saudade imensa de teu rosto lindo, de teu corpo esguio...
Busco escrever o que pediste;
Tento fugir do estilo pessimista e triste,
Mas meu peito só reflete d!alma intenso frio!

Olho o relógio que avança caprichosamente,
Insensível, em compasso lento, cadenciadamente
A consumir, impiedoso, os sonhos da vida...
E meu pensamento retorna ao momento,
Em que o destino me colheu em tormento
A te olhar como velha conhecida!

Quiseste sempre ter meus versos. São teus...
Pois se deles és a Musa, como dizer que são meus?
Em todos, porém, te digo: -Ficou meu coração...
Certamente tu dirás: -Que lindos! Quanta magia,
Sem saber que entre tanta poesia,

És a única que eu queria ter na mão!

PECADO ANTIGO

Num instante... Num relance de vida
Ela surgiu-me na tarde dolente...
Louca empatia tomou minha mente,
E a vi como velha conhecida...

Que estranha sensação a minha frente!
A visão dos meus versos refletida
Estava ali real e definida,
Como se nunca houvera sido ausente!

Então, pensei que fora agraciado,
-Por clemência e benesse do meu fado-
Com todas as delicias do cupido!

Mas, cedo toda a verdade eu lobrigo
Ao ver que, talvez por pecado antigo,
Este amor já nascera proibido!

BUQUÊ DE ROSAS

BUQUÊ DE ROSAS

No corredor do velho santuário,
Trazendo rosas e terço na mão,
Passou por mim, qual fosse ficção,
Minha musa rezando o seu rosário!

Sua presença era o próprio cenário;
Com gesto leve e terno de oração
Fez calar a descrente multidão,
E encheu de luz o velho campanário!

Mas, o desejo me chegou ao vê-la...
Quem dera pudesse tão rara estrela,
Voltar ao céu da minha solidão!

Não pude me conter; rolou-me o pranto,
Pois, fora um dia, todo o meu encanto,
Aquela noiva de buquê na mão!

ALMAS GÊMEAS

ALMAS GEMEAS

Quando almas gêmeas se cruzam no mundo,
um sentimento puro e mais profundo
paira no céu em forma de oração...
Para uma alma que de outra alma se enamora,
O tempo não se conta a cada hora,
nem se mede a distância em extensão...

Elas se fundem no tempo e no espaço,
e a rota rumo norte é só um traço
que se apaga no piscar da emoção!
Quando almas gêmeas se cruzam no mundo,
um sentimento puro e mais profundo,
Modula as almas num só coração!

Elas se buscam pelas madrugadas
e, sob o céu de noites prateadas,
se encontram na infinita imensidão...
E, então, livres das dores do mundo,
essas almas, em silêncio profundo,
se apegam na esperança em oração!

Quando as almas se unem em pensamentos,
voam milênios em poucos momentos
e, atravessam, qual raio, a eternidade!
Pra se unirem, não precisam de sorte
e, nem trespassar o portal da morte...
Basta o mesmo sonho e a mesma saudade!

ANJO

ANJO

Anjos (dizem) não existem na terra,
Não se comunicam com pecadores,
Nem andam nas vielas e corredores
Deste mundo que só maldade encerra!

Volitam muito acima desta guerra
Que a humanidade, vil e predadora
Trava entre si mesma, qual gladiadora
Do mal que toda evolução emperra!

-Anjos de carne são criações dos poetas-
 Dizem os pragmáticos estetas
Do amor: - Não aportam por aqui, não!

Eu não sei se têm razão... Sei somente
- E só sei, porque minh!alma não mente-
Que aqui, um anjo escapou-me da mão!

AUSÊNCIA

AUSÊNCIA

Vai alta a madrugada...
Quem passar pela calçada
Há de ver a lâmpada acesa...
Escrevo... Busco falar contigo nos meus versos;
Envolver-te nos meus sonhos dispersos
Onde tua presença é a única certeza!

Ao redor, tudo de tua ausência fala...
No meu corpo o teu perfume inda exala
E a nostalgia canta esta saudade em verso e prosa...
Dos olhos d'alma uma lágrima sentida me agasalha coração,
Tal qual lá fora, na vasta e erma imensidão,
Cai doce orvalho agasalhando a rosa!

APOCALIPSE

APOCALIPSE

Deus me ofertou o dom de ser poeta...
E todo poeta é meio vidente,
Um pouco adivinho, clarividente
Que ás vezes prevê desgraça completa!

Mas, a hecatombe que sinto na mente,
Não me parece uma arenga de profeta
Mas, sinal de calamidade certa
Predestinada ao mundo de repente!

Pois vendo esta leva de arrogância,
E a ganância instalada no planeta,
Pressente o bardo a derradeira guerra!

E com pesar por tanta intolerância,
Vê o tempo passando na ampulheta,
E o caos adulterando toda a Terra!

POEMA DA DESPEDIDA

POEMA DA DESPEDIDA

Um dia, quando fores bem velhinha,
Quando a nostalgia chega na alma e se aninha,
Lerás estes versos meus...
Lembrarás, então, das cantigas distantes,
Dos lugares errantes,
Deste entristecido adeus...

Um dia quando a saudade te apertar o peito,
Quando sentires que a vida é sonho desfeito,
Lerás estes cantos que são teus...
Lembrarás, então, daquelas noites de luar,
Das estrelas andando sobre o mar,
Deste amargurado adeus...

Um dia, quando souberes que eu parti,
Estejas certa que os momentos que eu vivi,
Estão contidos nestes pobres versos meus...
Abra, então, teu coração enternecido,
Abriga os sonhos de um poeta entristecido,
Que num lamento um dia te disse adeus!

NO MOSTEIRO

NO MOSTEIRO.

Eu sinto bem que a injustiça e a maldade,
Predominando neste mundo insano,
É retrocesso ao primarismo humano,
Prenhe de sorrateira iniquidade!

Parte da desumana humanidade,
Se aproxima do ontem leviano,
Cujo passado, macabro e profano,
É berço da irracionalidade!

De tanto ver como essas turbas agem,
Vivo esta vida com pesar medonho,
Pois que a desgraça assola o orbe inteiro!

Busco então, neste mundo de passagem,
Aquela Paz que desde o berço eu sonho,
No silêncio deste velho mosteiro!

RENÚNCIA

RENÚNCIA

Por que tanto amor?

Perguntei esta manhã à natureza
que amanheceu coberta de tristeza,
vertendo lágrimas de uma dor quase incontida...

De onde vem tanta dor?

Ela me respondeu num sussurro entristecido:
- Vem de longe, de um mundo atrás já vivido
e que ousaste buscar nesta vida...

Mas, que estranho amor é este, sem fim?

Perguntei à tarde silente e serena
que morria no fim do céu, lânguida e amena,
matizando de vermelho o horizonte...

Desde quando habita em mim?

-Desde o primeiro entardecer no mundo
quando juntos, em êxtase profundo,
dois corações se separaram num instante...

E por que a tudo resiste?

Indaguei da noite resplendente
que derramava seu luar resplandecente
Sobre minh'alma presa em desventura.

De onde vem esta saudade triste?

Disse-me a noite de prata engalanada:
-Almas gêmeas que se perdem na estrada,
ficam escravas deste amor triste e profundo.
Pra se encontrarem um dia novamente,
hão que nascer e renascer diuturnamente
com muita renúncia no mundo!

ANTE A LIÇÃO DA PANDEMIA

ANTE A LIÇÃO DA PANDEMIA.

Se já vislumbras a grande Verdade
Da vida, medita mais sobre ela...
Lembra que o sonho que noss'alma anela
Só por nossa ação vira realidade!

De que vale entrever a claridade
Que paira no universo em aquarela,
E não compreender que a celeste tela
Estampa nuanças da Divindade!

A Lei ensina caridade e amor
Que, na exegese do Consolador,
Medram, além do céu, nossa visão!

Abramos, pois, o Código da Vida,
Que impõe íntima reforma na lida,
E trabalhemos, em nós, a lição!

SONETO DA DÚVIDA ETERNA

SONETO DA DÚVIDA ETERNA

Queres saber de mim... Que faço agora,
Onde estou e se penso em ti, também;
Dos versos meus, me indagas donde vêm;
Se deste instante ou d!um instante d!outrora!

Na dúvida, que dentro d!alma aflora,
Te perguntas ? bem sei - Serão pra quem?
-Terá o amor do bardo outra refém?
Que sofrimento a mente te assenhora!

Por que sofres assim inutilmente?
As memórias que trago em minha mente
Serão tuas, hoje, agora e em qualquer dia!

Pois que são, embora nossa distância,
Cá dentro de minh'alma com constância,
Doces lembranças de tua companhia!

AMOR DE INVERNO

AMOR DE INVERNO

Foi numa tarde cinzenta, triste e fria,
que a mim chegaste graciosa, um dia,
e meu nome rabiscaste pelo chão...
E tão triste como a tarde me falavas
que assim fazendo ali depositavas
o tesouro de um triste coração...

Mas a chuva veio aos poucos desaguando
e o meu nome devagar foi apagando
sem que visses o meu pranto de emoção...
E seguimos rumo norte na jornada,
separados... Cada qual em sua cavalgada
de amargura, de tristeza e solidão...

Na despedida me disseste entristecida
que te sentias uma intrusa em minha vida
e que minh!alma era fria como a tarde!
Emocionado, simplesmente eu te olhava
e impotente para dizer que eu te amava
deixei que fosses... Fui covarde!

Hoje a tarde é fria como aquela
e a saudade no meu peito é como a tela
que a dor tingiu com poeiras de granito!
E desde aquele dia em minha vida
ficou-me impresso dentro d!alma dolorida
teu doce nome para sempre escrito!
Junho/2006

EVOLUÇÃO

EVOLUÇÃO

A dor que assola a Terra é irracional...
O que era vida, agora se faz morte!
E os povos que traçaram sua sorte,
Sentem na alma a pena da Lei Natural!

Não se vê nação fraca ou nação forte...
Raça, sexo, cor ou credo, tudo igual!
O algoz é comum, é subnormal,
Leva todos consigo rumo norte!

De polo a polo sofre a humanidade,
Suporta o medo, pois sem piedade,
A hecatombe lhe inflige grande mal!

Blasfema, mas não vê que tal faxina,
Longe de ser apatia divina,
É só um meio de evolução moral!

06/04/2020

SER POETA...

SER POETA...

Me perguntas o que é ser poeta...
Ser poeta é ser, nesta vida, um perfeito esteta
Do amor - a mais singular das artes-.
Ser poeta é viver num mundo real de fantasia
Onde, num instante mágico, a alma se extasia
Em nuanças sutis de mil contrastes.

É a ventura de ver além do véu...
Sentir, dentro d´alma, o que existe entre a terra e o céu
E poder entender, sem explicação, estranha realidade...
Ser poeta é viajar no tempo, sempre rumo norte,
Transpor , emocionado, o limiar da morte
E voltar sentindo Deus e a eternidade!.

É sentir da rosa murcha o perfume,
Ver beleza e claridade no negrume
De uma noite em tempestade...
Ser poeta é transformar amargura em fortaleza,
Pintar do passado a realeza,
Numa tela colorida de saudade...

Ah! Quem me dera poder poetizar!
Dizer da terra, do céu, do mar,
Deste amor que nasceu noutro mundo!
Ah! Quem me dera poder poetizar
E cantar nesse mundo, distante a brilhar,
Toda a dor deste amor tão profundo!

REENCARNAÇÃO

REENCARNAÇÂO

Contrastam-se neste mundo, abundancia e fome,
Opulência e escassez, teísta e ateísta;
Humildade que ajunta e orgulho que consome,
Egoísmo que cai e altruísmo que conquista...

O obreiro lutador e o fraco comodista,
O ricaço que esbanja e o pobre que não come,
O pródigo bendito e o avaro parasita,
O pérfido sem fé e o benfeitor sem nome...

Por todos os contrastes que esta vida abriga,
Da saúde que abençoa à doença que castiga,
Eu creio em Deus, sim, mas é só pela razão!

Para isso não me valho de nenhuma fé,
Pois provido como sou de inteligência até,
Tenho inata certeza da reencarnação!

DAMA DO AMOR

DAMA DO AMOR:

Vagava a esmo pela rua... Madrugada!...
Na miséria da sarjeta, do nada
Vi a Dama do Amor!... Santa beleza...!
Na escória, o rosto esquálido da fome
(Tirano implacável que o corpo consome)
Refletia a abundância da pobreza!...

Sem pejo algum, e, prenhe de nobreza,
Parou junto a jovem mãe indefesa
Que ao filhinho dava o seio já deserto!...
E vi, quando estendendo as mãos à pobre
Rogou-lhe: *"- Coragem!.. Há gente nobre*
Que vela por ti!... O fim da dor é certo!.."

Adiante um velho aflito, passo incerto,
Doente, abatido, só, a céu aberto
E, humilhado pela pecha de ocioso!...
Ouvi, ainda, sussurrar-lhe ao ouvido:
-Coragem! O caminho dolorido
Leva ao Reino Divino e Majestoso!...

Perguntei-lhe, então, surpreso e curioso:
Que credo segues, que é raro e virtuoso,
E, porque ages na noite sem espreita?
- Todo bem que a mão direita propaga,
Se visto pela esquerda, já se paga...
"Dar sem receber"... De Deus é esta a seita!...

Mas, afinal quem és alma perfeita,
Que o roto consola e sua dor respeita?

- Eu sou o Amor de Deus na humanidade
Que segue a Luz da terra prometida;
O egoísmo me chama de iludida,
E o sofrimento apenas: Caridade!...

AS CURVAS DO CORPO DELA.

AS CURVAS DO CORPO DELA.

Jovem, estudava literatura,
Arte cênica e advocacia,
Presumia até que já entendia
Da paixão e até sua conjuntura!

Bem letrado frequentei a alquimia,
E cria saber do desejo a cura!
Versado em mapas, e em sua leitura,
Achava ler, d!alma, a cartografia!

Jamais me perderia no oceano
Dos ardores, nas águas da emoção,
Onde navegam a dor e a mazela!

Mas, ao vê-la, logo vi meu engano,
Pois, querendo mapear seu coração,
Naufraguei nas curvas do corpo dela!

POBRE POEMA

POBRE POEMA

Eu queria escrever um poema,
De rimas ricas onde o amor por tema,
Na sutil forma métrica se ajustasse;
Que fosse arauto do esplendor da natureza,
Qual mensageiro de celeste realeza,
E todo o bem do mundo retratasse...

Que a saudade se inserida, com certeza,
Não fosse um canto de nostálgica tristeza
E nem a fúnebre revolta ressoasse;
Mas ao contrário, em melodia harmoniosa,
Qual sinfonia alvissareira, auspiciosa,
Todo o esplendor da vida emoldurasse...

Que a amargura, essa eterna companheira,
Fosse versada como a sombra passageira
E não marcasse com tamanha intensidade...
Que a tristeza de um imenso amor perdido,
Soasse em notas de um cantar enternecido
E não vibrasse com as rimas da saudade...

Eu queria escrever um poema,
De rimas ricas onde o amor por tema,
Não me lembrasse a realidade desta dor...
Mas quem sou eu para fazer tal poesia,
Se dentro d'alma desde o berço eu já trazia,
Toda a amargura da saudade deste amor...

À MINHA MUSA

À MINHA MUSA

Queres saber o que é poesia...
Definir poesia é explicar da vida a simplicidade, do amor a nostalgia...
Definir poesia é dizer o que seria o mundo se pudesse dar guarida a todo sentimento sincero, espontâneo e puro...
Poesia, no fundo, eu te juro, é a pura sensibilidade na alma escondida,
é a saudade no mais requintado apuro, da dor de uma ilusão perdida!
Poesia é uma estrela brilhando no céu de um coração impuro...

Poesia é tudo. O rio que passa cantando,
a cascata carícias sussurrando,
tudo, enfim, que a natureza revela...
A chuva batendo na janela, um par de rolas se amando,
a banda no coreto tocando,
o sonho que a criança anela...

Poesia é muito mais do que imagina
teu róseo coração de menina...
Não é só amor, nem só paixão,
muito menos só desejo...
Poesia é d!Alma aquele ensejo,
de ver tudo com emoção!

É sentir em suave encanto, o brilho do sol, o perfume da flor!
É viver sonhando em doce encanto, exaltando o real e puro amor...
Poesia é a manhã orvalhada, a primavera perfumada, a lua prateando a imensidão!
É o sol em seu último lampejo,
amortalhando a solidão em que me vejo,
na noite deste céu sem dimensão!

Poesia é, por exemplo,
um hino cantado no templo,

em prece augusta de Paz...
Poesia- tenha n!Alma esta certeza:
É a própria natureza, que em sua imensa grandeza,
um pouco de Deus nos traz...

ALQUIMIA

ALQUIMIA

Recluso, avisto o vale verdejante...
A sombra do arvoredo se contrasta
Com a lucerna do sol que se afasta;
A paisagem é condão deslumbrante...

Indago num relance, num instante,
Se a vida me foi justa ou foi madrasta,
Pois que a amargura o coração vergasta;
Encontro-me só, a angústia é constante...

Mas, a resposta minha!alma trespassa:
O destino que todo o rumo traça,
É só fruto daquilo que eu irrigo!

Descubro, então, que tenho companhia
Pois, fruto de minha própria alquimia,
Enorme solidão mora comigo!

O QUE É SAUDADE ?

O QUE É SAUDADE?

Queres saber o que é saudade...
Saudade, eu te juro, é verdade!
É tristeza sem fim, um vazio...
É presença eterna e distante,
Uma dor dentro d!Alma constante,
Nesse mundo amargo e sombrio!

Saudade é esperança perdida,
Coração batendo sem vida,
Que a nostalgia amortalha...
É flor que nasce em solidão
No jardim de um coração,
Que o orvalho da noite agasalha...

Saudade é isto, não me iludo.
Um olhar, um suspiro mudo,
Uma sombra que a alma acaricia...
É como o vento, que rasga o espaço
Deixando seu sopro por traço,
Noite após noite, dia após dia...

Saudade é mesmo um simples beijo,
Um sorriso alegre, um desejo,
Soluço na alma represado...
Saudade é um vestido rosa,
Um verso sutil, uma prosa,
Um verso metrificado!

Saudade é o céu no coração,
É o mar bravio, a imensidão,
É noite resplendendo em prata!

Saudade é uma tarde fugindo,
É a lua em silencio surgindo,
Trazendo esta dor que maltrata!

Queres saber o que é saudade...
Saudade eu te juro, é verdade:
Difícil passá-la da mente!
Por mais que a escrevam os estetas,
Por mais a declamem os poetas,
Dela , só sabe mesmo é quem sente!

VERBO AMAR

VERBO AMAR

Indagas sempre se eu te amo...
E, se é teu este amor que proclamo
Nos versos tristes que te entrego...
Duvidas que eu te ame? Pergunta às manhãs ensolaradas,
Ainda carregadas de esperanças orvalhadas...
Por certo hão de segredar-te o que eu não nego...

Queres saber se te amo?
Escuta o trinar do sabiá no verde ramo,
Sonda as estrelas, confidentes do luar...
Duvidas que eu te ame? Pergunta ao sol em sua lânguida agonia,
E a correnteza em sua eterna sinfonia...
Por certo saberão te confirmar...

Perguntas se este amor é de momento...
Já percebeste, acaso, o murmurar do vento?
Repara como em canto, sustenta o amor no ar...
Quanto eu te amo? Sonda os querubins na imensidão.
- Pra escrever com precisão ? certamente te dirão,
- Que é pequeno o verbo amar!

PALAVRA

PALAVRA

Diz o ditado que a vida é que ensina,
Pois que ela, do universo, é disciplina
Que nos conduz rumo norte à ascensão!
É soletrando o seu abecedário
Que buscamos neste educandário,
A colação do grau da perfeição!

Desta vez, por sublime inspiração,
Aprendi, e guardei esta lição:
Cuidar da palavra é caridade,
Pois dita, sem cuidado, ao semelhante,
É verbo infeliz que fere no instante,
E n!alma se assenta sem piedade!

Por isso tenha sempre esta certeza:
A palavra, quando expressada em crueza,
Ainda que pareça verdadeira,
É flecha em brasa que segue sem volta,
Leva aflição, mágoa, dor e revolta,
E, marca a alma pra existência inteira!

SALÂO GRENÁ

SALÃO GRENÁ

Desperta a aurora... O sonho do poeta inda é lembrança...
Lembrança do Salão Grená! Do enredo, fiel protagonista!
A melodia no éter inda ressoa... Eterna herança
No coração do bardo saudosista...

E ao recordar as alvas mãos da inspirada pianista,
Dentro d!Alma do vate a saudade não descansa!
Desperta a aurora... O sonho do poeta inda é lembrança...
Lembrança do Salão Grená! Do enredo, fiel protagonista!

Ah! Quanta dor, quanta amargura, quanta esperança
Soterrada no tempo, este algoz implacável, frio, realista...
Tenta o bardo reter a madrugada que avança;
Ora, clama, implora... Não há nada que a resista!
Desperta a aurora... O sonho do poeta inda é lembrança...

POR QUE SOU POETA ?

POR QUE SOU POETA?

Um dia vi as rugas no meu rosto...
Não lembrava sequer ter sido adulto,
E a vida já me parecia um vulto,
Na neblina do tempo, descomposto!

Senti, talvez, a essência do desgosto...
Nada me restando erigi um culto
À lembrança d!um amor insepulto
Que trazia do fundo d!alma exposto!

Então, compondo versos para ela,
Na senda de imortal filosofia,
Revi-me infante outra vez a cantar!

Por isso sou poeta, e, faço poesia,
Pois ela traz-me a doce imagem dela
Tão viva e clara como a luz solar!

O AMOR E A ROSA...

O AMOR E A ROSA...

Uma rosa num vaso perfuma tanto
quanto na roseira plantada...
E, mesmo eu não querendo, é assim
o meu amar...
Uma rosa colhida, cujo perfume não quer se acabar.
Busquei fugir de seu odor,
quis desfolhá-la com furor,
mas minhas mãos se tornaram
eternamente perfumadas...

TEU SORRISO

TEU SORRISO

Vejo-te... o peito pulsa latente,
E dentro d!alma se instala o conflito!
Pobre bardo... Teu sorriso bonito
Deflagra-me este querer pungente!

Etéreo riso... meigo e atraente
Que faz o vate suspirar aflito!
Bem perto, mas tão longe... no infinito
Como a estrela lá no céu reluzente!

Não te direi de todo o meu desejo,
Pois cá no pensamento antevejo
Que será confissão de pouco siso!

Por isso, dessa louca fantasia,
Muito não te peço : Eu só queria
Um beijo ardente deste teu sorriso!

Nelson de Medeiros

AMOR E PENSAMENTO

AMOR E PENSAMENTO

Um dia, quando chegares à laje
em que descanso,
não mudes teu meigo gesto,
tímido e manso...
Não chores, não lamentes,
E nem sinta ciúme...
Não te preocupes com as flores,
lembra só do seu perfume...
Não me busques ali,
Pois que ali não habito...
Na pedra úmida e fria
Algo haverá por certo escrito:
Ore apenas e, solitária na saudade,
Não digas nada;
busca apenas entender o que fomos
na jornada...Creia que onde quer que estejamos
tudo ouvirei neste momento,
pois quem amou tal qual amamos,
basta apenas pensamento!

SAUDADE DIFERENTE

SAUDADE DIFERENTE

Existirá uma saudade diferente?
Uma saudade que não causa sofrimento,
Que não desequilibra, não confunda a mente
E nem transforma em agonia o sentimento?

Acho que sim... È dela que eu falo somente!
A nostalgia sem par, terna, sem tormento...
Não é egocêntrica , não é deprimente,
Nem é lembrança somente d!um momento!

Não é a saudade mundana da paixão,
Do desejo, que tudo leva de roldão...
É bem outro o cantar que nestes versos ponho!

A saudade que eu canto não é de pessoa...
É do lugar onde minha alma livre voa,
E onde vou a cada noite, em lindo sonho!

A CIGANA

A CIGANA

Inda moço, no fim da formatura,
Pegou-me a mão uma jovem cigana
E disse: - O que vejo não me engana;
-Hás de encontrar tua alma gêmea e pura!

Nunca vira assim tanta formosura...
Só que eu, desde o berço, em procura insana
Buscara, aqui, a perfeição humana
E nunca cri em fado de ventura!

O tempo passou... Findou-se a esperança,
Mas aquele rosto em minha lembrança
Desde então toda a m!Alma flagela!

E, só agora, entendi com clareza,
Que nada é por acaso e com certeza
A linda cigana me dizia dela...!

A UMA PROSTITUTA

A UMA PROSTITUTA

Uma vida inteira não apaga um instante...
Eu era jovem, imponente, arrogante;
Narciso errante a ofuscar o abajur lilás!
As cortinas do quarto, a renda albina
da cama , eram de elegância rara e fina...
O mais excitante quadro que eu vi inda rapaz!

Era Samira a mais bela do imenso lupanar
que eu buscava na ânsia louca de amar
e que aos meus pés se prostrava qual escrava!
Os seus seios?! Duas frutas, duas peras liriais...
E nas pontas duas pedras rosadas, magistrais,
que a natureza meu sentido embriagava!

Seus cabelos?! Ah! Seda pura de brocados
a rolar por seu colo em contornos delicados
colorindo a sua pele como trigo!
Tinha o corpo de donzela, das vestais
da antiga Roma, de belezas sem iguais;
uma miragem! Uma deusa do Egito antigo!

O tempo passou e outro dia eu vi Samira...
Ah! não era a mesma que na cama eu vira
como, de todas, a mais bela e mais astuta!
E triste, então, a contemplei por um momento...
Pele enrugada, cabelos brancos, rosto macilento,
me indaguei: Como amei tão estranha prostituta?

23.10.2006

DE UM VELHO DIÁRIO

DE UM VELHO DIÁRIO

Num diário pelo tempo amarelado,
Achei esta frase ali esquecida:
-Inês é a razão da minha vida,
Tudo que nela tenho procurado!

Mas, jovem, pelo mundo apaixonado,
E, com alma de razão desprovida,
Da bela Inês fugi sem dar guarida
A seu amor que era puro e elevado!

Na vida, porém, dizem, tudo volta...
E sem que eu percebesse o meu fado
Trouxe a mim tal sensação outra vez!

Só que agora a alma chora e se revolta,
Pois quem amo, e não posso ter ao lado
É tudo o que fora a encantadora Inês!

RÉU CONFESSO

RÉU CONFESSO

Não posso mais manter este segredo:
Ato passional perfeito e acabado!
Nele, porém, não existe pecado,
Pois crime de paixão eu me concedo!

Ilícito de ardor imaculado;
Por isso esta infração não me dá medo!
E se a lei apontar-me com seu dedo,
Eu nunca aceitarei ser condenado!

Quanto a ti, jamais dirão que és culpada,
E se algum dia assim fores julgada
Eu prometo assumir o crime inteiro!

Então me tornarei um réu confesso,
E sem defesa, sem qualquer processo,
Para sempre serei teu prisioneiro!

INJÚRIA

INJÚRIA

Escuta: Não te entregues assim a amargura,
Nem dê guarida a tanta dor e a tanto medo;
Antes de tudo atenta bem neste segredo
Que a vida nos oferta eleva e transfigura!

Tudo se transforma com a arte da brandura...
Com paciência a chuva bate no rochedo,
E gota a gota deslizando no arvoredo,
induz a terra a produzir nascente pura!

Ante a injúria, que te assola em amargo pranto,
Não revides... Espera apenas mais um tanto,
Pois que o tempo é lenitivo do coração!

Escuta da vida o conselho que ilumina:
Se anseias ver tu!alma em fonte cristalina,
Perdoa agora e em qualquer situação!

MAL SEM CURA

MAL SEM CURA...

Não pode ser- penso- isto é loucura;
É sonho apenas me diz a esperança !
Devo acordar ? a razão me afiança...
Mas, vivo ou durmo nesta desventura?

Sou morto-vivo neste mal sem cura,
Espectro da dor que a tudo alcança...
No mundo tudo evolui, tudo avança,
Só este amor em min! alma perdura!

Ele está no meu sonho e realidade...
E se acordo, sinto estranha saudade
Daquela moça de doçura infinda!

Não sei se isto é viver ou se é morrer,
Pois, quanto mais quero dela esquecer,
Tanto mais dela me recordo, ainda!

TROVAS (1)

AMOR
Que enorme felicidade,
Eu vi nos rosto fininho,
Da mendiga da cidade,
Dando um pão pra seu filhinho!

JULGAMENTO
Que me importa o julgamento,
Que me fazem de antemão!
Eles julgam meu momento,
Mas, Deus me julga a intenção!

PAIXÃO
Paixão- castelo de areia,
Que sem metro a alma faz!
Ante a maré que se alteia,
Num segundo se desfaz!

REFLEXÃO
Esta saudade incontida,
Que parece realidade,
É saudade de outra vida,
Que vivi sem ter saudade!

QUEM SOMOS?

QUEM SOMOS?

Contemplo o mar: a cúpula azul- prateada
Reflete sobre mim sua luz infinita;
O coração, em lasso vai e vem, palpita
Como as ondas em sua marulhada!

Perdido na vasta imensidão estrelada
Questiono: Haverá no céu que me fita
Alguma coisa além da beleza que o habita?
Algo mais que esclareça a árdua caminhada?

Se nada mais existe que não for matéria
A deslumbrar a vista em paisagem etérea,
Que mistério é este que a razão trespassa?

Onde nasce esta luz que me resplende agora?
De onde vem esta canção que do mar aflora,
E que saudade é esta que a minha alma enlaça?

LUZ E SOMBRA

LUZ E SOMBRA

Nasce a madrugada! A noite morre...
Cantam os bem-te-vis na galharada,
E, a brisa mansa que lá fora corre
Abranda o desalento da jornada!

Irrompe a aurora em ouro matizada...
Réstia de luz dourada me percorre,
E, toda a amargura n!alma arraigada
Cede ao lume que brilha e me socorre!

E no meio de tanto encantamento,
Tua lembrança é benfazejo alento
A me trazer a vida e não a morte!

Mas, logo volta todo o desencanto,
Pois que a lucerna de vida, entretanto,
Traz também a saudade por consorte!

POEMA DE AMOR

POEMA DE AMOR

Eu te amo como amo o silencio profundo,
meu berço natal e seu solo fecundo...
Eu te amo como amo a tarde ensolarada,
a noite prenhe de estrelas, a branca lua
e seu rastro que brilhante flutua
na imensidão onde as Musas têm morada...

Eu te amo como amo o refrescante aroma
do imenso mar que no horizonte se assoma...
Eu te amo como amo da noite a luz,
como amo do dia as cores,
o cantar da passarada ,as flores
da campina verdejante que seduz!

Eu te amo como amo o despertar da aurora,
a tarde no poente que estertora...
Eu te amo como amo a doce viração
que toda a folhagem do bosque ondeia
e onde a nostalgia vagueia
passeando em solidão...

É verdade... é bem verdade que eu te amo...
Mas tu nunca saberás de tanto amor
nem ouvirás do meu peito este cantar!
Este cantar que traiçoeiro bem revela,
todo o sofrer que amargurado anela
o coração deste insensato trovador!

Mas, que importa que minh!alma despedace...
Os meus lábios hão de selar-se
no silêncio que impõe a lei...
E lá, nas estrelas, onde a dor fenece,

onde a luz que brilha não falece,
lá sim... Saberás o quanto eu te amei!

MÃE

MÃE

Mãe, neste mundo de vícios,
Vive apenas dois momentos:
O que passa em sacrifícios,
E o que vive em sofrimentos!

POR ELA...

POR ELA...

Por ela eu tenho uma atração sincera
Que por outra não tive nesta vida!
Atração que parece revivida,
Como se antes igual já tivera!

Seu olhar intuindo que me espera,
É impressão que o imo dá guarida!
Sensação que parece compartida,
Com algo diferente que impera!

Encanto que trazido d!outra estrela,
Não é dor do desejo que maltrata,
Nem loucura que a obsessão retrata;

Mas ao contrário, é terna lembrança,
Prenhe de amor, lucidez e esperança
A atração que minha alma sente ao vê-la!

SOLIDÃO

SOLIDÃO

São seis horas... Aperta-me o coração...
A chuva, lá fora, indiferente à solidão
cai dolentemente...
Ela é como a solidão. Na tarde que declina
ela sai aos poucos do mar e ganha as alturas num espetáculo que fascina a mente...
Depois, no silêncio da noite, despeja suas águas sobre a cidade...
Nas horas tristes quando a nostalgia o peito invade
e os amantes perdidos se abandonam ansiando pela aurora,
ela vai juntando, pouco a pouco, os pingos das lembranças
para no ápice do desespero despejar o dilúvio das desesperanças
sobre a alma que, pungente, geme e chora...

Rezo... Olho a negra imensidão...
Quisera abrir o céu com minha mão
e libertar uma estrela linda...
Entre tantas escondidas no sidéreo manto,
eu saberia qual delas faz do meu pranto
a chuva desta dor infinda!

HISTORIAS D!OUTRO MUNDO.

ACONTECEU EM FLORENÇA...

Eu comecei a ouvir historias por volta dos meus seis ou sete anos de idade. Não sei bem como conheci a pessoa que as contava; simplesmente um dia ela surgiu do nada e me disse: "- *Quer ouvir uma historia?*". Claro que eu quis. Achava normal que uma pessoa adulta me contasse historias, e, dele ouvi muitas, pois que se me apresentou como um senhor de meia idade, muito tranquilo e ? talvez pela inocência da idade- não me causou receio algum. Pensei mesmo que fosse um conhecido da família ou algum vizinho bom. Naquela época se confiava mais nas pessoas.

Contou-me várias aventuras. Às vezes ele se referia a si e outras vezes a "eles". Pareciam historias reais e eu prestava atenção sem me dar conta do por que delas. Intitulava-se "um amigo" e somente muitos anos depois é que fui perceber que só eu estava presente para ouvi-las. Por vezes era no quintal de casa à sombra dos mangueirais, outras no meu quarto quando estava sozinho e até mesmo no recreio da escola primária nas ocasiões em que não havia alguém por perto.

De um modo geral eram contos simples; falavam de castelos, de brasões, de escudos, adagas com cabo de pérolas, de príncipes e princesas os quais eu, inconscientemente talvez, ligava à indumentária que ele usava e tudo me parecia normal. Dos enredos não me recordo com precisão, mas ficou pairando na memória uma névoa de lembrança de que elas acabavam sempre com algum tipo de castigo, remorso ou coisa do gênero.

Eram, muitas vezes, tristes, e, não raras vezes eu chorei ao escutá-las. Mas, havia também, disso me lembro bem, no final de cada um destes contos um conselho sobre como agir na vida com as pessoas e comigo próprio no sentido de evitar aqueles desfechos. Uma espécie de "moral da história" que era sempre entendida, apesar de minha pouca idade, posto que colocadas de uma maneira muito simples, assim como nas fábulas.

Mas, isto acabou e durante a minha juventude não vi nem a sombra dele, do qual, diga-se a bem da verdade, esquecera completamente.

Entretanto, por volta dos trinta e cinco anos de idade tive novo contato. Na época eu trabalhava em uma repartição púbica e exercia minhas funções em uma sala bem ampla, bastante arejada. Trabalhava só e aquele fora um dia de pouquíssimo movimento, não só pela chuva torrencial quecaia lá fora, mas também por ser fim de semana, período em que o povaréu, por conta da cultura, não acredita que um servidor público trabalhe.

Nesse dia, quando ingressei no recinto da minha lida diária por volta das oito horas da manhã me deparei com uma figura bastante hilária pela forma estranha, quase grotesca mesmo, como se apresentava.

Postara-se de pé ao lado da máquina de escrever, e, realmente me causara certo espanto a sua indumentária. Por um segundo pensei pudesse ser alguém com problemas mentais, o que não era tão raro assim onde exercia minhas funções; entretanto me lembrei quase no mesmo instante do "amigo de infância" que me contava historias e que sumira. Era ele, sim, pois que em nada mudara desde os longevos tempos da minha infância. Interessante que antes suas roupas não me chamavam atenção como fizeram naquele momento, embora me parecessem ser as mesmas.

Trajava uma espécie de paletó preto, bem incomum, e sobre ele se ajustava uma túnica feita de tecido colorido e bem ornamentado; a parte inferior do corpo era coberto por uma espécie de

calção, meio bufante, que contrastava com as meias compridas e muito justas que lhe cobriam inteiramente as pernas; calçava sapatos de bicos achatados e bem largos, e, ao redor de todo o pescoço sobressaia-se uma gola grande de renda branca, exageradamente engomada.

O rosto era o mesmo de décadas atrás e disse que ia me narrar a própria historia e que eu não voltaria a vê-lo nem ouvi-lo nesta vida. Mas, avisou-me que outros viriam me narrar suas historias para que eu as publicasse, um dia, quando, e, se assim eu desejasse. Afirmou, também, que eu somente as ouviria se seguisse algumas recomendações, as quais, porém, eu não estaria obrigado. Dependeria, segundo ele, do meu interesse no estudo das obras de Alan Kardec, da Doutrina Espírita e, principalmente, do meu livre arbítrio.

Tanto mais fácil eu escutaria o que iam me relatar e tanto mais fiel os reproduziria, na medida em que eu entendesse a finalidade do estudo indicado, e, procurasse aplicá-lo, diuturnamente, na minha vida. Interesse eu tive, estudei e entendi muita coisa, mas, nem sempre apliquei, à risca, aquilo que descobri ser o motivo de nossa existência na Terra. Finalmente me asseverou que somente verdades eu escutaria e que eu as usasse e ajustasse da maneira que eu entendesse correto e de algum proveito para quem as lesse.

Guardei-as por um bom tempo, mas agora repasso as que mais claramente pude escuta e grafar.

Contou-me, então, que vivera uma vida passada em meados do século XVI nos anos dourados da Renascença Italiana, precisamente na cidade de Firenze.

Seu espírito imortal encarnava, então, a personalidade de Giacommo Paventelli, escritor, teatrólogo, poeta, existencialista por convicção e que gozava de imenso prestigio em toda a região da Toscana.

Profundo conhecedor das fraquezas humanas usara e abusara da facilidade que possuía no manuseio das letras publicando obras filosóficas - a maioria falaciosas - com único intuito de beneficio próprio. Exímio conhecedor das artes cênicas não raras vezes atuara no palco da vida enganando pessoas de bem com a finalidade de locupletar-se financeiramente para satisfazer seus desejos e vícios.

Pródigo no manejo dos versos líricos soubera, como ninguém, aproveitar-se da credulidade das "ragazzas" casadoiras, o que fez por várias vezes até que conheceu Leonora, jovem pura e inocente que, iludida por mil promessas de consorcio e juras de amor eterno, acabou por ceder aos caprichos libidinosos daquele que acreditava amá-la da mesma forma que ela o amava.

Entretanto, tão logo satisfizera seus instintos animais ainda latentes em seu espírito devasso e atrasado descartara a jovem sem qualquer pejo. A ingênua "bambola", caída em desgraça perante sua gente, prenhe de vergonha partiu de sua cidade natal. Espírito ainda fraco, não teve a suficiente coragem para enfrentar as provações que ela mesma escolhera para progredir, e, entregou-se à prostituição. Pouco tempo depois, abandonada, só, desiludida e doente, retornara à cidade dos Médicis, e, numa noite de solidão e amargura jogara-se nas águas do Rio Arne.

Ele, Giacommo, a seu turno, continuou seu "modus vivendi" e, sem nenhum sentimento de culpa, totalmente despreparado para as coisas de além-túmulo, desencarnara aos 60 anos, vítima dele mesmo, de sua vida insana e desregrada que lhe consumira a saúde antes da data marcada pela Lei Maior que rege toda a vida no Universo.

" *Certa manhã*, disse-me, "*abri os olhos como se acordasse de uma noite comum bem dormida sob os efeitos do vinho capitoso ao qual me acostumara a sorver desbragadamente"*

"Porém, coisa estranha", disse-me: *"Não me supunha morto e por um tempo que não sei precisar vaguei insanamente pelas ruas fazendo tudo que estava acostumado a fazer, muito embora numa angustia e desespero alucinantes, pois que as pessoas do meu meio não me respondiam as perguntas, não dialogavam comigo, pareciam não me ver. Mas, amargura inaudita! Falavam de*

mim ? eu os ouvia ?e sobre mim teciam os mais desairosos comentários. Aos poucos, porém, foram se esquecendo; os comentários cessaram e, embora eu as procurasse não mais as encontrava em parte alguma".

Quando um espírito desencarna nas condições descritas tendo vivido uma vida dissoluta e acarretado com isto o mal a seu semelhante como acarretou para a jovem Leonora - seu principal deslize naquela existência corporal- desconhecendo totalmente os valores morais e a vida de além-túmulo, perambula pelo mundo material por meses, anos e não raras vezes por séculos sem entender a sua real situação. Mas, a Lei Maior que nos governa é imutável e implacável na cobrança das dívidas contraídas assim como é justa nas benesses pelo progresso moral que conseguimos por nosso esforço próprio.

"Um dia"- prosseguiu:" *Quando já cansado das repetições, alcançou-me o cansaço e em seguida o tédio. Foi quando me lembrei de Leonora e bastou-me um pequeno sentimento de pesar para que ela surgisse diante de mim".*

A vida do espírito desencarnado muitas vezes é assim. Sem se dar conta do que lhe aconteceu vaga sem perceber que não pertence mais ao mundo material e age - muito embora mergulhado em angustias- como se continuasse encarnado. Basta, porém, um segundo de lembrança do mal que praticou para a que a realidade se faça visível para ele.

"E surgira de uma forma aterradora! Debatia-se desesperadamente debaixo d! água, sentindo as mesmas dores do gênero de suplicio escolhido e consumado, ao mesmo tempo em que vociferava impropérios, lançando sobre mim acusações de "assassino" e promessas de vingança eterna. Leonora estava ali, desfigurada, acusando-me de um crime que eu não cometera! Embalde foram minhas alegações de inocência. Então, ora mergulhado nas mesmas águas sufocantes que ela, ora em bordeis asfixiantes e mal cheirosos, fui vivendo todos os sofrimentos que ela vivera na carne e em espírito. Quanto tempo durou isto? 10, cem duzentos anos? Não sei. O tempo aqui não existe, Il mio amico".

"Então, depois de um tempo que não posso calcular, senti toda a verdade do que ela dizia e pela primeira vez um tênue sentimento de remorso se abateu sobre mim".

O remorso é a primeira porta de esperança que se abre para o espírito sofredor. Depois, vem o arrependimento sincero e em seguida a prece redentora.

"Por fim, completou*, "as águas se evaporaram e fui conduzido a um lugar de repouso restabelecendo-me através das preces e ajuda abnegada de guias que me pareciam anjos."*

Deus tem pelos fracos infinita misericórdia, e não haverá um só de seus filhos que não retornará ao Seu seio, pelo próprio esforço e justo merecimento. Se a lembrança do mal praticado nos retorna ele, o arrependimento e o desejo de repará-lo nos remetem ao socorro espiritual que sempre está à nossa disposição.

Despedindo-se, me disse que dentro em pouco deveria retornar à Terra onde já se encontrava Leonora reencarnada. Contava ela, então com oito anos de idade e nascera num lar humilde, mas cheio de exemplos de honradez e trabalho por parte de seus pais.

Deveria encontrar-se com ela, mais uma vez. Mas, agora seria sua esposa e da qual ele deveria dedicar-se inteiramente, já que ela nascera com os problemas de saúde que seu espírito ainda se ressentia de sua última romagem terrestre. Seus pulmões fracos, exatamente na idade em que ela se suicidara em Fierenze, começariam a dar sinais de fraqueza asfixiante pela asma o que, praticamente a impediria de ter uma vida normal.

"È isto mio amico. Faça o que achar correto. Para isto temos o livre arbítrio para criar nossos destinos, sempre avançando de erro em erro, e de acerto em acerto".

Nelson de Medeiros.

CLARIVIDÊNCIA

CLARIVIDÊNCIA

Existe nela, uma aura resplendente,
Meio arroxeada que descortino,
Foco etéreo que nasce, imagino,
De alguma Luz Maior aurifulgente!

Vejo seu imo, sou clarividente!
Pois eu juro, nasci com este tino,
E pelos olhos d! alma, simplesmente
Eu sei e sinto tudo de inopino!

Por isso posso ler aquele olhar!
E, se outro por ventura pudesse,
Da mesma forma também o penetrar,

Certamente haveria de sentir
Toda a estranha atração que ele exerce,
E que teima minha alma consumir!

A GRANDE MISSÃO

A GRANDE MISSÃO

De insano muitas vezes fui chamado;
Outras vezes de tolo e reacionário...
Para alguns fui somente visionário,
Um sonhador na vida, tresloucado!

Donde eu vinha? Haveria outro lado?
Era dono do meu itinerário?
Cada um de nós seria missionário?
Livre arbítrio ou fado determinado?

Buscar de tudo a resposta era intento...
Viver com a Razão ou Sentimento?
Teria lei na vida ou vida a esmo?

Hoje sei que todos têm sua missão!
E sei também me diz o coração,
Que a minha, nesta vida, sou eu mesmo!

CAUSA E EFEITO

CAUSA E EFEITO

Quando a pena vil do justiceiro sem alma
Alcançar teu coração em surda revolta,
Quando a pusilanimidade desenvolta
Da toga iníqua, lancetar-te o peito em trauma;

Quando este mesmo, tendo a lei em sua palma,
Virar-te a mão da justiça à sua volta,
Quando sentires que a vaidade é quem escolta
O altivo que te julga em aparente calma,

Silencie... Recorra em derradeira Instância
Ao Justo, que por amar em abundância,
Foi pré-julgado e condenado sem direito...

-Se hoje as injustiças para alguns são regalos,
Amanhã, para todos, sejam reis ou vassalos,
Valerá somente a Lei de Causa e Efeito...

CONFISSÕES AO MAR

CONFISSÕES AO MAR

Escuta ó mar azul sem dimensão,
Toda a dor da amargura que me assiste:
Jamais aqui eu voltarei tão triste;
Ouça, pois, o que diz meu coração:

Naquela tarde prenhe de emoção,
Tu foste a testemunha e tudo viste:
Vate, Musa e a Paixão que não resiste
Ao momento divino da atração!

Um ponto de magia! Um segundo
Que juntou num instante antigas sanhas
Estancando o tempo e o espaço do mundo!

Mas a musa se foi pelas montanhas
Mar azul... Resta um pélago profundo
Que inda carcome do vate as entranhas!

SENSUAL

SENSUAL

O tempo é pura ilusão, hoje eu vejo!
Toda a certeza disto tive agora
Ao revê-la numa foto d!outrora
E lembrar a volúpia do seu beijo!

Retorna a ânsia do amor e do desejo,
Que assoma a mente e o corpo revigora!
Tudo do ontem no hoje se incorpora,
E seus últimos ais inda revejo!

Queria-a em meu leito novamente...
Sentir seu olhar intenso e fremente,
E afagar aquelas tranças castanhas!

A lembrança parece tão presente,
Tão real e tão viva em minha mente
Que ainda sinto em mim suas entranhas!

NÃO LAMENTES

NÃO LAMENTES

Por que tanto choro infindo?
Todo lamento é em vão!
Repara que o céu é mais lindo,
Olhado da escuridão!

MADRIGAL

MADRIGAL

De todas que amei nesta jornada,
Ela foi a mais simples e a mais terna...
Talvez uma Afrodite hodierna,
Onde a beleza fez sua morada!

Seu odor de jasmim da madrugada,
Cujo perfume a razão desgoverna,
Ébrio me fez de sedução eterna
Que ainda vive n!alma impregnada!

Sua voz é cascata de água pura,
Descendo de raro paraíso,
A versejar canção de nota rara!

Um vício que me tira a compostura,
Pois longe perco o tino e perco o siso,
E perto me embriago e perco a fala!

ESPERANÇA

ESPERANÇA

Esvai-me o outono da vida, cansado e triste,
E a dor falaz desta jornada inda me alcança...
Mas, vou buscando em prece a última esperança
Na fé que dentro d!alma eu trago e que resiste....

Sentindo a sombra que me sonda e que persiste
Em lancinar minh!alma impura, como lança,
Busco abrigar-me no escaninho da lembrança,
Pois sei que além existe Alguém que tudo assiste...

Não me abandono nas sarjetas da amargura,
Não me revolto ante o pavor da noite escura,
Nem me permito ver minha alma torturada...

Sei que ela chora, sei que sofre, mas porfia
Numa esperança imorredoura, pois confia,
Que há de raiar a primavera ensolarada!

SONHO LOUCO

SONHO LOUCO

Às vezes vivo um sonho louco,
Um sonho que me invade pouco a pouco,
Levando minha alma a viajar...
Eu me vejo andando entre vielas,
Sob parca luz de toscas velas,
Em passo certo com destino a algum lugar...

Meu costume é um verde aveludado,
Por sobre alva camisa de brocado,
E negras botas que me dão austeridade...
No porte eu carrego um ar de nobreza,
E, n!Alma uma sólida certeza,
De que vivo intensa realidade...

Em volta, o estilo barroco das construções
Não me causam espanto. Nem mesmo as emanações
Que pairam no ar me causam medo...
Há um que de mistério envolvendo a noite enluarada...
Uma vaga intuição, muito velada,
Lembra trama de inolvidável enredo...

Se me depara um casarão de porte austero...
Meu peito se agita... Os passos acelero,
Qual me buscassem sombras num levante...
Mas sei que preciso seguir... Ir em frente...
É imprescindível e necessário que eu tente.
E sigo confiante...

Entro... Em meio à esplendorosa realeza,
Ao som de uma valsa de rara beleza,
Pares engalanados rodopiam alegremente...

Sei que faço parte daquela sociedade,
Que canta que dança e ri numa irmandade...
Mas eu não paro... Quero seguir somente...

A escadaria, além, é trabalhada,
Lustrosa, em linda forma entalhada...
Subo... Sei que lá é o meu destino...
Paro ante a porta majestosa e me ufano,
Pois sei que vou desvendar este arcano!
Mas sempre acordo, repentino...

E volto à realidade do presente,
Trazendo n!Alma ainda rente
Uma impressão deveras singular!
E, olhar distante, perdido na imensidão,
Indago aos céus em forma de oração:
Onde eu vivi esta cena secular?

OS VERSOS QUE TE ENTREGO

OS VERSOS QUE TE ENTREGO

Sempre quiseste meus versos...
Nunca os dei. Porém, dentro do peito impressos
foram sempre meus fiéis companheiros!
Amigos inseparáveis desta solidão imensa,
que rasga as entranhas de m!alma tensa,
prenhe de sonhos aventureiros!

Como são fraternos os meus poemas!
Nunca percebi... Entretanto, estes temas
vêm de dentro de um sofrido coração!
Falam por mim deste amor imaculado,
que guardo ainda no peito enclausurado,
como guarda uma estrela a negra imensidão!

Falam por mim estas rimas sonoras...
Cantam, choram, riem... Quantas histórias,
desfolhadas no livro das amarguras!
Meu outono já surge intolerável,
mais tarde virá o inverno inexorável
amortalhando as derradeiras desventuras!

Portanto que poderia dizer neste dia sem vida,
quando a natureza derramando lágrimas de dor incontida,
parece entender meu eterno sofrimento?
Talvez dizer que te amo,
que sofro, blasfemo e reclamo
na solidão do negro arrependimento!

Não. Não poderia te dizer nada...
Pois penso no que foste em minha estrada:
Uma alma frágil que mãos tolas esmagaram num lamento!

Por isso clamo aos céus nos brados de quem sofre,
p!ra que adormeças no berço de meu pensamento,
qual jóia rara no escaninho de um cofre!

MAKTUB

MAKTUB

Disseste na partida : Estava escrito...
Mas, será assim tudo nesta vida?
A dor da saudade, preconcebida,
E, o sofrimento do amor já previsto?

Não creio, e a tal ideia resisto...
À lei do livre arbítrio dou guarida,
Pois nela, desde o princípio trazida,
È que a Justiça Divina eu avisto!

E, sabes por que te escrevo esta lira?
Porque o amor, e não fado, é que gira
O mundo e todo o infinito Universo!

Mas, não importa quem a dor decreta;
Viverás sempre, enquanto eu for poeta,
Cá dentro num escaninho de meu verso!

ROSAS BRANCAS

ROSAS BRANCAS

Que te posso dizer neste dia chuvoso e sem vida,
quando a natureza, derramando lágrimas de dor incontida,
parece entender meu eterno sofrimento?
Onde buscar as palavras para externar o que sinto,
se a dor e a revolta que reacendem o velho instinto,
se me abrigam n!alma eternizando um vil momento?

Poderia dizer que te amo, e por isso te espero ?
Ou tanto seria tão pouco do tanto que quero?
Quem sabe talvez, melhor fosse acordar,
deste sonho febril, que aniquila e confunde,
que a mente transtorna e medo à alma infunde,
abrindo um coração em fel a derramar...

Dizer de um desejo, até poderia...
Mas nem me atrevo, ante tanta heresia!
Por isso, neste dia chuvoso e sem vida,
que me encontro tão só sem saber aonde vou
te digo: Sou um fraco que vaga ao leu sem guarida,
estertorando entre os sonhos que vida roubou!

Portanto mais nada te digo. Apenas te mando flores...
Rosas brancas, com certeza,
pois são símbolos da pureza,
desta pureza incontida,
que mora em tua alma querida,
desde os tempos de outras dores!

PARADIGMA DE AMOR

PARADIGMA DE AMOR

Um sabiá laranjeira,
Toda manhã me acordava,
C!o poema que cantava,
Escondido na videira!

Som de flauta ele entoava!
E da minha cabeceira,
Quase de certa maneira,
No infinito me lançava!

Eu quis ouvi-lo de perto...
Não deixou, pois muito esperto,
Jamais cantou a meu lado!

Também minha sabiá...
Versejava amor de lá,
Mas, sem nunca ter-me amado!

RAZÃO DE SER

RAZÃO DE SER

Por que tanta tristeza em ti existe?
Às vezes me pergunto acabrunhado;
Por que a dor e amargura do passado
No canto de tu! alma inda persiste ?

Talvez tu penses que a razão te assiste,
(Pensamento é dom que nos foi legado);
E que o mal que te acolhe está errado
Pois , que razão prá ele não existe!

Porém, escuta o conselho que abrigo,
E que o tempo, comparsa e bom amigo,
Me deu depois de em tudo já descrer:

- Nos percalços e dores desta vida
Aprendi, vivendo nela e em sua lida,
Que nada existe sem razão de ser!

DÚVIDA

DÚVIDA
Em toda oportunidade,
Se de amizade se trata,
Melhor é sempre a verdade
Do que a dúvida que mata!

INSTANTES DA VIDA REAL (XXXIV)

INSTANTES DA VIDA REAL (XXXIV)

O dia amanhecera coberto de azul. Mas, um azul diferente, mais real, mais perfeito, lembrando talvez o que representa, no imaginário popular, o céu ou qualquer lugar que exista acima das mazelas do mundo carnal. A brisa, como há muito não se via, soprava ventos que rescendiam na própria natureza, pois que pareciam exalar perfumes que lembravam plagas desconhecidas, dimensões fictícias de cinema. A montanha, ao longe, erguia-se a descoberto. Seu tom também azulado, porém, mais escuro ? uma espécie de *"ton sur ton*" dava um aspecto impressionante à paisagem que parecia saída de um conto de fadas.

Era um sábado. Fazia um frio gostoso e Adamastor saiu a caminhar... Adamastor era um cara simples, às vezes até simplório, tinha a mania de acreditar nas pessoas, até no amor cria, ainda. Talvez, por isso, acreditara até em políticos. Era metido a poeta também, e, por causa disso poderia ter feito um poema, pensou. Cantar aquela cena rara em verso ou prosa, talvez trovar amor com cor ou, quem sabe, amor com dor. Mas, abdicou da ideia, pois que o tema lhe pareceu muito comum e bem decantado.

Ganhou a Avenida... Já de algum tempo trazia na mente uma imagem que se acostumara a ver. Na verdade uma fotografia que, embora não lhe tivesse sido ofertada, era de certa forma do domínio público, pois que fora a própria dona que a postara, muito embora não fosse ela nenhuma celebridade. Ao contrário era uma pessoa comum que apenas figurava, junto com mil outras, em sítios da preferência de ambos.

Mas, diga-se a bem da verdade, era de uma beleza singular. Seus olhos, apenas pela foto, deixavam à mostra uma personalidade que lhe intuía alguma raridade. Impressionara-o mesmo, chegando ao ponto de tomar-lhe, diuturnamente, horas de trabalho, o que não o incomodava em absoluto. Adamastor não era apegado à matéria, o espírito lhe importava mais. Era um sonhador que vivia no tempo errado, acho, e, não conseguira ainda desvendar aquele mistério, pois que assim o considerava. Na verdade era coisa que nunca o acometera, embora acreditasse piamente em empatias à primeira vista. Mas, jamais pensara tanto em alguém que nunca vira de perto, com quem não convivera, e, de quem apenas escutara a voz algumas vezes, pudesse despertar-lhe tal sentimento. Aliás, diga-se, por justiça, que ela era a própria encarnação de Calíope, a Musa grega, já que aquela voz admirável, parecia solfejar notas de amor e desejo em seu falar. Uma doçura firme e vibrante que lhe tocara a alma. Nunca ouvira aquele tom vocal de mulher alguma, por mais que tivesse escutado tantas e tantas.

De repente se deu conta de que passara a pensar nela ao mesmo tempo em que admirava e a colocava, inconscientemente, como moradora da paisagem que se descortinara naquele dia. Achava estranho, muito embora, em sua simplicidade, ele acreditasse em vidas passadas e de encontros repentinos onde essas simpatias ou antipatias, ora para o bem, ora para o mal, ocorressem com frequência na vida de toda gente. Mas, era intrigante este caso, diferente, pois que tal empatia se dera sem qualquer encontro presencial entre ambos.

Seria, então, isto o que poetas denominam amor platônico, pensou... É certo que já se havia apaixonado por sua professora de inglês dos tempos colegiais. Porém era certo também que aquela ele via quase que diariamente na sala de aula. Entretanto, isto era outra coisa. Não era mais colegial e já aprendera muito nesta vida.

Ainda sem destino certo parou em um Shopping e resolveu tomar o café matinal, o que não

era muito usual. Sentou-se à mesa de uma cafeteria de aspecto aconchegante e convidativo. Pouca gente transitava àquela hora.

Mal se acomodara, e, logo, um susto inesperado, como se todos não o fossem; bem perto dele a figura de uma mulher prendeu-lhe o fôlego. Jovem em seus quarenta e poucos anos- talvez nem isso- era a própria foto, a sua foto, só que com vida, real, elegante, com a mesma beleza invulgar. Estava ali, à sua frente, talvez dois metros de distância. Embora ela tivesse os olhos voltados para um livro que abrira em sua mesa, não tivera dúvidas. Era o mesmo olhar da imagem, os mesmos cabelos meio que comprido castanho escuro. Tudo reforçou sua impressão primeira.

Porém, sentindo como era de se esperar, aquele olhar fixo e indiscreto ela parou a leitura, e, retirou os óculos. Adamastor, totalmente sem noção, só percebeu sua atitude indelicada quando ela, entre curiosa e receosa, talvez para tomar pé da situação meio constrangedora perguntou-lhe: *"Você é advogado"?* Adamastor, que às vezes se perdia na distração, caiu em si, pois positivamente, apesar de suave, não era a mesma voz.

Então, com a perspicácia que a profissão lhe ensinara, vendo que a moça folheava um exemplar da Constituição Brasileira, despistando, ele, que era de fato e de direito advogado, retrucou-lhe: *"- Sim, e penso que nos conhecemos de alguma audiência, não"?* Achou que tivesse se saído bem. Não se saíra, pois ela respondeu: *-"Acho que não, pois não sou advogada". "Apenas estudo isto aqui por necessidade de concurso, e nada estou entendendo".* Mas, a conversa fluiu sem que se dessem conta e sem que ele esperasse.

Dai para frente Adamastor passou a explicar-lhe o que sabia durante um mês que transcorreu na rapidez do pensamento. Passado este tempo ela fez seu concurso, passou e foi trabalhar no Distrito Federal, bem longe dali. Ainda conversaram por um tempo, mas mil quilômetros são muita coisa, até mesmo para a internet.

Entretanto Adamastor não esquece jamais aquela fotografia. E, sempre que passa por aquela Avenida volta seus olhos para dentro e finge que realmente estiveram juntos- ele e a dona da foto - numa manhã esplendorosa e cheia de vida naquele Café do Shopping.

Nelson de Medeiros

UMA ROSA EM MINHA MESA...

UMA ROSA EM MINHA MESA...

Tudo eu daria ao destino,
Nesta noite tão formosa,
Para, agora, de inopino,
Ofertar-te minha rosa!

02/06/2020
Nelson de Medeiros

LOUCURA

LOUCURA

Sou poeta, e como tal, sou louco...
Reconheço, sou louco pela chuva pouco a pouco
tamborilando na vidraça alegremente...
Sou louco pelo sol no entardecer,
quando nostálgico anuncia o anoitecer,
fechando o dia a retirar-se displicente...

Sou louco sim, pela brisa sussurrando nostalgias,
enchendo a alma num concerto em fantasias,
qual sinfonia de uma orquestra angelical...
Sou louco sim, por isso sou poeta...
Sou como os magos que Deus poder empresta,
pra suportar tanta amargura infernal...

Sou louco pela vida de outro mundo,
pelas montanhas, pelo azul do mar profundo...
Sim, é certo que sou louco, pois que vivo em solidão,
a buscar tranquilos rios que desabam nas cascatas,
caminhando pelos montes, no silencio destas matas,
vendo o céu e a imensidão...

Sou poeta. Sou poeta de outrora,
das serestas, da aurora,
das ilusões, das quimeras...
Sou louco sim, pois que tenho a paciência
de sonhar com a inocência,
renascida em primaveras...

Sou poeta, e como tal sou louco...
Sou louco, pois que morro pouco a pouco,
sem conseguir no meu peito te aninhar...

Sou louco sim, é como dizes, Musa amada,
sem saber que nesta insana jornada,
a loucura foi te amar!

SIMPLESMENTE

SIMPLESMENTE
Eu gosto de falar contigo...
Escutar tua voz pequena
Que me cativa e me domina
Qual doce e repetida cena
D!um filme já rodado, antigo
E que vejo em densa neblina!

A amargura que te ladeia,
E a dor da prova que te alcança,
Não te tiram d!Alma a ternura!
Tua beleza rara e mansa
É luz de amor que me clareia
E, norteia minha alma escura!

A tua nostálgica expressão,
Melancólica e langorosa
É suave e tranquilo remanso;
Refúgio onde sempre, em verso ou prosa,
Quando me aperta a solidão,
Busco aconchego e descanso!

Gosto do que pensas e dizes,
De teus sonhos e teus anseios,
De tudo, enfim, do que já vi!
Por isso digo sem receios:
Não existem quaisquer deslizes,
Simplesmente gosto de ti!

Nelson de Medeiros

LONGA ESPERA

LONGA ESPERA

Quantos anos fiquei a tua espera,
qual sonhador que o amor maior proclama...
No meu jardim jamais brotou a primavera,
e na jornada alucinada do destino,
nada mais fui do que errante peregrino,
na vil estrada recoberta pela lama!

Tu!alma busquei por longos anos...
Pelas cidades, pelos campos, pelas ruas!
Achei amores... Fáceis, profanos...
Nada mais que ilusões, fantasias...
São romances que nascem e morrem em poucos dias
e deixam a alma prenhe de esperanças nuas!

Mas o sonho se tornou realidade...
E qual miragem do espaço sideral,
a rebrilhar com celeste intensidade,
vi encarnada numa estampa perenal,
todo o esplendor de tu!alma angelical...

Mas agora tudo é passado,
Apenas saudade a relembrar
e a fazer chorar...
Ah! Poeta louco que de dor padece,
que clama a Deus em reverente prece,
e ao mesmo tempo olha o céu a gargalhar!

POR QUE SOU POETA...

POR QUE SOU POETA...

Um dia vi as rugas no meu rosto...
Não lembrava sequer ter sido adulto,
E, a vida já me parecia um vulto
Na neblina do tempo, descomposto!

Senti, talvez, a essência do desgosto...
Nada me restando erigi um culto
À lembrança d!um amor insepulto
Que trazia no fundo d!alma exposto!

Então, compondo versos para ela,
Na senda de imortal filosofia,
Revi-me infante volvendo a cantar!

Por isso sou poeta, e, faço poesia,
Pois ela traz-me a doce imagem dela
Tão viva e clara como a luz solar!
Nelson de Medeiros

NASCER E RENASCER

NASCER E RENASCER

Por quanto tempo inda estarei a tua espera
E a dor atroz que o coração me dilacera
Serão estrofes de saudades nestas liras?
Por que me perco pelas dobras do infinito
Vagando ao léu por tantas vidas, qual proscrito,
A renascer por entre amores de mentiras?

Às vezes penso que o amor não mais existe,
Que é fantasia dum poeta insano e triste
Chorando rimas pelas noites consteladas!
È quando a angústia dentro d!Alma se me adentra,
Estrangulando o coração em dor sangrenta,
Nesta saudade de almas gêmeas separadas!

Procuro, em vão, pelas estradas nosso amor
Que se perdeu nos escaninhos desta dor,
Em longa espera neste céu sem dimensão!
Mas na certeza de seguir no rumo norte,
Buscando a vida que se segue após a morte,
Eu te acompanho nestes versos de emoção!

Então eu sinto que este amor existe sim,
É doce sina que do berço habita em mim,
É força estranha que carrego de outra esfera!
E fito o céu a reluzir em negro e prata
A me envolver na luz azul que te retrata
E emoldura de verdade esta quimera!

Nelson de Medeiros

SINA DE POETA

SINA DE POETA

Vendo a tua foto vi meu passado...
Dores que eu pensava extintas no peito!
E acreditando delas já refeito
Não vi meu sentimento obcecado!

Porém, a emoção do vate é fado,
Por isso mesmo a tudo está sujeito!
Num momento sofri do antigo jeito,
E me vi no teu corpo entrelaçado!

Mas, a paixão é breve, é sentido,
Disse um sábio... É como a tempestade
Que chega ensombra o dia e logo passa...

Tomara, pois é amor proibido,
Marcado pela adaga da saudade,
Que neste instante a minha alma trespassa!
Nelson de Medeiros

BALADA AOS CABELOS COR DE FOGO

BALADA AOS CABELOS COR DE FOGO

Venham, ó mechas de fogo em brasa,
Cachos de luz, rubis de beleza infinita!
Deixem que o poeta se compraza
A queimar nesta fogueira inaudita!
Que venha o sol em tépida lucerna
Na tardinha que se esvai ruborizada
A confundi-los com o vermelho do poente!

Deslizem sobre esta face alvaiada
Cachos de luz de beleza incandescente!

Escorram, quais rubras lavas, pela alvura deste colo,
pelas curvas destes seios!
Que se cubram céu e solo
Por esta enxurrada de anseios!
Pois, da eternidade, da morada dos Deuses,
Aos teus cabelos compôs esta balada
O menestrel da alma aflita!

Venham, ó mechas de luz encantada,
E iluminem o peito onde a paixão habita!

Nelson de Medeiros

IDA E VOLTA

IDA E VOLTA

Finda o dia na Praça da Matriz...
Pensativo observo o bailado feliz
Das aves, na árvore da pracinha...
Elas saem silenciosas na alvorada
E retornam palradoras em revoada
A seus abrigos à tardinha...

E sentindo a tristeza que me enlaça,
Eu penso quem seus rumos traça,
No percurso que tem ida e volta...
E a dor que minha alma invade,
Muito mais do que saudade,
É quase uma revolta...

Ah! Triste sina a que me resta!
Minha avezinha partiu em festa
Foi sem rumo e ao céu se alçou...
E fico à noite pensando,
Sozinho de Deus indagando,
Porque nunca mais voltou...

PRIMEIRA NAMORADA

PRIMEIRA NAMORADA

Ah! que saudosa lembrança
Traz-me a noite enluarada!
Do meu tempo de criança,
Da primeira namorada!

Ah! que cabelos, que trança,
Que andar, que porte de fada!
E os olhos cor de esperança,
E a tez macia, alvaiada!

Queria abrir infindos véus,
Poder cavalgar nesses céus
Numa estrela iluminada,

E num instante tocar,
Entre os raios do luar,
Aquela deusa encantada!

AMOR DE VERÃO

AMOR DE VERÃO

Ontem à tardinha quando o sol morria,
Avermelhando o céu sem dimensão,
De tu! aura roxa luz resplandecia
E coloria de paz meu coração!

Fitando a noite a brilhar cheia de encanto,
Entre as estrelas e a lua que nascia,
Com as minhas liras afoguei-te em pranto,
E o teu pranto me afogou em nostalgia!

Os nossos olhos num relance se cruzaram,
E em silencio nossas almas se entenderam!
Nossos lábios em delírio se tocaram,
E nossos corpos no pecado se arderam!

O teu cabelo prateado pela lua,
qual manso lago refletia o meu desejo!
E em tua pele acetinada e toda nua,
Colei meus beijos sem remorsos e sem pejo!

E mergulhamos no amor da madrugada,
Qual almas gêmeas abraçadas de emoção!
Teu coração numa corrida acelerada,
Caiu inteiro entrelaçado em minha mão!

Pela manhã, quando outro dia já nascia,
Dourando o céu de beleza e encantamento,
Tu me olhaste e eu não disse o que sentia,
Mas a saudade eternizou nosso momento!
Guarapari/ES 02/2016
Nelson de Medeiros

O TELEFONE

O TELEFONE

Eu tenho um fone antigo, sem serventia,
Que em meu quarto sozinho me faz companhia...
Já foi da felicidade carteiro!

Porta-voz de alguns devaneios,
Muito me disse de males alheios,
E, da morte inda foi mensageiro!

Há muito não serve a minha pessoa,
Nenhum tilintar de seu bojo ressoa...
Também vive só, não ouve e nada fala!

Guarda com ele grandes segredos,
Historias de amor de vários enredos,
E até da paixão que avassala!

Porém, ontem na madrugada vazia,
Saiu enfim de sua apatia...
Seu tintinar ouvi de repente!

Atendi no instinto do amor... Contudo,
O lado oposto ficou mudo,
E, senti a dor da saudade somente!

Mas, ela é palavra abstrata,
Apenas quem sente a retrata...
É prenhe de sonhos e vãs esperanças!

Por isso a razão me chamou à verdade:
- Foi ela a estafeta desta saudade!

Mas, saudade não telefona... Só manda lembranças!

Nelson de Medeiros
13/06/2020

A PESTE NOS REINOS

A PESTE NOS REINOS

Conta uma lenda que há milhares de anos existiam na terra vários reinos governados por monarcas das mais variadas personalidades. Uns governavam com mão de ferro e outros com benevolência. Dentre esses havia um reino chamado Reino da Paz, e, cujo rei era extremamente generoso com seus súditos, e, o povaréu nisso cria e viviam em perfeita harmonia. Não havia guerras, preconceitos, e ninguém invejava ninguém. Gabava-se o povo de sua hospitalidade e sua tolerância. O monarca era religioso, respeitava seus deuses e, atento à espiritualidade que possuía jamais praticara qualquer ato que pudesse prejudicar sua gente.

Nunca deixava de consultar seus conselheiros antes de tomar decisões importantes. Seu império seguia, assim em constante progresso.

Mas, um dia o terror começou a grassar por aquelas terras atingindo indiscriminadamente todos os outros reinos. Era a Peste que chegara ceifando vidas e estabelecendo a discórdia geral. Nada a detinha, e, rapidamente as notícias chegaram ao império real da Paz. Aproximava-se rapidamente daqueles domínios onde o respeito ao próximo predominava.

O monarca, então, tomando ciência da devastação, da balbúrdia e da morte que ocorria nos demais reinos, cioso das responsabilidades que tinha com seu povo, consultou seus colaboradores que, adstritos também à ciência e sua fé chegaram à conclusão de que o rei deveria enfrentar a Peste frente a frente. Então, ele resolveu buscar o mal pessoalmente a fim de dialogar com ele.

Pondo-se a caminho prenhe de coragem logo encontrou a Peste que já beirava suas fronteiras. Tratando-a com respeito e prudência explicou-lhe como era sua gente e como governava seus súditos. Pediu, então, com humildade que ela os livrasse de sucumbir ante suas garras. Que ela atingisse somente à minoria, se não tivesse outro jeito. A Peste comoveu-se e concordou, dizendo que passaria brandamente e somente levaria os poucos que estavam em sua lista, pois que estes já eram predestinados. E, seguiu em frente.

Quando ela se foi o monarca, acabrunhado e desiludido, verificou que metade de sua gente havia morrido. Não entendendo o que ocorrera buscou novamente a Peste e indagou-lhe o porquê do não cumprimento da promessa que lhe fizera.

A Peste, então, olhou para o rei e lhe disse*: "Eu cumpri minha promessa; só matei os da minha lista, os outros morreram de medo"...* E prosseguiu em seu caminho infinito.

A roda do tempo girou e um dia chegou, finalmente, a outro reino cuja alegria de sua gente, que se dizia, povo escolhido de Deus, pois que seus habitantes eram bondosos, e. democráticos, embora tudo ali se pudesse. Muitas regras e pouco cumprimento delas, liberdade total. Mas, o povo até que era bem acolhedor e isto, parecia dar- lhes garantias e imunidades de males que tais.

No Reino Tupiniquim, pois que assim se chamava esse Reino, seu monarca tudo sabia tudo conhecia, e, o povaréu acreditava nele, fosse o que fosse, dissesse o que dissesse. Pequena parte, mas que era grande parte, diga-se a bem da verdade, seguia-o sem mesmo saber o que de fato se passava em sua cabeça complicada. a qual se dizia à boca pequena, era doentia. Afinal ele queria ser o um rei bondoso e sabichão. Sua meta, embora o pequeno rebanho de fanáticos que o seguiam não sabia, era o poder absoluto, e, para atingir seu objetivo não importavam os meios usados.

A peste, entretanto, que não distinguia reinos e se aproximava vagarosamente deixando para trás um rastro de morte, pois que vinha dizimando outros impérios impiedosamente. O monarca do Reino Tupiniquim, então, atleta destemido como se julgava pensava ser detentor de todo o conhecimento do mundo, e, até da eternidade, pois que doença nenhuma lhe afetaria.

Como se gabava também de conhecer medicina e até alquimia, enérgico, sem costume de ser contrariado, ao invés de ir ao encontra dela, esperou que a Peste chegasse a sua casa para impor-lhe sua vontade sem dar ouvidos a seus conselheiros mais sábios. Ela não poderia dizimar seu reino de forma alguma, e, sozinho com sua arenga retrógada resolveria a questão. Julgava-se astucioso e prá tudo tinha sua solução, imitando, sem saber - ou não - antigo "Führer" que devastara sua própria gente, megalomaníaco que também era. Para não ser deselegante, como ele, digamos que era o "Chapolim Colorado" da série do Chaves. Na verdade, um impávido parvo, que tal qual um D. Quixote, lutava contra todo o imaginário possível.

Finalmente ela aportou em suas terras. Sem tomar conhecimento o rei, em sua usual coprolalia passou a menosprezar a Peste, que denominara de "pestinha". Afirmava que ela iria passar ao largo de suas terras e não atingiria nenhum de seus súditos. Afinal ele era o dono do país, era sua própria lei, o próprio Estado, reencarnação, talvez, do monarca francês Luís XIV, que viveu no século XVII, e se denominava o Rei Sol, sendo sua a famosa frase *"Je suis la Loi, Je suis l'Etat; l' Etat c'est moi".* Sua imperiosa palavra tinha que valer para tudo e para todos.

A peste então o olhando e constatando a sua boçalidade e o seu despreparo para comandar qualquer reino, com pena do povo sofrido mandou-lhe uma mensagem informando que nada podia fazer, pois teria que chegar até lá, mas, que, entretanto demoraria algum tempo até sua chegada e, que ele, como comandante supremo do Reino tomasse providências com antecedência o que evitaria a desgraça total. Disse-lhe, ainda, que se agisse assim somente ceifaria as vidas dos que constavam de sua lista, nada mais.

Mas, o inculto soberano ignorou o recado.

O monarca, em sua idiotia, achou que a Peste havia ficado receosa de sua tirania e imposição, e, nada fez, na crença bizarra de que tudo não passaria de um simples piolho que ele mataria a dedo. Aguardou que ela passasse por seu reino sentando em seu cercadinho, rodeado de ignotos como ele, sem nada fazer.

Então, a Peste finalmente começou a devastar o Reino Tupiniquim passando a dizimar os súditos de seu reino, arrasando por completo toda a sua terra implantando, via de consequência, a

balbúrdia, a desconfiança em todos e permitindo que os novos velhos ladrões se aproveitassem na situação tenebrosa para encher as burras de seus cofres.

Indignado em seus brios, e, já receoso da revolta de sua gente procurou-a para lhe cobrar a desobediência que, na cabeça estouvada dele, fora desrespeitada.

A Peste lhe fixou os olhos e disse. *"Segui minha lista, os outros morreram de obtusidade."* E se foi prometendo voltar, um dia esperando encontrar outro rei.

Nelson de Medeiros

O TEMPO

O TEMPO

Um sábio falou que o tempo inexiste,
É só ilusão que a mente mascara!
Se é verdade, por que esta rara
Amargura na min!halma persiste?

Cantou um poeta que o tempo não para,
Andante que passa e nada o resiste!
Então, por que a dor que ora me assiste
Não segue com ele e a mente me aclara?

Mas, nenhum dos dois explica o que sinto:
No sábio não chego nem por instinto,
E, o poeta versejou com outro fim!

É que a razão bem longe passa dos dois...
O tempo para, tenho certeza, pois,
Assim que tu foste, parou para mim!

Nelson de Medeiros

TEU NOME

TEU NOME

Não é quimera não, é de verdade
O teu índigo olhar... Teu sorriso
É aurora celeste que eu diviso
No horizonte amargo da saudade!

Ao ver-te o desejo minh! alma invade
E faz sonhar... Mas, teu nome, indeciso,
Inda que eu queira, aqui não formalizo;
Se tu quiseres, dá-lhe claridade...

Pois, se com ele intitulo este poema,
Confesso, sem qualquer estratagema,
Esta paixão que arde e me consome...!

Assim, embora desaguando em pranto,
Faço este soneto e componho um canto
Sem o som da cantiga do teu nome...

Nelson de Medeiros

ENCONTRO TARDIO

ENCONTRO TARDIO

Por muito tempo eu te esperei na caminhada,
Como ansiosa a primavera espera a rosa...
E, dentre as flores que colhi nesta empreitada,
Eu te guardei do meu jardim a mais charmosa...

Eu te esperei com a certeza inabalada,
Tal qual a tarde espera a noite esplendorosa...
E das estrelas que abracei na madrugada,
Eu te guardei lá do infinito a mais formosa;

E, ao sentir-me noite escura em tua aurora,
Minh!alma em vão buscou reter-te num agora,
Ao pressentir, amargurada, nova espera,

Pois no jardim descolorido do meu peito,
Ao te encontrar eu vislumbrei o amor-perfeito,
Como uma flor que não chegou na primavera!

Nelson de Medeiros
14/06/2020

NOSSO CASO

NOSSO CASO

Bem que eu quis continuar nosso caso,
Ver-te mais e mais ouvir tua voz
Quando distante do mundo a sós,
Ao fascínio da atração demos azo!

Perfeita sincronia que eu comprazo
Ainda agora, ao te encontrar após
Tanto tempo... E aferindo os contra e prós,
Vejo que tudo veio por atraso!

Nascemos fora do tempo e do espaço,
Por isso é que novo caso eu rechaço,
Pois a razão é que dita a pronúncia!

Vamos dar tal paixão por encerrada,
Sigamos separados na jornada
Levando cada um sua renúncia!

RETRATO DE UMA FOTO

RETRATO DE UMA FOTO.

Não me canso de olhar o teu retrato,
Mirar teus lábios que penso, são de mel!
Ver teu sorriso dizer ao menestrel,
Que seu amor nada tem de abstrato!

Queria remover de tu!Alma o véu
Que a encobre... Ser mais intimorato,
Romper a lei... Pecar por desacato,
E, deste amor me tornar eterno réu!

Sei que dirás: Como é louco este vate,
Pois que amor assim é disparate,
Apenas anseios que a nada leva!

Ledo engano todo seu realismo...
Mas, mesmo crendo em teu ceticismo,
Perdoa este bardo insano e releva!

Nelson de Medeiros,
Cachoeiro, 18/06 do ano da pandemia.

OS SINOS

OS SINOS

Foi-se o outono... A tarde é gris e fria...
Badala o sino da vetusta matriz ...
Estranha saudade... Uma agonia
Arpeja n!alma sem qualquer diretriz...

Procuro na mente uma sintonia
Com a verdade... Porém ela me diz
Que tristeza só tristeza irradia,
E somente com a dor ela condiz...

Mas, o badalo é só melancolia,
E a nostalgia segue comigo,
Por mais que busque afastá-la de mim...

No peito amortalho um negro jazigo
Repleto de glacial letargia
D!um inverno que parece sem fim...

Nelson de Medeiros

AMOR GLOBALIZADO

AMOR GLOBALIZADO

Paro... Vejo o mundo globalizado...
E, quando nele às vezes circundo,
Vendo toda esta invasão, me confundo,
Fico inseguro e até mesmo assustado!

De qualquer lugarejo ao fim do mundo,
Qualquer noticia ou assunto focado,
Quase sempre de modo exagerado,
Chega até nós apenas num segundo!

Assim foi com este amor que acalento,
E que vivia comigo em degredo...
Porém, não é por isso que eu reclamo...

O que me entristece e faz meu tormento,
É que todos sabem deste segredo,
Só você não percebe que eu te amo!

Nelson de Medeiros,
Cachoeiro em 21/06/2020

PAIXÃO

PAIXÃO*

Oh! Efêmera paixão... Como ligeira me laças!
És tempestade de verão em máxima grandeza,
Que às trevas e aos fulgores rende graças,
E quando acalma, satura de paz a natureza!

Como Afrodite, imantada de ardileza,
O corpo, a alma, e o coração tu entrelaças!
Oh! Efêmera paixão... Como ligeira me laças!
És tempestade de verão em máxima grandeza!

Embora a insensatez no amor que tu abraças
Eu te saúdo, mesmo assim, ó terrível realeza!
Pois que és sonho, torpor que envolve com certeza,
O coração do incauto bardo que enlaças!
Oh! Efêmera paixão... Como ligeira me laças!

Nelson de Medeiros
(Rondel) @

TEMPO PERDIDO

TEMPO PERDIDO

Tudo que construímos nesta existência,
À nossa vaidade, parece perfeito
E, ao nosso orgulho não mostra defeito;

O tempo, Escola da Vida, entretanto,
Ensina que faremos tudo outra vez!
Só o estudante do bem, firme e estável

No padrão da Lei Maior e imutável,
Não volta pra consertar o que fez!
Se aspiramos encurtar os percursos

De retorno ao Ateneu dos enganos,
Aprendamos a entender seus arcanos;
O atalho é a prática do bem comum,

A favor do mísero e desvalido!
Sejamos úteis para que a ilusão da vida,
Ao nos cobrar a sua contrapartida,
Não imponha a dor do tempo perdido!

Nelson de Medeiros

09/12/2014

ESTRANHO PEDIDO

ESTRANHO PEDIDO

Pedes sempre que eu te esqueça,
Pois ninguém há que mereça,
Tanta dor e sofrimento...

Não te entendo, na verdade,
Pois não há deslealdade,
Em todo o meu sentimento!

Pedes sempre que eu me vá...
Diga tu: Por que será,
Se estás sempre nos meus braços?

Pois se é este o teu desejo,
Por que tu beijas meu beijo
E te abraça em meus abraços?

Nelson de Medeiros

BALADA AOS CABELOS COR DE FOGO

BALADA AOS CABELOS COR DE FOGO

Venham, ó mechas de fogo em brasa,
Cachos de luz, rubis de beleza infinita!
Deixem que o poeta se compraza
A queimar nesta fogueira inaudita!
Que venha o sol em tépida lucerna
Na tardinha que se esvai ruborizada
A confundi-los com o vermelho do poente!

Deslizem sobre esta face alvaiada
Cachos de luz de beleza incandescente!

Escorram quais rubras lavas, pela alvura deste colo,
pelas curvas destes seios!
Que se cubram céu e solo
Por esta enxurrada de anseios!
Pois, da eternidade, da morada dos Deuses,
Aos teus cabelos compôs esta balada
O menestrel da alma aflita!

Venham, ó mechas de luz encantada,
E iluminem o peito onde a paixão habita!

Nelson de Medeiros

CORREIO TRISTE

CORREIO TRISTE

Recebi dela um recado,
Pelo correio moderno!
Foi amável e foi fraterno,
O fora que me foi dado!

Direto, mas muito terno,
Tudo me foi relatado!
-"Nunca por mim foste amado"
-"E, por isso me consterno"!

Senti no peito uma adaga,
Trespassando o coração!
Entendi e só chorei...

Mas, a afeição não se apaga!
Por isso te escrevo então,
Versejando que eu te amei!

Nelson de Medeiros

PARTIDA E REGRESSO

PARTIDA E REGRESSO

Parti, deixei meu lar e meus amores,
meu casto berço - a nupcial guarida;
levava n!alma amortalhada a vida
entre soluços de pungentes dores...!

Longo tempo se passou; outra partida
fiz em busca do lar, rever as flores,
o bosque verde, prenhe de frescores
e ouvir da fonte a nota enternecida.

Cheguei...Meu peito trespassou-se em mágoas!
Da fonte, o triste murmurar das águas,
mais vibrante cortava a solidão!

Do lar, do bosque e flores que deixei,
nem cinzas mais... Apenas encontrei
uns fragmentos de infância pelo chão.

Nelson de Medeiros
06/2009

INVERNO DA VIDA

INVERNO DA VIDA

Não te faço mais trova nem poema...
E, não posso mais seguir te exaltando!
Jamais outra vez me ouvirás cantado,
E, nunca mais serás do vate o tema!

A inspiração vai aos poucos cessando,
Embora tu inda sejas meu lema!
Porém vou abdicar deste emblema
Sem a angústia no peito trespassando!

Meu ocaso vem chegando devagar ,
E do entardecer que já vejo chegar,
Tu és minha aurora d!outro sistema!

Não posso mais descrever-te em meus versos,
Somente vê-la em meus sonhos dispersos,
Onde és deste amor Musa suprema!

Nelson de Medeiros 28/06/2020

OLHANDO TEU RETRATO

OLHANDO O TEU RETRATO

A tarde morre tristonha... Languidamente,
Enquanto a noite se aconchega mansamente,
Na imensidão inda esmaltada de rubi...

Dentro do peito o coração em desalinho
Vai se esvaindo entre lágrimas sozinho,
Carpindo as dores de um passado que vivi...

A paisagem é uma pintura sideral,
É obra-prima de um amor transcendental
Que há milênios foi pintado noutra estância!

E o murmurar da doce brisa na folhagem
Traz-me de volta, num soprar, a tua imagem,
Que no instante estaca o tempo e a distancia!

Na penedia escuto um grito a me chamar,
Mas me dou conta de que apenas ouço o mar
A me bramir esta saudade secular!

E as brancas ondas espocando no rochedo,
São como dor batendo n!Alma, num segredo,
Que o próprio amor não me permite revelar!

Nelson De Medeiros

CARTA AO DESAMOR...

CARTA AO DESAMOR...

Eu bem percebo quando te calas. Em teu pensamento sei que não habito...
Nele estou sempre ausente... Penso, tento chegar, mas não resisto...
Que contraste! Amor e desprezo!?
Não! Não ouso ir tão longe, só desamor!

Atravessei a vida em tua busca,
Pensando ter te encontrado de forma incomum,
Forma que tu não aceita, e nem crê que exista...
Nem no lirismo e sonhos de poetas!

Não te culpo. Também não acreditava.
Só que o destino pensando diferente,
Abriu-me este arcano, e sem que eu visse
Perdi-me na descoberta!

E, foi assim, de dor em dor, de amargura em amargura,
Onde a felicidade às vezes pontuava, que até vi uma vida futura!
Mas, depois de muito sofrimento implorei aos céus um lenitivo,
E, tu, com a frieza da incredulidade, por fim, de ti me afastas...

Convenceu-me de fato... Tens razão...
É como dizem os sábios,
Nada dura para sempre,
E, toda dor tem seu momento do basta!

Digo-te, porém, não sou como as ondas do mar
Que espocam nas areias da mesma praia há milênios,
E insistem nisso, convictas de seu amor pela Terra,
Num sagrado ritual sem descanso! Não tenho esta paciência!

Às vezes sinto teus olhos voando para o infinito e vejo em tua boca
Que existe, há muito, um beijo lacrado de esperança louca,
E que jamais vou conseguir abri-lo...
Talvez, por isso, finalmente convenci-me de tua indiferença!

Não vale a pena, dizes. Solto, então, as amarras da verdade,
E me lanço ao mar da solidão... Perdoa, e por mim, apenas ore!
Quem sabe, um dia, meu veleiro, com a carga da saudade,
Retorne, e no teu porto inda ancore!

Nelson de Medeiros

OUTRA VEZ...

OUTRA VEZ...

Hoje eu a vi. Vi a mesma nobreza,
A mesma serenidade no olhar,
Corpo d!outrora, olhos cor do mar...
Pouco mudara, com toda a certeza!

Recrudesceu-me o amor singular,
Que eu sentira com ardor e pureza
No corredor da mini realeza,
Que fora um dia, o templo escolar!

Tomou-me de arrastão a nostalgia,
E me lembrei de nossa ideologia,
Num misto de saudade e insensatez!

Mas, tudo se foi... Resta viajar
No tempo e mais uma vez esperar
Que a dor volvida se afaste outra vez!

Nelson De Medeiros

CAUSA E EFEITO... (UMA REFLEXÃO)

CAUSA E EFEITO

Tudo na vida tem seu tempo certo para se transformar. Nada morre de verdade, como já disse bem um sábio químico francês. Até ela, a própria vida, se transforma no momento aprazado, geralmente quando menos se espera...

Porém, isto não significa, jamais, que vivemos neste mundo num determinismo totalmente imperioso, qual vivêssemos num jogo de cartas marcadas. Não somos marionetes manipuladas por cordéis nas mãos de um titeriteiro.

É verdade que temos, tais como os dados, alguns pontos marcados, que são pré-determinados por uma Lei Natural, e, pelos quais já passamos, outros que chegamos neste exato momento e mais outros que, sem dúvida, haveremos de atingir, ainda.

Mas, são apenas situações cujo desenrolar dependeram, dependem e dependerão de nosso livre arbítrio para o desfecho que lhes demos, vamos dar ou daremos lá na frente.

Tais situações se entrelaçam no tempo, de forma que daquelas que já vivenciamos e sobre as quais decidimos o modus operandi e o modus vivendi, estão a influenciar diretamente o que vivenciamos agora. São os frutos que colhemos hoje, das árvores que plantamos ontem.

Por lógica e razão, da mesma forma que o modo como lidamos- por atos e pensamentos ? com situações do agora e como estamos fazendo para superá-las, sem qualquer dúvida, irá determinar a facilidade ou a dificuldade que teremos para as outras que virão amanhã, pois que a vida é um sem fim de idas e vindas, de ontens, hojes e amanhãs.

Tudo isso e apenas a Lei Universal da Causa e Efeito...

Nelson de Medeiros.

FADO CRUEL

FADO CRUEL...

Senti-la frente a frente,
Beijar a sua mão,
Ouvir seu coração,
Um dia eu quis somente!

O desejo premente,
Sufocando-me então,
Prendeu minha emoção
Ao sonho irreverente!

E, doei-me ao intento,
Indo, qual fosse o vento,
Abraçar uma estrela!

Mas, a dor me espreitava,
E cravando-me a clava,
Impediu-me de tê-la!
Nelson De Medeiros.

A DEUSA DA MINHA RUA

A DEUSA DA MINHA RUA

Sempre à noitinha eu a vejo chegar
Retornando, elegante, a seu abrigo...
Não sou "*voyeur*", mas juro não consigo,
Deixar de olhar um corpo singular!

Seus olhos verdes, verdes como figo,
São adornos d!uma deusa d!além mar,
E as tranças enroladas, cor de trigo,
Tem nuanças do poente no luar!

Tudo nela me encanta e me fascina,
E os modos de mulher e de menina
Num tempo são pueris e obscenos!

Sei que é teimosa e até intransigente...
Pode ferir, sem pena, agudamente,
Mas sabe amar, sem pejo, como Vênus!

Nelson De Medeiros
07/1999

ÚLTIMA CARTA

ÚLTIMA CARTA

Tu és destinatária desta carta:
Desnecessário rabiscar teu nome
E dizer de toda a dor que consome
O trovador que do sonho se aparta!

Despedida? Renúncia? Não me importa
A aparência que a realidade tome;
Tua falta será um cognome,
Pois saudade acepção não comporta!

Digo assim, sem receio: - Até breve,
Pois na roda do tempo, em algum lugar
Inda verei os lindos olhos teus;

Tanto porque sei, com certeza invulgar,
Que em dois credos a vida circunscreve:
Não existe morte, não existe adeus!

Nelson De Medeiros

TRISTE DOM

TRISTE DOM

Eu trago uma intuição muito antiga:
A crença que já vivi outras vidas,
Pois nesta, sempre em cenas repetidas,
Um passado a minha mente fustiga!

Meu coração é prenhe de doídas
Lembranças, e que minha alma castiga!
Penso que são - é preciso que o diga -
Dores do ontem, nela inda retidas!

Lembranças da paixão de antigamente...
Daquele corpo feito por esteta,
Daquele rosto alvo e acetinado!

Porém, que triste dom o do poeta!
Vê-los na claridade do presente,
Mas, só tê-los nas sombras do passado!

TEUS CABELOS

TEUS CABELOS
Ontem eu revi teus negros cabelos...
Quanta saudade já sentia deles!
Queria uma vez afogar-me neles,
E no rosto, num instante, retê-los!

Uma só vez antes do adeus terminal
Queria afagá-los, tê-los na mão,
Senti-los deslizando na emoção
Da partida para o degredo final!

O amor, sem a total cumplicidade
Não vinga... É apenas unidade...
Sucumbe sem fator de ida e volta...

Por isso, meu amor te diz adeus,
Mas leva a mecha dos cabelos teus,
Onde a saudade ficará envolta!

Nelson De Medeiros
04/07/2020

A VIAGEM

A VIAGEM

Tarde dolente cor de cinza, com chuvinha fina, pegadeira, suscitando lembranças que se juntaram através do tempo. Pela janela do carro já nem percebo postes e pessoas que passam em disparada. Quero fugir da realidade, desprender da alma o fardo de responsabilidade que a vida me confiou e sob o qual sucumbo a cada instante...

Ganho a estrada, busco o campo. À medida que avanço inexplicável torpor me invade a mente... Paro de pensar e toda a minha vida desfila ante meus olhos. Fenômeno desconhecido que, longe de inspirar medo me enche de tranquilidade.

Transportam-me a outra paisagem... A chuva cessara dando lugar à claridade do sol que entremeava seus raios dourados sobre a mata molhada.

Sobre a encosta de pequena colina, arvoredo florido balouçando ao sabor da brisa da tarde emprestava aspecto deslumbrante à clareira acolhedora, verdadeiro oásis de prodigioso bem estar, fazendo-me recordar, de imediato, os famosos bosques de Viena sobre os quais tanto aprendera em minha juventude.

Sensação de paz íntima e de respeito ao desconhecido se aninharam no meu peito, dando-me a impressão de que penetrara mundo diferente... A Shangri-lá dos meus sonhos, talvez...

Foi num átimo de segundo, se tanto, que eu entendi que em algum lugar do espaço se encontra gravada, passo a passo, toda a trajetória de nossa milenar caminhada na busca da perfeição, porque não somos, nesta vida, folhas soltas ao sabor dos ventos...

Somos o que pensamos e a cada momento mudamos a rota do destino através de nossos atos e pensamentos, embora a caminhada aponte sempre o rumo norte. Jamais estacamos na estrada porque a cada desvio que buscamos, mesmo que nos atrase o passo, lá na frente sempre a encontraremos novamente e retomaremos a jornada...

E, nesta centelha de tempo, num segundo incomensurável, eu compreendi que Deus é a causa misteriosa de tudo quanto existe e que eu não entendo. Manancial de todas as formas de vida é o supremo consolo do infortúnio e a esperança de riqueza do pobre. Essência do próprio direito é a fonte de justiça do oprimido. Símbolo eterno da paz é o rumo de todas as criaturas na busca da Luz que dissipa todas as sombras...

Nelson de Medeiros.

O HOMEM E A PESTE

O HOMEM E A PESTE

Ante a peste que se achega no mundo
No alvorecer do milênio segundo,
Toda a humanidade se desmascara!
Os vis e desumanos, em grupos pervertidos,
Alinham-se e seguem conduzidos
Pelos vícios que a vontade escancara!

Ímpetos egoístas, interesseiros
Aportam-lhe na alma... Mensageiros
Do egoísmo, da cobiça, e ciúme!
Não tem ideia do dar sem receber,
E , cego, sequer consegue entrever
Da luz do amor um pequeno lume!

Quando obrigado não consegue ajudar
Sem resmungar sem reclamar,
Cria o choque da exigência
Para qualquer de seu semelhante,
E um novo choque colhe adiante,
Confundindo a própria existência!

Com a discórdia sempre entrelaçados,
Perdem-se sem rumo, desalinhados
Do verdadeiro sentido da vida!
Pobres ignaros que apenas mentem
Para si próprio e não sentem,
Que é da lei que todo mal retorna em mal!

Nelson De Medeiros
13.07.2020

CRENÇA

CRENÇA

Na madrugada ao bardo tu disseste:
- Vou, mas volto, meu amor te afiança!
-Nada existe que impeça esta aliança
Que acredito ter origem celeste!

-Também creio, disse o vate inconteste,
-Não há nada que supere a esperança,
Pois como fé, é virtude que encanta,
E, dela toda minha alma se veste!

Infeliz de quem a cultiva e pensa
Ser ela a mais condescendente crença,
E que, da dor, fazer ventura possa!

A esperança é falsa, lisonjeira,
É quase ideologia galhofeira,
Pois, das crenças é que mais d!Alma troça!
Nelson De Medeiros

ÚLTIMA CARTA

ÚLTIMA CARTA

Tu és destinatária desta carta:
Desnecessário rabiscar teu nome
E dizer de toda a dor que consome
O trovador que do sonho se aparta!

Despedida? Renúncia? Não me importa
A aparência que a realidade tome;
Tua falta será um cognome,
Pois saudade descrição não comporta!

Digo assim, sem receio: - Até breve,
Pois na roda do tempo, em algum lugar
Inda verei os lindos olhos teus;

Tanto porque sei, com certeza invulgar,
Que em dois credos a vida circunscreve:
Não existe morte, não existe adeus!

Nelson De Medeiros

MESA DE BAR

MESA DE BAR
A noite é fria... Lá fora a chuva incessante
Lembra tua ausência que chega a todo instante...
O seresteiro indiferente à minha dor,
Solfeja notas de saudades em langor!

A canção me diz de cabelos anelados,
Longos cachos de fios negro ? prateados,
A lembrar teu rosto amado, teu corpo esguio...
Versos de queixumes, lamentos entoados,
Que dentro d!alma ressoam em tons magoados,
E então me perco num olhar distante e frio...

As mãos do artista deslizam ágeis, ardentes
E ao som do piano ando em voos transcendentes...
Na febre dos desejos e da insanidade,
Vejo-me longe , fora da realidade...

Onde estás? Que fazes doce criança?
Meu alento! Derradeira esperança!
Ah! Sorte madrasta... Incauta solidão!
Pobre vate: Inunda de dor a face ingrata,
Tal qual a chuva lá fora, caindo em prata,
Inunda de lágrimas a negra imensidão!

Guarapari-ES Verão de 1999.
Nelson De Medeiros

CANTIGA

CANTIGA

AH! Morena, morena do meu cantar!
Dos cabelos prateados,
dos olhos amendoados,
minha gota de luar!

Onde o teu colo mimoso,
aquele corpo cheiroso,
que à rosa fazia invejar!

Ah! Morena, morena do meu cantar!
Dos seios candentes, arfantes,
dos lábios rosados, vibrantes,
meu pedacinho de mar!

Onde teu jeito infantil,
aquele olhar pueril,
que eu corria a encontrar!

Ah! Morena, morena do meu cantar!
Do sorriso alegre, trigueiro,
do rosto macio, fagueiro,
minha Musa secular!

Onde a face serena,
aquela flor de açucena,
o meu jardim singular!

Ah! Morena, morena do meu cantar!
Dos cabelos prateados,
dos olhos amendoados,
volta outra vez a me amar!

Nelson De Medeiros

A ESPERA...

A ESPERA...

As horas passam... A incerteza que angustia
É brasa no inquieto pensamento do bardo...
Cada segundo da espera é certeiro dardo,
Flexa que queima que arde e asfixia...

Passa o tempo e ela não vem... Acaso o teria
Enganado? Seria a demora retardo
Apenas por gosto do íntimo resguardo?
O que não faz nossa mente c!o a idolatria!

Que desencanto, quanta dor, pungente, infinda...
Desiludido o trovador se desespera,
E, se põe a imaginar que tudo se finda...

Mas, como em sonhos, tudo muda num repente,
E, finalmente ela resurge e reverbera
Que tanto amor há de durar eternamente!

Nelson De Medeiros

A UMA AMIGA NO DIA DO AMIGO

A UMA AMIGA

Não posso dizer: - Eu te amo.
Ah! se eu pudesse - Quem dera!
Por isso sempre te chamo:
Minha amiga mais sincera!

Nelson De Medeiros
20/07/2020

VELHA CONHECIDA

VELHA CONHECIDA

Eu seguia na Avenida,
Caminhando lentamente,
Quando senti de repente,
A memória revivida!

Era de mim conhecida
- E isto o poeta sente-
Aquela sombra silente,
Que vi, alquebrada na lida!

Não era a mesma de outrora,
Pois não tinha mais agora,
O seu corpo escultural!

Em tudo havia mudado,
Só em seu rosto estampado
Vi o orgulho que era igual!

Nelson De Medeiros

CONVICÇÃO

CONVICÇÃO

Nunca a tive, mas nasci por ela esperando...
Quando em sonho pressinto sua aura brilhante,
Julgo ver os traços do seu rosto, e ofegante,
Lanço-me espaço afora em lúcido desmando!

Do céu, coberto de luar, um vento brando
Sussurra-me canção antiga, inebriante!
E induzido pelo som equidistante,
Adentro os caminhos da noite a procurando!

Jamais a encontro... Sempre a mesma ansiedade...
Noites insones de esperas e torturas,
Dias e mais dias que aparentam infinidade...

Mas, que importa o tempo? Na vida é um repente!
Por isso, se é prá tê-la em épocas futuras,
Hei de esperá-la, em qualquer vida, eternamente!

Nelson De Medeiros
26/07/2020

ÚLTIMO BEIJO

ÚLTIMO BEIJO

Naquele amanhecer em riso tu partiste...
Dourado sol iluminava teus caminhos!
A primavera começava e tu nem viste
As rosas na mi!alma, alastradas d!espinhos!

Na curva d!estrada o trinar dos passarinhos
Levou-te o meu adeus num longo canto triste!
As épocas vão e vem, mas sem teus carinhos,
Minha estação parou no inverno que me assiste!

Assim também as idas e vindas na vida...
Voltas em caixa de esperança oferecida,
Como a de Pandora ofertada a Epimeteu!

Mas, esperanças se foram c!as primaveras...
E por mais que me digas de dores e esperas,
Jamais vou beijar, outra vez, um beijo teu!

Nelson De Medeiros,
27/07/2020

A BELA DA TARDE

A BELA DA TARDE

Cansado de um dia estressante,
No trânsito louco, estafante,
Dentro do carro eu olho o nada!

Busco fugir do som infernal...
Fito a paisagem vesperal,
E, vejo a bela na calçada!

Ela tropeça repentino!
A saia sobe e eu buzino,
Mas, a cantada não entoa...

Tento ajudar, ela recusa,
Ajeita o salto, ajeita blusa,
Olha, agradece e sai na boa!

Fico abatido, inconsolado,
Por um cartão não ter lhe dado,
Sem ter porém, nenhum receio!

Pois sei que a verei novamente,
E não vai ser casualmente,
Já que no acaso eu não creio!

Nelson De Medeiros

CRIME E CASTIGO

CRIME E CASTIGO

Na juventude eu conheci o Beto,
Cara falador, um tanto esquisito
Pois se gabava de ser erudito,
Sem ter, entretanto um curso completo...

O mofino, do bem, era proscrito
Embora a bondade sob seu teto,
Um anjo de mulher que o abjeto
Assassinou por ciúme irrestrito...

Mas, a verdade chegou ao niilista,
E o remorso, próprio do chauvinista,
Fê-lo sentir, em vida, a dor dos umbrais!

Ignorância... Sumo adversária
Do ser humano em sua luta diária
Contra seus vícios e mazelas morais!
Nelson De Medeiros

OLHOS VERDES

OLHOS VERDES

Eu queria compor uma elegia,
Para exaltar o olhar na face dela!
Mas nenhuma tristeza eu versaria...
Só a alegria que o amor atrela!

Da realidade aos sonhos de magia,
Traria tudo que o lirismo anela!
Seria a mais sublime melodia,
Da ternura que vi nos olhos dela...

Então fiz um soneto no instante
Em que cruzamos no mesmo quadrante,
Fazendo-me imaginar até,

Que o olhar fora moldado noutra era
Por um anjo morador d! outra esfera,
De tão lindo e apaixonante que ele é!

Nelson De Medeiros
30/07/2020

DESTINO

DESTINO

Na vida nada é predeterminado...
O "destino" que parece implacável,
Como um labirinto todo marcado,
Não pode ser trajetória imutável.

Tal pensamento não é razoável...
A dor é fruto de nosso passado,
Opção do arbítrio inviolável,
E que o presente deixou de legado!

Cada um assume o seu próprio ato;
Ninguém paga pelo erro alheio...
É a razão que nos prova este fato.

Por isso toda a angústia que extravaso,
Não é fatalidade que me veio,
Muito menos foi obra do acaso!

Nelson De Medeiros

DECISÃO

DECISÃO

Sem hesitação disse-lhe um dia:
Vamos... Deixemos de lado a prudência,
Que em se tratando de amor é essência
Do querer, que eterno se prenuncia!

-E nosso escrúpulo nesta vivência?
Onde nos levará tal rebeldia,
Disseste-me... Isto me repudia,
Pois meu maior valor é a decência!

Que diferente é o nosso pensamento!
Preferes o costume, o sofrimento,
E a solidão sem par de uma saudade!

Já eu prefiro o amor leal, inteiro...
Pois quando este amor é verdadeiro
Não há remorso e nem frivolidade!

Nelson De Medeiros. 28/07/2020

NOSSO CASO

NOSSO CASO

Bem que eu quis continuar nosso caso,
Ver-te mais e mais ouvir tua voz
Quando distante do mundo a sós,
Ao fascínio da atração demos azo!

Perfeita sincronia que eu comprazo
Ainda agora, ao te encontrar após
Tanto tempo... E aferindo os contra e prós,
Vejo que tudo veio por atraso!

Nascemos fora do tempo e do espaço,
Por isso é que novo caso eu rechaço,
Pois a razão é que dita a pronúncia!

Vamos dar tal paixão por encerrada,
Sigamos separados na jornada
Levando cada um sua renúncia!
Nelson De Medeiros

ESSENCIA HUMANA

ESSENCIA HUMANA

O teu olhar, vestal moderna,
É rara estrofe de beleza!
Um verso que amor externa,
Em rima rica de nobreza!

Canto de paz e realeza,
É lira dócil e fraterna!
Tela de rara sutileza,
É quadro de alma pura e terna!

Quando sorris tu eterniza
Uma aura de paz que desliza
Por teu rosto de porcelana!

E ao te ver assim tão linda
Tive então a certeza infinda
Que vi a essência d!alma humana
Nelson De Medeiros

CONDOREIRA

CONDOREIRA

Senti não ver sua foto à cabeceira...
Uma dor diferente, inominada,
Sensação de vazio, de quase nada,
Atormentou-me a mente a noite inteira!

Não vi mais a meu lado a condoreira,
Albatroz da palavra refinada
E cujo rosto é rima emparelhada
No soneto da ternura primeira!

Por isso clamo aos céus quase em pecado
Pra que possa na vida inda rever
A Musa que inspirava a minha lira!

Sem ela, sem seu rosto em minha mira,
Por mais que eu tente até obstinado,
Não posso mais sobre o amor escrever!

Nelson De Medeiros

CONFISSÃO

CONFISSÃO

Por que teimas em negar-me teu amor?
Perguntou o poeta a sua musa;
É dele, eu bem sei, a causa desta dor
Que, sem razão a tu!alma recusa!

-Reconheço ? disse ela confusa,
Mas, confessá-lo me proíbe o pudor,
E te quero sem pecha de pecador...
Por isso de tudo fiquei reclusa!

-Mas, dize tu poeta quem te contou?
Serás mago, vidente ou coisa assim?
Nigromonte que a alma pode sondar?

-Não! E deste amor, o vate retrucou,
Ninguém me disse ou magia agiu em mim,
Tudo eu vi na confissão do teu olhar!
Nelson De Medeiros

CORTEJO

CORTEJO

Se existisse acaso, seria acaso a escolta
Que vi na tarde gris, de tristezas coberta...
Ao campo santo, de serenidade envolta,
Seguia o cortejo pela rua deserta...

Estranha sensação de uma certeza incerta,
Encheu minh!alma de um vazio sem revolta;
E me esquecendo o compromisso de hora certa,
Por força irresistível parei, dei meia volta...

Seguindo o funeral a dor minha alma inunda,
Ao saber que o corpo inerte ali escoltado
Era do amigo que na dor me deu guarida!

Pensei: Qual sensação seria a mais profunda...
A minha? De inda estar no mundo acasulado,
Ou a dele, que livre voava para a vida?

Nelson De Medeiros

PRÉ-JULGAMENTO

PRÉ-JULGAMENTO

Donde vem esta amargura,
Que tens no peito calada?
Não eras assim, gelada,
Mordaz, tão insegura!

Talvez a razão formada,
Não veio com tessitura,
E a tua conjectura,
Deva ser reformulada!

Aprendi nesta existência,
E passo a ti a vivência,
Uma coisa cá guardada!

Nada existe sem razão...
Por isso não julgue não,
Minha doce amiga amada!

Nelson De Medeiros

PLANETA TERRA

PLANETA TERRA

A Terra... Gigantesca bola onde habito,
E que gira sobre o eixo no infinito
Volteando nosso sol, milenarmente!
É divina escola onde há muito me ancoro,
E em vidas sucessivas me aprimoro,
Na arte de dar sem receber somente!

Assemelha-se a trem magnífico,
Onde uma vida é vagão especifico,
Que nos conduz pelas várias existências!
Ora estamos no carro da avareza,
Ora na vil vagoneta da pobreza,
Mas, progredindo sempre nestas vivências!

De corpo em corpo, mas com a mesma alma,
Peregrinamos no orbe buscando a razão
Dos males que enfrentamos a nosso lado!
A cada viagem vestimos roupagem nova,
E, aprimorando a alma de prova em prova,
Avançamos corrigindo os erros do passado!

O nosso orgulho, vaidade e vilania,
Se vão pela razão com sabedoria
E promovem nossa alma a novo estado!
Esta é a síntese do nosso destino,
Na viagem de amor ou desatino
Que faremos muitas vezes com certeza!

Por isso aproveitemos nossa estada
Neste orbe de expiação fadada,
E mudemos nossos tons de realeza!

Deixemos de lado a fé alienada,
Aprendamos a ter fé raciocinada,
Pois que ninguém mistifica a Natureza!

Nelson De Medeiros, 09/08/2020

EU E TU

EU E TU

Teus, são meus versos tristonhos...
Teus, são meus loucos desejos!
Meus nunca foram teus sonhos...
Meus nunca foram teus beijos!

Nelson De Medeiros

PROPOSTA

Â» PROPOSTA
Â»
Â» Dou-te o que tenho: Estas liras sonoras,
Â» Vêm do fundo d'alma..Meus ais mais profundos!
Â» São cantos de dor...A mesma que tu choras,
Â» A mesma que amantes choram pelos mundos!
Â»
Â» Dá-me o que tens: esperanças de Pandoras,
Â» Que de manhã me escapam d'alma, em segundos!
Â» Vas auroras de amor...As nossas auroras,
Â» Como as auroras de sois já moribundos !
Â»
Â» Somos iguais, Na saudade e nos amores!
Â» Esquecamos pois, da vida os dissabores
Â» E sigamos na jornada que eu proponho.
Â»
Â» Juntemos nossa amargura dos sozinhos,
Â» Vamos sim, seguir sem medo nos caminhos,
Â» E viver lá no infinito o nosso sonho!

Nelson De Medeiros

A MENINA DO RANCHO

A MENINA DO RANCHO

Recluso avisto ao longe a cordilheira,
E as serras azuladas no horizonte...
A paisagem é deveras deslumbrante...
Então divago de minha trincheira...

Há quanto tempo a cena é companheira
Do trovador - eterno figurante
Da vida - e que pranteia neste instante,
Ao recordar-se da moça rancheira?

Onde andará a menina singular,
Cujo perfume inda bafeja no ar,
Que pelo vate fora tão amada?

Por certo na lembrança e coração
Do bardo que agasalha em sua solidão,
Toda a saudada da serra azulada...

Nelson de Medeiros

ENTENDIMENTO

ENTENDIMENTO

Não! Não minha doce amiga poeta,
Quanto a nos, não somos seres perfeitos!
Ao contrário, prenhes de preconceitos,
Só tentamos seguir na mesma reta!

Cada um com virtudes e defeitos,
Mas, no fundo buscando a mesma meta!
Não sou mago, nigromonte ou profeta,
Para prever das causas seus efeitos!

Eu só sei, pela fé raciocinada,
Que a justiça será sempre cobrada
Pela maldade da hora deserta!

Não "olho por olho e dente por dente",
Mas pela Lei Natural que somente
Exige o reparo na hora certa!

Nelson De Medeiros
13/08/2020

UM BEIJO

UM BEIJO

Recebi muitos beijos nesta vida:
Dos fraternais até mesmo aos imorais;
Alguns fortuitos e outros naturais,
De gente inocente e gente sabida!

Casuais, a muitos eu dei guarida,
Sempre cheios de suspiros e de ais!
Uns trocados à sombra dos mangueirais,
E outros de paixão que nunca se olvida!

Ganhei muitos na alma e no coração,
Beijo poético também já recebi,
E até o beijo escrito d! uma louca!

Mas, somente aquele que eu busco, em vão,
É o beijo de amor, boca a boca,
Que eu quero dar e receber de ti...

Nelson de Medeiros
13/08/2020

VIDA ROUBADA

VIDA ROUBADA

O mundo parou de lado,
Depois de tua desfeita...
Ficou a lua imperfeita,
e, o sol tornou- se quadrado!

O infinito que se enfeita,
de estrelas salpicado,
ficou então mergulhado,
na escuridão mais perfeita!

O mar se agitou afoito,
e, um raio eu vi trovejante,
no momento da partida!

Mas hoje, dia dezoito,
relembrei daquele instante,
que roubaste a minha vida!

Nelson De Medeiros
18.07.2020

SOMBRAS

" E essa multidão em minha volta,
Vai vivendo...
E porque em meio a tantas
A tua ausência mais se nota,
Vou morrendo!"

AUSENCIA de Lucy Mara Mansanaris

SOMBRAS
Pensativo vou indo na avenida,
E, muito embora, a tudo desatento,
Percebo por instinto de momento,
Que outra gente percorre a mesma ida!

São sombras... Mas são repletas de vida,
E nelas encontrar-te é meu intento,
Pois, tua presença eu sinto no vento
Que me traz teu perfume na partida!

Porém eu vejo também outra gente
Que à minha volta se aglomera rente
E c! as sombras caminha convivendo...

Mas, minha alma, inda que o corpo tente,
Somente a tua sombra ao longe sente,
E por isso de saudades vai sofrendo!
Nelson De Medeiros.

RESPOSTA

RESPOSTA

Ouvi de ti esta pergunta um dia:
Prá quem serão as notas de teus cantos?
Enleado no tom de teus encantos,
Afoito, respondi: À fantasia!

Menti... Um poeta não se distancia
De uma história já vivida... Prá tanto
Floreia, mascara a dor e esconde o pranto,
Mas, da verdade nunca distancia!

Então, escuta o que agora te digo:
Não é só invenção que n!alma abrigo...
Antes são cantos na saudade imersos!

E, sentindo novamente nossos ais,
Não posso te esconder nem um dia a mais,
Que inda és a verdade nos meus versos!
Nelson De Medeiros

AMOR DE PIERRÔ

AMOR DE PIERRÔ

Não é simples dizer como te amo,
Pois que tudo parece velha sina!
Não é por teu corpo apenas que eu clamo,
Mas, sim por teu conjunto que fascina!

Não é paixão de Arlequim que proclamo,
Mas, o amor de Pierrô por Colombina!
Amor que desde o berço eu já conclamo,
E, que da prima vida se origina!

E às vezes sem saber se é realidade,
Eu faço dele uma Comédia d! Arte,
Entre o burlesco e toda a contextura,

Pois percebendo o fim desta aventura,
Onde apenas do todo existe parte,
Componho meu soneto de saudade!
Nelson De Medeiros

AINDA UMA VEZ...

AINDA UMA VEZ

Novamente a te escrever, Musa eterna,
Numa impulsão voraz de minha mente!
Sem conter emoções mi!alma externa,
A paixão que lhe habita persistente!

Tu és uma atração onipresente
Que eu sinto no ar que a vida externa!
Quando vens ligeira, de repente,
Aquece-me a alma em tépida lucerna!

E quando vais assim qual mudo vento,
Meu coração que é lôbrego tormento,
Torna-se vendaval de verso e prosa!

Por isso em meu jardim és flor de sonho,
Que inda uma vez colher eu me proponho,
Qual cravo apaixonado pela rosa!

Nelson De Medeiros

MEDIDA DO AMOR

MEDIDA DO AMOR

Queres saber do meu amor o tamanho?
Vou dizer-te neste indriso tacanho
O artefato que ele pode ser medido e descrito!

Já olhaste a natureza e a imensidão?
Digo-te que ele só pode ser medido então,
Pela mesma trena que mede o infinito!

O amor de almas gêmeas é imensurável.

É luz que brilha e nunca apaga.

Nelson De Medeiros
19/08/2020

FARSA

FARSA

Já vi de quase tudo neste mundo;
Até vi muito além da face humana!
Vi gente astuciosa que engana,
E disso sente orgulho profundo!

Vi homem "santo" ,reles vagabundo,
Passar barro por fina porcelana!
E quanta gente eu vi que inda se ufana,
De ser o embusteiro mais imundo!

Conheço, assim, da turba a ideologia;
Todo o talhe de sua hipocrisia,
As pérfidas falácias e trapaças!

E bem no meio desta podre gente,
Tu foste, dentre todas certamente,
A mais perfeita de todas as farsas!

ORGASMO

Â» ORGASMO
Â»
Â» O que mais detesto na vida é a mentira,
Â» De todos os vícios este é o mais degradante!
Â» É próprio drama impura, infiel e infamante,
Â» Que em sua própria desgraça sonha e suspira!
Â»
Â» Já separou irmãos, causando inveja e ira,
Â» Destruiu casamentos, fez de amiga, amante!
Â» Já fez do apaixonado um malandro tarsante;
Â» E com discórdia fez do fiel um traíra!
Â»
Â» Segundo a crendice que impera em nossa gente,
Â» Quando ela surge e lança n'alma a sua chama,
Â» Em mil orgasmos de maldade ela delira!
Â»
Â» Eu a detesto e também quem nela se assente!
Â» Mas, entretanto quando tu dizes que me ama,
Â» Sou eu que sinto enorme orgasmo na mentira!

Nelson De Medeiros

PEDIDO

Â» PEDIDO
Â»
Â» E que presente a vida me concede!
Â» Sentir, mais uma vez tua presença,
Â» Falar-te, ouvir-te, ler a tua crença,
Â» E a tua inspiração que não se mede!
Â»
Â» Inda me lembro a tua benquerença ,
Â» E pela mi alma não se despede,
Â» Não controla, não se aparta e não cede,
Â» Pois ternura na vida é renascença!
Â»
Â» Que não te apartes de mim nunca mais,
Â» É pedido que o trovador te faz
Â» Em mistura de amor e de desejo!
Â»
Â» Espero-te à sombra dos laranjais,
Â» Onde um dia nos trocamos nossos ais,
Â» E colei os meus lábios no teu beijo!

Nelson De Medeiros
Â»

A MENTE

A MENTE

A energia mental é força que vibra
Em nossos atos comuns e que equilibra
Diuturnamente o compasso da existência!
Cada pensamento d!um, n! outro se reflete,
Obedecendo a ímpeto que se repete
Milenarmente na estrada de nossa essência!

A nossa mente em qualquer posição que esteja,
Recebe e concede, absorve e enseja
As ideias que forjam os nossos destinos!
Servir ao próximo sem recompensa alheia,
Ou ser servido no orgulho que nos ponteia,
É sempre escolha entre o amor e os desatinos!

Desde sempre somos soma de pensamentos,
Trocamos ideias em todos os momentos,
E vivemos com as que conosco se afinam!
Pouco importa de que dimensão elas vêm,
Sempre de uma ou de outra ficamos refém
E muitas vezes são as outras que opinam!

A influência, boa ou má, em nossos atos,
Atrela-se à inspiração de muitos relatos
Que se entrelaçam no desejo coerente!
Rodeiam-nos os que sentem o que sentimos,
Pois somos o que recebemos e emitimos,
Tal o riacho recebe e dá da nascente!

Se dela recebe água escura e barrenta,
É desta forma que ele corre e se apresenta!

Assim também o rio da mente se reveste!
Portanto, sirvamos no bem que é nosso dever,
Pois que servir é forma única de reter
A água pura e clara da fonte celeste!

Servir ao próximo sem subserviência,
Muito mais do que obrigação, é ciência
Que sempre nos aproxima do Criador!
É se elevar, progredir e se engrandecer
Moralmente, conquistar e aprender
Até encontrar o universal Amor!

Nelson De Medeiros
23/08/2020

CIÚME

Â» CIÚME
Â»
Â» Dizes que meu amor é enganoso,
Â» Que é ligeiro e por mim não é vivido!
Â» Quase sempre com outras dividido,
Â» É amor que se torna venenoso!
Â»
Â» Que foi o teu afeto escarnecido,
Â» E ser amada assim é odioso,
Â» Pois se paixão por ti tivesse eu tido,
Â» Amar-me não seria vergonhoso!
Â»
Â» Mas, teu ciúme é cego, nada enxerga,
Â» Não ouve ninguém, e só sente esta dor
Â» Que inútil te consome em rebeldia!
Â»
Â» Enorme insensatez que não se verga
Â» E não te diz que por este seu amor,
Â» Por outro nunca o vate trocaria!

Nelson De Medeiros

O BEIJO DELA

O BEIJO DELA

A brisa que soprava em maré cheia,
Jogava seus cabelos contra a face
Como as ondas na praia em desenlace,
Deixavam branca espuma sobre a areia!

E nem fizemos conta da cadeia
Do tempo que passou por nós, fugace...
Na partida se o olhar assim falasse,
Diria da paixão que o amor permeia!

Ela sorriu encantadora e casta,
Ao contato apertado em sua mão
Naquele adeus de verdade composto!

E, até hoje a lembrança me arrasta
À mesma praia junto à arrebentação,
Onde sinto o beijo dela em meu rosto!

Nelson De Medeios

ONDE ESTIVERES

ONDE ESTIVERES

No horizonte o trovão no céu bramia...
O arvoredo se envergava a ventania
Tal como o bardo se vergava à solidão!
O mar revolto em tristeza se espraiava,
E a saudade- da paixão fiel escrava -
No peito ardia destroçando o coração!

E entre a dor, entre a saudade e a lembrança,
A minh!alma se transmuda em esperança
De que me ouças neste azul sem dimensão!
Vem, trespassa as longas ondas da distância,
Sintoniza teu amor em minha ânsia
Na frequência sem par desta emoção!

Ah! Musa eterna, compadeça dos meus ais!
Ouve agora meus gemidos tão reais
Que d! alma saem em prece de socorro!
Ah! Tu não vens não me mostras teus encantos,
E de dores, de amarguras entre prantos,
Eu desfaleço, e de saudades quase morro!

Mas, se não te sinto mais alma corpórea,
E tua face se estampa em cor marmórea,
Inda me resta o saber da eternidade!
Na mente eu te percebo lado a lado,
E por isso é que assim alucinado,
Sonho ainda com a imortal felicidade!

Escuta, pois, doce musa, meus clamores!
O perfume que invejava a tantas flores
Não mais exala do teu corpo nacarino!

Ah! Por teus lábios e teus beijos inda eu gemo!
E em pensamentos à deriva chego ao extremo
De te buscar na imensidão em desatino!

Ao bardo já não basta à lira triste,
Que se repete nesta estrofe que persiste:
Onde habitas neste céu ó minha estrela!
Quero achá-la no infinito que ignoro
Para dizer que é a ti que eu tanto adoro
E dar a vida num minuto para vê-la!

Volta de onde estiveres. Sê clemente!
Vem sentir este amor que inda é presente,
E que minh!Alma em desesperos entrelaça!
Volta outra vez ao flamboyant amigo,
Vem deitar à sua sombra o amor antigo
E me dizer o que sem ti, queres que eu faça!
Nelson De Medeiros
27/08/2020

A PROMOTORA

A PROMOTORA

Adamastor, como se sabe, era um cara simples, às vezes até simplório; tinha a mania de acreditar nas pessoas de bom senso.

Pois bem. Ao tempo em que advogava numa pequena cidade do interior apareceu em seu escritório uma linda estagiária que cursava, na época, o 5º período de direito e pretendia ser Promotora de Justiça, tão logo se formasse. Dona de um palavreado muito fluente e sempre pronta a resolver qualquer situação, era o protótipo da advogada perfeita, daquelas ou daqueles, para não parecer discriminação, que pensam como os donos da verdade e que a causa é sempre ganha, por mais errado esteja o seu cliente.

Nada era impossível para ela. Diante de qualquer problema que surgia tinha sempre a mais perfeita e fácil solução, embora raramente estas soluções apresentassem a praticidade exigida na vida forense.

Gostava de falar inglês. Pelo menos tentava. Gabava-se de ter sido uma das melhores alunas no curso que fizera, e, lamentava-se constantemente por não ter ido para os Estados Unidos num destes intercâmbios que a gente vê por ai.

Apesar de não ser muito estudiosa, o que, a toda evidência é um poderoso aliado daquele que será, seguramente, um péssimo advogado, descobriu que o termo "writ" que, em inglês, é o mesmo que mandado, era muito usado na linguagem forense, principalmente em se tratando de Mandado de Segurança.

Não precisa dizer que a menina especializara-se na matéria e era um tal de "writ" pra cá e "writ' pra lá que ela, sem atinar pela coisa, estava dando o que falar, e passara a ser objeto de gozação por parte de todos que frequentavam o Fórum local.

Acompanhava as audiências, mas nunca participara efetivamente de uma, mesmo porque Adamastor, a par de querer ajudá-la, sabia que a linda estagiária falava muito, era muito extrovertida, mas, na verdade, de direito mesmo ainda entendia muito pouco.

Tinha um receio natural de que ela viesse, não só a comprometer algum trabalho, mas até mesmo ficar queimada por alguma "gafe" que pudesse cometer. O calejado advogado sabia perfeitamente que em direito, o velho ditado "quem fala muito dá bom dia a cavalo", se encaixava como uma luva em tais casos.

A ciência de advogar não está no escrever muito e muito menos no falar muito, mas sim no escrever e falar pouco, mas dizer muito. E somente depois de muitos anos, quando você entende que ninguém conhece mais do que ninguém e que, na verdade, o que existe são conhecimentos diferentes, é que se consegue alguma coisa nesta difícil profissão.

Mas, como todos temos que iniciar nossa vida profissional de alguma forma, em alguma coisa, chegou a oportunidade da futura promotora fazer o que tanto queria que era participar, efetivamente, de uma audiência onde pudesse falar e, assim, mostrar seus dons de oratória. Era uma excelente oportunidade. O processo era muito simples. A causa estava praticamente ganha e bastava requerer, na audiência, a extinção do feito por motivo extremamente relevante. Não havia como o Juiz decidir de outra maneira, face ao erro grosseiro que havia passado despercebido à

parte contrária.

Assim, foi dada à futura representante do "Parquet" a incumbência de apresentar, em audiência, as alegações finais, alegações estas que a causídica em questão havia preparado com antecedência, e o texto fora devidamente aprovado por nosso Adamastor que apenas havia incluído uma ou outra palavra mais técnica como, por exemplo, a locução latina" in fine". Trata-se de uma expressão muito usada no mundo jurídico que significa ao final, no fim... Os advogados usam o termo geralmente para informar ao juiz ou chamar a atenção de que o que se pretende está no final do texto escrito, ou do artigo citado: "conforme artigo 267, in fine..." "Ou:" Por seu procurador in fine assinado..." A pronuncia é exatamente da forma que se escreve. "In fine."

"Na audiência a nossa promotora ia relativamente bem em seu pedido até o momento em que deparou com a locução e, sem perder a pose, iluminada por uma aura de extrema sabedoria sapecou na cara do Magistrado: ..." Isto posto, requer a Vossa Excelência, com fulcro no artigo 267, VI "INFÁINE"...

Infelizmente foi difícil segurar o riso do Magistrado que, por sua vez, já conhecia a fama da causídica americanizada.

Hão de perguntar: Qual o final da nossa estagiária?

Sinceramente, há muito tempo não vejo a entusiasmada candidata a promotora. Acho que nem mesmo advogar ela advoga. Não aqui, pelo menos... Quem sabe, enfim, nos confins dos" States?...

Nelson de Medeiros

METADES...

METADES...

Dizes tu que de mim tens somente metade...
De meu pensamento,
De minha incerteza,
De meu sofrimento,
De minha tristeza
De minha saudade...

Dizes tu que de mim tens somente metade...
De minha emoção
E deste desejo!
De meu coração,
Do ardor do meu beijo,
Da minha verdade...

Como és tola e sem razão,
Pois não vês que por inteiro,
Tens de mim ? é verdadeiro -!
Todo o amor desta paixão!

Nelson De Medeiros

A DEVASSA DA CORTE

A DEVASSA DA CORTE

Como já sabemos Adamastor era um cara simples, às vezes até simplório, tinha a mania de acreditar nas pessoas e gostava de escrever e fazer poesias. Errava bastante, mas cada vez mais se esforçava para sempre se pautar pelo vernáculo correto e o conhecimento da história do Brasil, pais em que acreditava, por intuição especial, ser a futura Pátria do Amor Maior.

Outro dia Adamastor, simplório como sempre, estava buscando conhecimentos na internet e viu um texto onde o autor explicava com muita propriedade alguns erros de português que a gente comete vez por outra. Errar é humano, certamente, e a correção por quem entende é sempre bem vinda. Mas sinceramente, existem coisas que superam qualquer entendimento; erros que mesmo que se queira, nem com a melhor das boas vontades se consegue corrigir. Nem Adamastor, em sua credulidade angelical.

Coincidência ou não, remexendo em seus escritos eletrônicos acabara de ler em seu correio uma relação de erros que, segundo o seu informante ? que era fonte confiável- foram cometidos nas provas do Enem capixaba. Viu que eram erros tão grosseiros que apesar de chegarem às raias do riso incontido abriu-lhe a curiosidade de encontrar os autores para saber de onde tiraram tantas ideias malucas. Preferiu, então, deixando o respeito de lado comentá-los, como faz, já que tais respostas, entre outras, deu-lhe inspiração.

Das "pérolas" que recebera selecionou algumas, mas em especial uma que tratava de um dos lugares mais lindos e mais nostálgicos que já conhecera: Ouro Preto, em Minas Gerais. A antiga Vila Rica, capital da então província. Não tratava diretamente da cidade, mas de fato ocorrido lá, nos idos dos anos setecentos. Falava de Marília de Dirceu, personagem que já fora tema de alguns líricos poemas e sonetos de amor que fizera.

Uma historia verdadeira paixão inigualável entre Dirceu, pseudônimo do poeta Thomas Antonio Gonzaga e Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, a Marília, *nobre senhorinha de família abastada que, em obediência às tradições familiares da época fora proibida de namorar o poeta, homem afeito às letras, mas pobre e sem qualquer descendência nobre. Na época isto era crime contra a dignidade aristocrática.*

Esta paixão avassaladora foi cantada e imortalizada nas Liras do poeta endereçadas a sua musa que até hoje é conhecida como "Marília de Dirceu". Adamastor, sempre é bom lembrar, embora meio tímido e simplório sempre fora um eterno romântico e sonhador de um mundo melhor, mais igual.

Pois é. E ai, justo quando acabara de ler as Liras de Dirceu aparece o raio daquele correio a lhe informar que fora perguntado na prova o seguinte: "O QUE FOI A DEVASSA NA INCONFIDÊNCIA MINEIRA?". A resposta assustadora fora que: "A devassa da

Inconfidência Mineira foi Marília de Dirceu, a amante de Tiradentes.".

Que disparate, pensou estarrecido. A devassa fora um rito processual judicial criado nas Ordenações do Reino de Portugal para a colônia brasileira. Era puramente criminal e totalmente inquisitorial, isto é, não assegurava o direito de defesa e de contraditório aos inquiridos que quase sempre eram condenados.

Para Adamastor, profundo conhecedor que era das histórias da Inconfidência Mineira, foi grande a decepção. Logo ele que sempre admirara Marília, como o retrato fiel do amor puro e romântico jamais poderia imaginar que ela fora *"amante do Tiradentes*". Meu Deus, como Dirceu pudera cantar aquele amor em verso e prosa para uma mulher devassa?

Mas, a verdade sempre vem em boa hora. Adamastor nunca havia entendido direito por que razão existe a ganância pelo poder e jamais se conformara que o Tiradentes fora enforcado por querer apenas justiça e igualdade. Nunca aprendera em escola nenhuma por que se cometem vilanias que tais até hoje, embora não se enforque ninguém em praça pública.

Ah! Mas, seu conterrâneo abriu-lhe os olhos. Claro! Quem mandou enforcar o Tiradentes foi Dirceu, não pelo poder, mas por vingança, e para acabar com a farra. E por que não? Tudo pode ter acontecido como escreveu outro maluco: *"O Brasil não teve mulheres presidentes, mas várias primeiras-damas foram do sexo feminino.".*

Ora se a Marília era devassa e amante de Tiradentes quem garante que algumas dessas primas donas não foram "travecos"?

Nelson De Medeiros

FEITIÇO DE AMOR

FEITIÇO DE AMOR

Uma rosa perfumou minha existência.
Cultivada por quatro anos, ela adquiriu viço e beleza...
Com o tempo, foi perdendo a cor e a essência.
Rainha sem ornamentos foi perdendo a realeza...

Você foi esta rosa perfumada...
De dia foi alva e delicada,
Mas, após a noite, no raiar de nova madrugada,
Perdeu a brancura. Ficou rota, amarelada,
E aos poucos desfolhou despedaçada...

Entretanto, por mais que a rosa se esfume,
Por mais que perca o brilho, a beleza e o viço,
Por muito tempo fica ainda o seu perfume
Impregnado, qual engenhoso feitiço...

Nelson De Medeiros

HISTORIAS D!OUTRO MUNDO. II

O FAZENDEIRO

A chuva descia torrencialmente alagando grande porção da estrada que eu percorria com destino a uma cidade do interior de Minas Gerais. Aos poucos fui notando que alguns carros paravam no acostamento; outros seguiam devagar, como eu, mas a cada minuto a coisa piorava. Não havia relâmpagos nem trovões, somente a água que caia em profusão. Estava em dúvida se continuava a viagem ou se fazia como os outros quando, com certo alivio, vi uma placa à beira da estrada: "*Leopoldina 5 km".*

Não pensei duas vezes e me dirigi àquela cidade embora estivesse, ainda, bem longe do meu destino. Passava das seis horas da tarde e a noite se aproximava prometendo mais chuva. Com receio de seguir caminho acabei por buscar um hotel e nele me alojei para seguir viagem pela manhã, bem cedo.

Devidamente acomodado em quarto muito limpo e bastante acolhedor passei a reler os apontamentos que seriam usados no meu trabalho em chegando à cidade de grande porte para onde me dirigia.

Estava absorto na leitura e quase não me dei conta de que ao meu lado um senhor me observava atentamente.

Surpreso e um pouco assustado fixei-o com mais apuro da visão e pude constatar que ele, embora bem visível aos meus olhos, parecia como que meio translúcido, como se fosse feito de uma névoa mais espessa. Lembrei-me, então, do amigo que me contava historias na infância e que há poucos dias me contara a sua historia vivida na cidade de Florença no século XVI. Não era ele, mas dissera-me que outros viriam me contar suas historias. Falara a verdade! ? pensei ? e logo me acalmei. Afinal, o fenômeno não era novo para mim.

Ele trajava um costume de lã inglesa bem escura, colarinho duro de ponta quebrada onde pontificava uma gravata entrelaçada em cores sóbrias; os sapatos também eram escuros e comedidos. Lembrava um afinamento com a pesada indumentária oitocentista da Grã-Bretanha, mesmo porque o clima da região, muito frio, favorecia isto.

Porém interrompeu-me a análise que lhe fazia, e disse-me se chamar Antonio Martins da Silva ? o Coronel Silva ? e vivera naquela região na primeira metade do século XIX. Fora rico fazendeiro na região Matense das Minas Gerais, mais precisamente em sua zona sul que abrangia Juiz de Fora, Mar de Espanha e Leopoldina, onde me encontrava. E, sem qualquer cerimônia falou: *"-Presta atenção, pois vou lhe contar a minha história toda".*

E narrou-me o seguinte:

" Naquela época esta região mineira tinha como principal economia seus cafezais que se perdiam de vista no horizonte. A Zona da Mata era, então, a principal produtora e exportadora da rubiácea do país".

"Eu era um fazendeiro igual a tantos outros que lá viviam.No começo eram só os cafezais e os escravos que deles cuidavam. Ainda não era rico, embora tivesse o bastante para sustentar minha família. Naquele tempo se media a riqueza de uma Província por sua capacidade econômica de importar mancípios[1], como se dizia. Dos habitantes da região seguramente 40% eram escravos, e, eu possuía cerca de 20 deles, entre homens e mulheres".

"Trabalhavam duro, de 15 a 18 horas por dia, cada um por dois, pois que a minha lavoura cafeeira não podia ser considerada pequena e, no mínimo necessitaria de, pelo menos, 40 trabalhadores para que o trabalho se humanizasse. Partiam para a lida antes do nascer do sol, por volta das 9 e 10 horas almoçavam, descansavam meia hora e retomavam a labuta. Mas, escravos eram caros e eu não possuía, ainda, condições para comprá-los, e, além do que, pouco me importava se trabalhavam muito ou não. Pensava, também, como muitos, que eu era dono deles e eles não eram considerados gente. Haviam nascido, acreditava, para o trabalho na lavoura. Na verdade eu me julgava até bom, pois lhes dava alimentação e uma senzala limpa para dormir. Não os maltratava, desde que não desobedecessem nenhuma ordem ou dessem qualquer prejuízo. Nesse caso, o tronco e o chicote eram naturalmente acionados".

"Entretanto, com a vinda da família real em 1808 para o Rio de Janeiro tudo ficou diferente, tudo começou a crescer no Brasil. A chegada de D. João VI, e a abertura do porto proporcionou , por lá, um grande desembarque de escravos africanos. Com isso a Zona da Mata tornou-se importantíssima no abastecimento para a então recém sede da Coroa Lusitana, aumentando consideravelmente com a abertura do Caminho Novo que ligava a Zona Matense ao Rio de Janeiro". [2]

" O tráfico de escravos já era, então, uma atividade das mais lucrativas e rentáveis e, sendo Minas Gerais a maior Província escravista do Pais muitos iniciaram este comercio clandestino que enriqueceu milhares, facilitado pela nova rota "

Parou por um instante, como a se recordação de tudo lhe fosse penosa. Notava, vez por outra, uma ruga a franzir-lhe a testa dando ao seu rosto uma aparência triste, mas sem desespero. Retomando, porém, o controle da situação, continuou:

" Como disse, não era pobre, mas a oportunidade que surgira, os amigos entusiastas que me cercavam, aguçaram minha cobiça latente n!alma e fizeram com que eu desejasse mais e mais. Mais escravos, mais dinheiro. Não que deva a eles a minha queda. Absolutamente. Prevalece sempre, para nós, o livre arbítrio que nos foi dado para decidir o caminho a seguir".

Na luta entre as forças do bem e as forças do mal, o mundo invisível que nos cerca fornece, sempre, os mais variados estímulos e os mais consideráveis elementos para atrair, fortalecer e fazer com que escolhamos sempre o melhor.

Prosseguiu firme*: " Eu logo admiti a idéia de ficar muito rico, e se já me achava -e de fato era -poderoso na região, imaginei o que não lograria conseguir com mais dinheiro.*

Poder. Vã ilusão. Aqueles que se julgam poderosos mal sabem que são na verdade dominados por outro poder, o poder das entidades perversas que controlam e absorvem suas forças energéticas nas mais simples decisões para usá-los em suas trevosas sintonias.

Deu um longo suspiro, e, continuou a narrativa: *" Em pouco tempo estava familiarizado com o tráfico de escravos, poderoso e riquíssimo. Meu único filho foi estudar na França, pois que dinheiro para isto não faltava.Queria ser médico e por lá se formou. Cheguei a ter oitenta escravos quando o comum era ter de três a dez. Quem possuía até quarenta já podia ser considerado rico, então, imagine eu com oitenta. Tudo fruto do tráfico ilegal , de negociatas com outros fazendeiros e com latifundiários de outras províncias, notadamente do Rio de Janeiro".*

"Entretanto não tinha paz. O pavor de perder o que havia

juntado se tornou obsessão, uma doença incurável que eu não percebia. Vivia para vigiar meu dinheiro e o medo de perdê-lo para qualquer outro me tomou a alma de assalto".

A síndrome do medo de perder é uma doença . É o ciúme doentio. O doente tem a constante sensação de incapacidade e inadequação porque seus parâmetros , em geral são estabelecidos a partir da atitude de outros e não dele mesmo.

Atento, reparei, então, que lágrimas desceram-lhe dos olhos, e com a voz embargada pela emoção, com muita dificuldade me contou que depois de conseguir tanta riqueza a desconfiança se apoderara de seu espírito. Tornara-se irascível, introspectivo, todos à sua volta queriam seu dinheiro, pensava. Quase não dormia com receio de ser roubado. Então, teve a idéia de construir um grande paiol com um fundo falso coberto de terra batida que serviria de *"cofre inexpugnável"* para esconder sua fortuna.

" Foi então- prosseguiu - *que a acolhi a infeliz idéia! Chamei Tião Branco, escravo mulato de minha inteira confiança ? meu fiel acompanhante de todas as horas - que trabalhando sem descanso construiu a fortaleza, a qual, só nos dois sabíamos como abrir, pois que a entrada somente era possível, aparentemente, por fora".*

Estacou, de repente, elevou a cabeça para o alto parecendo pedir socorro, força, coragem para terminar seu relato, e, logo depois arrematou:

-"Há! remorso atroz! O medo de ter meu tesouro descoberto foi mais forte que a noção da lealdade que o infeliz escravo nutria por mim. Enceguecido pela usura, desvairado pelo brilho do ouro lhe tirei a vida, premeditamente, de maneira fria e cruel. Cravei-lhe no coração a minha adaga..."

E caiu em pranto convulsivo.

Se o homicida frio e cruel soubesse o que a Vida lhe cobrará na reparação de seu ato impensado preferiria mil vezes ter o braço assassino decepado antes de desferir o golpe contra seu semelhante, pois que a Lei Natural,[3] que rege toda a vida, não necessita de nenhum juiz para ser executada; ela é auto executável por nossa própria consciência.

Recompondo-se continuou : "*Depois de uma luta insana contra a febre amarela desencarnei"*- retomou a palavra- *"sem me dar conta de qualquer remorso, pois que achava ter feito a única coisa que poderia para salvaguardar o que amealhara durante toda a vida para o meu conforto e de todos os meus. Mas, ainda tive a oportunidade de dizer ao filho mais velho o lugar onde entesourara todos os produtos de meus erros".*

Fora este o seu último momento de lucidez na sua malograda passagem pelo planeta.

"*Em dado momento que não posso precisar, recobrei, de repente, a consciência"*- continuou como se estivesse amparado por alguma força desconhecida. *" Estava dentro do paiol que rebrilhava em ouro. Não sei quanto tempo ali fiquei observando e guardando aquela raridade. Não me dava conta de nada.Não me julgava morto mas, quando tentei sair para voltar para o meu lar não consegui. Não achava a saída. Era como um pesadelo, pois que sabia onde estava a abertura e não a encontrava. Esbravejando lembrei-me de Tião Branco e exigi-lhe a presença para me tirar daquele buraco dourado".*

"Foi então que o vi à minha frente. Postado à saída da tulha me olhava com ódio incomensurável. Em seu peito a adaga fazia jorrar uma corrente de sangue continua. Lembrei-me de tudo... O horror se apoderou de mim..."

"A ele logo se juntaram outros negros a quem maltratara de

forma cruel e desumana e compreendi que não mais pertencia ao mundo material. Obrigavam- me a lustrar o ouro continuamente e revezavam-se no chicote quando eu, cansado, com sede e faminto, parava de esfregar o que ali eu estocara".

O espírito encontra depois da morte de seu corpo, o lugar e o desejo de sua preferência quando ainda encarnado. Nosso pensamento, nossa consciência, nosso eu é que materializa nossos atos do outro lado, onde a vida continua da forma que a vivemos aqui.

"Um dia ? não sei depois de quantos ? lembrei-me de minha infância, do catecismo, do padre jesuíta que me falava das penas do inferno. Olhei para os meus verdugos e num segundo de remorso e arrependimento sinceros, pedi-lhes, humildemente, perdão". E, contrito, roguei a Deus uma prece".

Ah! O poder da prece sincera. Quantos de nós não sabemos de sua eficácia. Quantos desconhecemos que ela é o único caminho que nos conecta com a Divindade. A prece é canal de comunicação direta com os planos mais altos do Universo.

"Num átimo" ? retornou à narrativa ? "*uma luz suave se aproximou de mim, e, estupefato reconheci , estendendo-me as mãos, meu filho, já de cabelos brancos e coberto de serenidade que, depois da minha morte -fiquei sabendo - usara toda a fortuna que eu amealhara para fazer o bem, distribuindo bondade e benesses para os mais deserdados do mundo".*

Finalizando disse-me que fora conduzido a um local de tratamento onde permanece ainda e aprende muita coisa com respeito à vida eterna. Tinha vontade imensa de voltar para reparar todo o mal que fizera e esperava ansioso e com muita fé uma nova oportunidade de retornar ao cenário do mundo e progredir para alcançar as estâncias de luz que vislumbrara, de longe, no mundo espiritual. Que eu contasse a sua historia. Seria sempre possível que alguém a lesse, e, quem sabe ela lhe fosse útil de alguma maneira.

Nelson De Medeiros.

[1] O mesmo que escravo . N.A.

[2] Estrada que ligava Minas Gerais ao Rio de Janeiro. Estrada Real. N.A.

[3] Lei Universal, Lei de Causa e Efeito , Lei de Deus. N.A.

SONETO DA SAUDADE INFINDA

SONETO DA SAUDADE INFINDA

Contemplo o mar: A cúpula azul- prateada
Reflete sobre mim sua luz infinita;
O coração em lasso vai e vem palpita
Tal qual as vagas vão e vêm na marulhada!

Perdido na vasta imensidão estrelada
Pergunto-me: Haverá no céu que me fita
Alguma coisa além da beleza que o habita?
Algo mais que esclareça a árdua caminhada?

Se nada mais existe que não for matéria,
A deslumbrar a vista em paisagem etérea,
Que mistério é este que a razão trespassa?

Onde nasce esta luz que me resplende agora?
De onde vem esta canção que do mar aflora,
E que saudade é esta que a minha alma enlaça?

Nelson De Medeiros

GAROTINHA

GAROTINHA

Queres que eu te escreva novos poemas,
Novos sonetos, liras e madrigais...
Bem sabes que versos de amor eu jamais
Faria sem teu eco nos meus temas!

E sabes que não uso estratagemas
Mas, só lembranças vividas e reais!
Quando versejo saudades nos meus ais,
Não uso fantasias ou esquemas!

A canção pra ti foi, e é verdadeira;
Sutil, discreta, mas tão bem lançada,
Que não ficaste a matutar confusa!

Por isso garotinha companheira,
A poesia em ti foi inspirada,
Pois fostes sempre minha amante e Musa!

Nelson De Medeiros

À CARMEN LUCIA

A CARMEN LUCIA.

Não sei por que quando à tardinha caminhando,
Em passo lento sobre aquela velha ponte,
Escuto as águas que se vão cantarolando
Uma cantiga que enruga a minha fronte!

Talvez eu sinta neste canto desaguando
As ilusões por mim vividas num instante
De um tempo atrás que irreversível foi passando,
Deixando as marcas d!um avatar vivo e marcante!

E das lembranças que me afloram palmo a palmo,
Tiro estas liras que declamo como um salmo
A reviver minha passada mocidade!

E sem saber como voltar no meu caminho,
Olhando o rio e relembrando o antigo ninho,
Minh!alma chora neste canto de saudade!

Nelson De Medeiros

MULHERES

MULHERES

Ah! Como são formosas todas as mulheres,
E que prendadas elas são em seus misteres!
A mulher, em toda a criação, foi obra ? prima...
Dádiva maior que nos deu a mão Divina!

E se alguém disser que nem todas são formosas,
Que existem feias, magras, gordas ou idosas,
Direi: Certamente este alguém não teve a sina
De ter mãe, esposa, uma filha pequenina!

Mulher é paz, é sacrifício é singeleza,
É destemor, é humildade e até pureza...!
Poder inato d!outro ser dar acolhida!

E assim pensando e vendo tudo neste mundo,
Tenho a certeza que este ser de amor profundo,
É benção de luz que nos deu- o Céu- na vida!

Nelson de Medeiros

DEUS ME LIVRE

DEUS ME LIVRE...

Somos e seremos consciência
Do nosso presente e nosso passado...!
Livre arbítrio que sempre nos foi dado,
Como guia e mentor da existência;

Liberdade que traz em sua essência
Todo bem que conosco foi criado...!
O mal é passageiro e inventado
A talante de nossa imprevidência;

Assim, não quero nunca nesta vida
Ser covarde, a maldade dar guarida,
Caminhar por estradas em declive!

Por isso é que me digo a todo instante:
Fazer mal a qualquer do semelhante?
Lesar a consciência? Deus me livre!
Nelson de Medeiros

TEU ANIVERSÁRIO

TEU ANIVERSÁRIO

Hoje é dia do teu aniversário!
Não sei mesmo o que dizer-te confesso...
Outrora te mandei bilhete expresso
Com um lindo e perfumado rosário!

-Meu amor será o eterno cenário
De nossa vida- deixei nele impresso!
Mas, o destino deu-me um retrocesso,
E a dor serviu-me, então, de corolário!

Assim, neste dia que não esqueço,
E que me traz presente o antigo apreço,
Mando-te as saudades de quem sofre!

Guardo-as comigo, dentro do peito,
Como se guarda um diamante perfeito,
Num escaninho isolado de um cofre!

Nelson De Medeiros

MÁSCARA DA HUMANIDADE

MÁSCARA DA HUMANIDADE

Ante a doença de dores repleta,
Disseram os profetas do profano
Que dois mil e vinte seria o ano
Da transformação total e completa!

A mudança mundial como meta,
Seria alcançada sem desengano,
E nações se juntariam num plano
De progresso, paz e justiça reta!

A peste baniria a intransigência,
Unindo os povos no amor na decência,
E na igualdade entre todas as classes!

Mas, cai a máscara da humanidade!
E o que se viu? Vaidade, insanidade
E egoísmo a rolar pelas faces!

Nelson de Medeiros

INSTANTES DA VIDA REAL

A GAROTA DO BAIRRO

A noite resplandecia num manto estrelado de luzes que agasalhavam a alegria na pequena cidade interiorana.Era véspera do Natal de 1966. O As ruas centrais regurgitavam de gente. O povo todo do bairro, onde passei os melhores dias da minha infância e adolescência, saíra cedo para as compras.

Festas como Natal, Ano Novo, Carnaval eram esperadas com ansiedade naquela cidadezinha acolhedora encravada num vale entre cadeias de montanhas. Na verdade eram esperadas em todas as cidades naquele tempo. Até mesmo nas grandes metrópoles. O comercio ficava aberto enquanto houvesse dinheiro para gastar. Todos iam para o centro da cidade que virava um turbilhão de povaréu em andanças febris de loja em loja.

Entretanto, aquela azáfama nas vias públicas, os cânticos próprios da época que saiam das suntuosas lojas enfeitadas, não me diziam muita coisa. Eu era, sem dúvida, um menino arredio a festas. Preferia o aconchego da minha casa simples que ficava na esquina de um cruzamento num dos bairros mais tranqüilos da cidade.

Depois de uma manhã bem aproveitada no campinho de futebol do bairro - na verdade um pedaço de chão batido com raríssimos tufos de grama- , mais tarde transformado numa destas praças sem qualquer utilidade prática, almocei

Dormi e acordei naquele 24 de dezembro por volta das 19,30 hs. Minha rua estava praticamente deserta.

A casa estava vazia. Uma casa imensa com 12 cômodos , entre eles, uma enorme cozinha com um vetusto fogão a lenha e um quintal onde predominavam as parreiras e as mangueiras.. Um pomar, na verdade, onde de tudo se colhia um pouco. Enquanto tomava um café de verdade, reforçado por um naco de pão caseiro, observava o quintal desnudado à minha frente e que fora sempre , para mim, um lugar onde meditava sem saber que o fazia...

Tomei um banho e sai. Fui buscar um ar para sair daquele calor estafante que era insuportável. Eu gostava daquele silencio tranqüilo vez por outra interrompido pelo canto de alguma cigarra palradeira.

A rua era calçada, em parte, com enormes pedras nem sempre devidamente colocadas, o que lhe emprestava um ar de coisa mais antiga do que realmente era. As árvores plantadas rente as calçadas coloriam de verde escuro a paisagem realçada pela claridade da lua que derramava sua prataria sobre aquele mundinho de felicidade desconhecida. Eu gostava de caminhar por ali, respirando aquele ar noturno, aspirando o perfume que evolava dos jardins que engalanavam as casas. Não haviam carros subindo e descendo. Não haviam motos. Gostava de filosofar sobre a vida caminhando pela comprida rua. Pensava muito em coisas sequer imagináveis para meus amigos e até mesmo para meus pais. De onde a gente vinha, porque a gente nascia e morria, para onde a gente ia. Coisas assim, do gênero, que naqueles tempos, se contadas, significavam prenúncio de "loucura".

Ia pensando nestas coisas quando passei pela casa da Carmen Lucia. Menina bonita, de olhos castanhos muito vivos, cabelos longos, sedosos, que caiam sobre os ombros e espalhavam-se por suas costas como a proteger aquela pele clara e macia de mãos impuras e atrevidas. Calada, estudiosa, arredia, e extremamente cobiçada pelos garotos do bairro. Poucos se atreveram a

chegar perto dela no antigo "footing" que se fazia na praça da cidade nos domingos.

Ela estava sentada na soleira da porta de sua casa, sozinha. Nunca conheci aquela casa por dentro. Conhecia apenas o jardim maravilhosamente bem cuidado, onde as rosas em suas tonalidades variadas davam um aspecto de eterna primavera àquela residência que me soava acolhedora.

É verdade que trocara alguns olhares com ela no colégio. Mas não passara disto e conversávamos apenas de "oi" e uma troca de sorrisos. Eu morava no inicio da rua e ela no final. Estava com uma saia xadrez, plissada, em azul e vermelho e uma blusa branca com botões azuis que lhe emprestava uma beleza singela, mas deslumbrante. Um encanto de menina...

Passei e disse um tudo bem ou qualquer coisa no gênero, um oi talvez. Sei lá. Devo ter dito o que se dizia na época. Tenho certeza de que não foi um "fala ai mana" ou" E aí? Tudo em cima?". Acho até que foi um boa noite. Ela respondeu com um sorriso e eu continuei na minha caminhada pensativo, olhando o céu estrelado, imaginado como seria a vida dali a quarenta anos. Fui até o final da rua e voltei.

Ela estava no mesmo lugar. Do mesmo jeito e parecia que olhava o céu também. Achei que ela devia pensar muito além do seu tempo. Ia passando quando ela me perguntou num repente,com ar de brincadeira, sem que eu esperasse:- Você não gosta do Papai Noel

Eu sorri e respondi.- Dele sim, da festa dele não. Ela riu e disse que também pensava como eu. Começamos a conversar ali mesmo. Sozinhos, o que era coisa rara naqueles tempos. Seus pais haviam saído com seu irmão mais novo, dissera, e ela ficara porque não gostava daquele burburinho do centro da cidade.

Falamos sobre Natal, sobre festas, falamos sobre estudos, sobre futuros. Carreiras que pensávamos seguir. Éramos duas pessoas que mal entravam na adolescência, mas cujos pensamentos e ideais pareciam de adultos.

Conversamos sobre outras coisas. Sobre meninos, sobre meninas, sobre homens e mulheres. Sobre namoro. Não sobre sexo... Ela não suportava aqueles garotos chatos que estavam sempre na cola dela e eu não me incluía neles, porque era demasiadamente tímido para fazer como os outros.

Falou de poesia. Eu adorava poesia. Tínhamos a mesma predileção por Castro Alves, Fagundes Varela, Gonçalves Dias. Ela sabia alguns versos de cor eu sabia outros.

Num repente sob o manto estrelado onde, seguramente, uma Luz havia nele viajado há dois mil anos para iniciar a prática de troca de presentes entre as pessoas que se querem bem, eu recebi o mais lindo presente de Natal de toda a minha vida. O primeiro beijo da menina mais cobiçada do bairro Independência...

Nelson de Medeiros

REPENTINAMENTE

Quando vieste tu foste a alforria
De minha alma, escrava da descrença...
E então, coberto d!esperança imensa
Eu te acolhi quando do amor descria!

Só que junto veio o medo d!um dia
Ficar sem ti, não ter tua presença...
Vivia então sob uma angústia intensa:
Se partisses, pensava, eu sofreria!

Mas, foste embora no raiar d!aurora
Com a pressa duma estrela cadente,
Tão fugaz que quase nem pude ver-te!

Porém não se alterou a minha mente,
Porque tu levaste também embora,
Todo o medo que eu tinha de perder-te!

Nelson de Medeiros

MUND0 DE FELICIDADE

MUND0 DE FELICIDADE

Não busques felicidade,
neste mundo podre e vão;
pois que ela está na verdade
no mundo do coração!

Nelson De Medeiros

PALAVRAS QUE BEIJAM

PALAVRAS QUE BEIJAM
Desde a muito de ti não tenho um beijo,
Um beijo sensual, raro, perfeito...
Quando me lembro dele um raro efeito
Assoma minha alma e então te revejo!

Ósculo de amor que sempre desejo
É bem como o versejar escorreito
De teus lábios falando ao rosto eleito
Sem figuras de linguagem e sem pejo!

Na solidão que abraço em noites loucas,
São teus versos que vem e me agasalham
Nos braços das lembranças que ensejam!

Então saibas que, qual tivessem bocas,
Tuas palavras, que de amores falam,
São beijos que chegam e que me beijam!
Nelson De Medeiros

NAS CURVAS DO CAMINHO

NAS CURVAS DO CAMINHO

Sabia ter achado o que buscava
Desde a infância ate à juventude!
Embora sem olhar-te tanto eu pude
Entrever a tu!aura na palavra!

Talvez nem saibas desta ilicitude
Que o destino nos apronta a e nos trava!
Por isso, como nada mais me agrava,
Digo porque perdi tua virtude:

É que te amei da maneira mais pura,
Sem qualquer mancha ou sem qualquer rasura,
Mas, permaneci calado, sozinho!

Sofri... Queria ver-te e não podia...
E, ocultando este amor na covardia,
Eu te perdi nas curvas do caminho!
Nelson de Medeiros

ÚLTIMA PEÇA

ÚLTIMA PEÇA.

Silencio... Sem aplausos na última cena
De nossa peça apresentada nesta vida!
Que jamais tu te lamentes, alma querida:
Não chores, não culpes nada, nem sintas pena!

O bardo cessa novamente a cantilena,
Buril que lapidava a dura e árdua lida
Em lira de amor somente exibida
No anfiteatro amargo desse palco arena!

Cantos de dor, paixões, estrofes dum passado;
Historias sem glórias num corpo amargurado,
Mas que a alma envaidecida teima em recitar!

Poeta insano que ri, mas de dor padece...
Que manda ao Céu , serena e reverente prece,
E, ao mesmo tempo, chora e grita a blasfemar!
Nelson De Medeiros

BILHETE

BILHETE

Devo-te, minha cara, este bilhete...
Sei que um bilhete é coisa ultrapassada,
Do mundo moderno já afastada...
Talvez não fosse o modo de escrever-te!

Mas, foi a forma pelo bardo achada
Pra te deixar apenas um lembrete:
O que já foste em época passada,
E, como nesta inda és ricochete!

Naquela, foste excêntrica paixão,
E uma estranha amizade nesta cá...
Os dois, penso, são sentimentos de valor!

Por isso, ao ver-te aqui, lembrei de lá...
Quanta alegria ao saber de antemão
Que o tempo não passa prá qualquer amor!
Nelson De Medeiros

TORTURA

TORTURA

Não posso reclamar dessa existência,
Embora a dor vivida em torvelinho,
Pois foi graças aos travos do caminho
Que fiz a minha pouca sapiência!

Por fim eu entendi que esta vivencia,
A par de parecer em desalinho,
É Lei Maior que cobra o descaminho,
Na esteira de nossa negligência!

Por isso aceito todo o desencanto,
O desamor, e, todo o sofrimento
Que cedo eu já previa de sobejo!

Só não previ, porém, este tormento:
O saber e sentir que te amo tanto,
Sem nunca ter de dado um simples beijo!
Nelson De Medeiros

MEUS QUERERES

MEUS QUERERES...

Eu queria (é verdade) à pureza e à candura
Associar tua imagem que em meu peito habita...
Eu queria (é verdade) à brandura irrestrita
Associar todo teu corpo à deidade pura!

Eu queria (é verdade) à tua alva formosura
Associar à beleza que no céu orbita...
Eu queria (e como eu queria, moça bonita)
Associar teus lábios à face da ternura!

Mas, eu te digo: Meus quereres, (isto eu sinto)
É verdade (e se eu disser outra coisa eu minto)
Vão muito além do que se diz, do que se pensa...

Por mais que eu queira devotar-te amor fraterno,
Meu pensamento (de verdade) eu não externo.
Se o fizesse te faria cruel ofensa!
Nelson De Medeiros

ESPERTEZA DE DEUS

ESPERTEZA DE DEUS

Esquece a minha tristeza,
Pois dela o mundo é repleta!
Lembra porém da esperteza
De Deus que me fez poeta!

PRESENTE E PASSADO

PRESENTE E PASSADO

Eu trago comigo resquícios d!Um passado:
Dores que revivo cá dentro do meu peito;
E quanto mais eu penso delas já refeito,
Mais necessita o coração de meu cuidado!

Triste fado senti-las tão amargurado...
Estranha a sensação de ver seu imperfeito,
Como se fosse d! Outra vida etéreo efeito
Pulsar latente nesta vida entrelaçado!

Lembranças vagas de funéreos desenganos...
E nelas, andando por fatos e arcanos,
Eu vago sem saber se é luz ou escuridão!

Presente e passado juntos na mesma lida:
Hoje, consciência da beleza da vida,
Ontem, inconsciência da escravidão!
Nelson De Medeiros

TOLA HUMANIDADE

A peste moderna assola
E varre o orbe terrestre!
De angústia a Terra se veste,
E a dor a todos imola!

Mas, o homem se reveste
Do orgulho que estiola,
Do egoísmo que isola,
E da farsa que envaidece!

Muito embora os desenganos,
Da dor não guarda lição,
É somente insanidade!

Pois, passados dois mil anos,
Dá pra ver com aversão,
Que inda é tola a humanidade!

Nelson De Medeiros

AFINIDADE

AFINIDADE

Disse um poeta que o amor nesta vida
É mentira, não é realidade...!
Porém, a minh!Alma de larga idade
Nunca a tal pensamento deu guarida!

Mas como pelo amor já foi ferida
Tem com ele uma rara afinidade!
Por isso eu sei que esta minha saudade
É d! um amor verdadeiro nascida!

Assim não ouço quem dele é descrente,
Que nele não crê por mágoa somente,
E cuja amargura é fácil de ver!

Somente escuto a Musa em mim presente
E canto as liras de amor livremente
Colorindo os sonhos de quem quer crer!
Nelson De Medeiros

SERVENTIA

SERVENTIA

Viva o instante da hora,
E sirva a seu semelhante,
Tudo passa, mas o agora,
Ficará no eterno instante!

Nelson De Medeiros

RENUNCIA

RENÚNCIA

Por que tanto amor?

Perguntei esta manhã à natureza
que amanheceu coberta de tristeza,
vertendo lágrimas de uma dor quase incontida...

De onde vem tanta dor?

Ela me respondeu num sussurro entristecido:
- Vem de longe, de um mundo atrás já vivido
e que ousaste buscar nesta vida...

Mas, que estranho amor é este, sem fim?

Perguntei à tarde silente e serena
que morria no fim do céu, lânguida e amena,
matizando de vermelho o horizonte...

Desde quando habita em mim?

-Desde o primeiro entardecer no mundo
quando juntos, em êxtase profundo,
dois corações se separaram num instante...

E por que a tudo resiste?

Indaguei da noite resplendente
que derramava seu luar resplandecente
Sobre minh'alma presa em desventura.

De onde vem esta saudade triste?

Disse-me a noite de prata engalanada:
-Almas gêmeas que se perdem na estrada,
ficam escravas deste amor triste e profundo.
Pra se encontrarem um dia novamente,
hão que nascer e renascer diuturnamente
com muita renúncia no mundo!

Nelson De Medeiros

O QUE É SAUDADE

O QUE É SAUDADE?

Queres saber o que é saudade...
Saudade, eu te juro, é verdade!
É tristeza sem fim, um vazio...
É presença eterna e distante,
Uma dor dentro d!Alma constante
Nesse mundo amargo e sombrio!

Saudade é esperança perdida,
Coração batendo sem vida,
Que a nostalgia amortalha...
É flor que nasce em solidão
No jardim de um coração,
Que o orvalho da noite agasalha...

Saudade é isto, não me iludo.
Um olhar, um suspiro mudo,
Uma sombra que a alma acaricia...
É como o vento, que rasga o espaço
Deixando seu sopro por traço,
Noite após noite, dia após dia...

Saudade é mesmo um simples beijo,
Um sorriso alegre, um desejo,
Soluço na alma represado...
Saudade é um vestido rosa,
Um verso sutil, uma prosa,
Um verso metrificado!

Saudade é o céu no coração,
É o mar bravio, a imensidão,
É noite resplendendo em prata!

Saudade é uma tarde fugindo,
É a lua em silencio surgindo,
Trazendo esta dor que maltrata!

Queres saber o que é saudade...
Saudade eu te juro, é verdade:
Difícil passá-la da mente!
Por mais que a escrevam os estetas,
Por mais a declamem os poetas,
Dela , só sabe mesmo é quem sente!
Nelson De Medeiros

O TEMPO É MINHA ESPERANÇA...

O TEMPO É MINHA ESPERANÇA...

Pensei-te aqui, acordando ao meu lado
E com um beijo dando-me bom dia!
Voltei ao passado e sereno eu via
Que nada entre nos havia mudado!

No café me senti a teu cuidado
Na rotina feliz que se vivia!
Senti que tudo em nos se repetia
Como se o mundo houvesse parado!

Quis tantas vezes ter-te aqui comigo
Que cheguei a ver-te em meu abrigo
Como se nunca foras tu ausente!

Mas o tempo vai sempre rumo norte,
Não para, segue até além da morte,
E há de levar-me a ti novamente!
Nelson De Medeiros

QUERIA VER-TE...

QUERIA VER-TE...

Desde há muito sinto falta de ti,
De tua voz e de teus pensamentos
Abertos prá mim em poucos momentos
Mas, nos quais a su!Aura eu percebi!

Perdi tua foto que estava aqui,
E minha alma inteira, em compassos lentos,
Compôs em versos prenhes de tormentos,
Toda a saudade que eu sempre senti!

Dirás por certo: É coisa de poeta,
Pois dos sonhos todo vate é esteta...
Mas, não é quimera... Antes, é fato!

Por isso o trovador aqui te implora:
Dá-me, por toda a dor que me assenhora,
Outra vez o teu formoso retrato!

Nelson De Medeiros

FOTO ANTIGA

FOTO ANTIGA

Achei o teu retrato , amarelado...
Relembrou-me teus beijos, teus abraços,
A fria despedida, os olhos baços,
E a dor no coração despedaçado!

Mas, logo à realidade fui alçado,
E, se foram no ar aqueles traços;
Apenas vi a sombra dos teus passos
Vagando só, no tempo desbotado!

É certo que não sabes que te escrevo;
Já eu, por minha vez, nem sei se devo
Rebuscar um passado tão remoto!

Mesmo porque, por que falei de ti?
Por que afinal tal lira escrevi?
Ah! Lembrei-me: -Foi só antiga foto!

Nelson De Medeiros

UMA CARTA ...

Minha Secular Amiga:

Que te posso oferecer neste dia, senão o desejo de ver alegria e felicidade a caminhar contigo?

Que mais posso querer senão que os raios de um novo sol possam brilhar em teu arrebol, inundando de calor teu rosto amigo...

Que a esperança de uma nova aurora venha despertar aqui e agora a tua alma para a verdadeira caminhada.

Que a noite negra da amargura ceda espaço à manhã que transfigura o manto escuro em doce claridade.

Que cada estrela do sidéreo manto possa hoje transformar-se em doce canto enaltecendo o dia em que nascestes, pois cada dia de tua eternidade é oportunidade que te oferece a providência para que alcances a verdade no destino que um dia tu escolheste.

Que o findar deste dia ensolarado seja coroado no firmamento enluarado em raios de amor no coração.

Que possas seguir sempre rumo norte, buscando a vida sem rimar com a morte, deixando as dores que o amor pranteia.

Segue ajudando e sentindo o verdadeiro amor no peito a envolver-te a alma no sincronismo mais perfeito com o Criador...

Se ontem em tua alma se cravaram espinhos, marcando de dor os jardins do teu caminho, planta hoje a semente do amor e confiança... Não te entregues ao veneno da amargura e da perfídia... Hás de ver que após a tempestade, da noite surge sempre novo dia, na beleza de nova madrugada!

Que importa se a miséria humana campeia nas sendas do caminho? Se te lançam da sombra muito fel e muito espinho há do alto alguém que te chama com carinho esperando o teu concurso entre tantos sofredores...

Se há feridas que sangram, entre desejos e dores, há também flores que perfumam, canções que enlevam, palavras que consolam...

Incompreensões, amarguras, lágrimas doridas são, quase sempre restolhos de outras vidas a nos lembrar das correções devidas.

Que caminhes sempre em frente, qual barco intrépido cruzando os mares em rumo certo. Sê sincera, sê leal, sê caridosa, mas sempre comedida.

Plantes todo o bem que puderes nesta vida. Um dia, nos muitos que a eternidade cria, todos teremos a alma redimida!

Nelson

ALENTO

ALENTO

O poeta não conjuga o verbo amar
No pretérito passado... Somente
O faz no indicativo do presente,
Único tempo deste amor conjugar!

Jamais tu roubaste a prata do luar,
Pois desde todo o sempre em minha mente
A tua imagem tem constantemente
Todas as nuanças de um céu estelar!

Quem és eu sei. Vou dizer-te quem sou eu:
Vês ao longe o horizonte do universo?
Chegue lá com su!alma alforriada!

Verás a do poeta escravizada
Ao desejo de apenas ter um verso,
Na poesia d!um ardente beijo teu!

Nelson de Medeiros

LIRA DE SAUDADE

LIRA DE SAUDADE

É pra ti poetisa esta lira de saudade...
Saudade que não é boba... É sabida e triste!
Sabida por que sente a falta da verdade,
E triste porque chora a tua falta e não resiste!

É lira, também, de insensatez, pois que insiste
Em não querer vislumbrar a realidade!
É pra ti poetisa, esta lira de saudade...
Saudade que não é boba... É sabida e triste!

Quando o amor se perde em nebulosidade,
Quando a paixão de um grande amor acaba em chiste,
Saudade é coisa pouca... Muito mais a infelicidade,
Que traduz tudo aquilo que não viste e nem sentiste!
É pra ti poetisa, esta lira de saudade...

Nelson De Medeiros

REENCARNAÇÂO

REENCARNAÇÂO

Contrastam-se neste mundo, abundancia e fome,
Opulência e escassez, teísta e ateísta;
Humildade que ajunta e orgulho que consome,
Egoísmo que cai e altruísmo que conquista...

O obreiro lutador e o fraco comodista,
O ricaço que esbanja e o pobre que não come,
O pródigo bendito e o avaro parasita,
O pérfido sem fé e o benfeitor sem nome...

Por todos os contrastes que esta vida abriga,
Da saúde que abençoa à doença que castiga,
Eu creio em Deus, sim, mas é só pela razão!

Para isso não me valho de somente fé,
Pois provido como sou de inteligência até,
Tenho inata certeza da reencarnação!
Nelson De Medeiros

MISTERIOSO OLHAR

MISTERIOSO OLHAR

Fitei seus olhos... Um tesouro sem par!

Ai de mim! Por que fiz tal insensatez?

Duas raras esmeraldas d!Uma vez

Que o bardo se pôs, inquieto a mirar!

Pedras raras ofuscando a luz solar!

Imensa floresta virgem ou talvez

Uma obra-prima cravada em sua tez

Com o azul do céu, com o verde do mar!

Olhar, no entanto envolvido em mistério:
Tinha nuanças de uma santa em prece
E ao mesmo tempo de amor deletério!

Foi então que um desejo peculiar
Veio e ficou sem que o vate o quisesse,
Do impenetrável brilho daquele olhar!

Nelson De Medeiros

PORTO DE MINHA ALMA

PORTO DE MINHA ALMA

Ah! Como me pedes para não mais retornar,
Se tu és o único porto em que descanso!
Não vês que minh'alma só navega no teu mar
E meu coração só aporta em teu remanso?

Pois saibas que és a barca em que me lanço
No oceano deste amor rumo norte a te buscar!
Ah! Como me pedes para não mais retornar,
Se tu és o único porto em que descanso!

Não é o que diz o teu olhar e nem o marulhar
Desta vaga de amor que segue o teu balanço...
Antes, é onda que anseia em tua praia se espalmar;
É quimera alada em que cavalgo e te alcanço!
Ah! Como me pedes para não mais retornar...

Nelson De Medeiros

ILUSÃO E FORMOSURA

ILUSÃO E FORMOSURA

Não faz muito tempo, musa deste soneto,
Que a tua beleza em rimas eu exaltava;
Todo o meu canto para ti se encaminhava,
Do primeiro quarteto ao último terceto!

Eras então para o poeta um minueto
Em cujas notas clássicas o amor bailava;
E deste amor que o trovador te consagrava,
Nasciam liras de cantatas em concerto!

Insensata paixão que a alma cega e arrebata,
Que somente enxerga do corpo a arquitetura
E não vê nem sente d!alma a vaidade inata!

Mas, por que canta o vate esta canção impura,
Se já sabia que cantava em serenata,
Uma ilusão que se encarnou em formosura!

Nelson De Medeiros

NESTE INSTANTE

NESTE INSTANTE

Como eu queria te falar agora
Para dizer o que não disse antanho!
Estar contigo, muito além do sonho,
Onde o poeta de paixão não chora!

Neste momento a tudo eu me proponho
Para mudar a dor daquela hora!
Sair daqui onde a saudade mora,
E da lembrança que me faz tristonho!

Ouvir-te perto, quase sussurrando,
A me dizer que ainda estás me amando
É tudo que eu queria doravante!
Por isso, muito embora o desengano,
Envia ao trovador que foi insano,
Apenas um "e-mail" neste instante!
Nelson De Medeiros

RECORDAÇÕES DE VILA RICA...

RECORDAÇÕES DE VILA RICA...

Desponta longe alvissareira a Vila Rica,
a Vila Rica dos garimpos, das quimeras...
E sinto bem que toda a angústia que me fica,
nada mais é que só lembrança de outras eras...

E ganho as ruas muito estreitas, muito antigas,
tão bem ao gosto dos poetas melancólicos,
e cada casa, cada pedra são cantigas,
a ressoarem dentro d!Alma em sons bucólicos...

E vejo bem o antigo Paço iluminado,
o atropelar de mil cavalos portentosos,
e sinto n!Alma aquele impulso inusitado,
de mergulhar naqueles tempos tão ditosos...

Se me depara de repente antiga fonte,
qual sombra linda, da saudade a própria filha,
e me ressurge, alcandorada, em meio à ponte,
o porte esbelto da figura de Marília...

Em sua fronte resplandece imaculado,
halo doirado, emoldurando um camafeu,
e dentro dele, qual brilhante lapidado,
eis ressurgida a nova imagem de Dirceu...

Vou prosseguindo na viagem fascinante,
qual navegante que se lança mar a frente,
e num instante, eis que me sinto num levante,
qual fosse mesmo um valoroso inconfidente...

Revejo em sonho os companheiros que se ufanam,
E quais heróis buscando louros que os consagrem,
Soltam do peito o grito ardente em que reclamam:
Oh! Pátria amada, "Libertas quae sera tamen"...

E num lampejo sinto então que a praça antiga
é bem a mesma de mil cores reluzentes,
e num esforço é bem provável que eu consiga,
rever garboso o legendário Tiradentes...

Vejo moçoilas em vestidos de brocado,
que alvinitentes, sob a luz dos lampiões,
trazem de volta os cancioneiros do passado,
os candeeiros, as varandas e balcões...

E torno tonto mergulhado do passado,
a rebuscar um tempo antigo tão presente,
e a nostalgia que me envolve é meu legado,
daquele tempo com meu tempo condizente...

Mas quem me escuta? Quem me entende? Quem me sente?
Quem me acompanha nestes doces devaneios?
Somente a Musa que assenhora a minha mente,
Somente os Vates nos seus versos sem receios...
Nelson De Medeiros

A UMA AMIGA NO DIA DO AMIGO

A UMA AMIGA

Não posso dizer: - Eu te amo.
Ah! se eu pudesse - Quem dera!
Por isso sempre te chamo:
Minha amiga mais sincera!

Nelson De Medeiros

QUEM ÉS?

QUEM ÉS?
Ah! Que tristes e impenetráveis são teus cantos.
Ah! Quantas dores, quantos ais... Quanta saudade...
Quantas liras de amor que em todos os recantos
ecoam sofridas nas dobras da eternidade!

Mas ó doce Euterpe: -Por que tantos encantos
se escondem em segredos e nebulosidade?
Ah! desvenda-me o arcano desses mundos santos,
vem a mim, filha de Zeus, vem doce deidade,

Pois que eu morro ao ver-te assim, versejando em prantos...
Quem és, afinal, impávida claridade?
De que orbe vieste sussurrando-me acalantos
em louvores d!um amor, no mundo, raridade!
Ah! que tristes e impenetráveis são teus cantos.
Nelson De Medeiros

O AVESSO DA JUSTIÇA

O AVESSO DA JUSTIÇA:

Tenho visto constantemente, na TV, a propaganda do filme "OS MISERÁVEIS". Ainda adolescente li a obra do grande escritor francês Victor Hugo. O conto narra a desventura do cidadão Jean Val Jean que, por ter roubado um pão para matar a fome de seus sobrinhos, foi condenado às galés onde passou 19 anos. Indignei-me na época, mas fui consolado por alguém que me disse: "- É só uma história, um conto." Claro que sim, pensei. Afinal por que se faria isto com alguém cuja culpa fora a de passar fome?

Mais tarde, com a vivência dos anos, com as descobertas da capacidade maléfica dos homens em suas ânsias incontidas de poder, das tramas sombrias que enovelam seus pensamentos ambiciosos verifiquei que a historia de Jean Val Jean repetia-se, diuturnamente, na vida real em várias nuanças, e, não raras vezes vi injustiças bem maiores e algumas até inimagináveis.

Há cerca de três anos um amigo que tem a excelente "mania" de ajudar ao próximo, máxime quando este próximo é pobre e desvalido, enviou-me um rapazote com 19 anos de idade rogando que eu o defendesse de uma enrascada em que se havia metido.

Contou-me, então, o jovem (pobre, negro, servente de pedreiro e que morava de favor num Asilo desativado que outrora abrigara crianças abandonadas) que havia pegado a motocicleta do pai de sua namorada e batido em outra moto causando estragos nas motos e ferimentos na vítima.·.

"- Bati por trás, é verdade." Disse-me ele. "- *Mas já fiz um acordo e paguei R$ R$ 2.000,00, sendo R$ 200,00 por mês"*, e, me mostrou os recibos de10 depósitos de R$ 200,00 que fizera em nome da vítima. ·.

Disse, também, que havia sido condenado pelo Ministério Público a pagar um salário mínimo em beneficio de uma Instituição de Caridade e mostrou-me o recibo do depósito feito.·.

-Então, qual o problema- indaguei. Houve um acordo e você o cumpriu. Tanto na cível como na criminal.

Ele, então, tirou do bolso um papel dobrado e amassado e me entregou. Vi que era uma citação judicial para que ele respondesse a um processo onde o autor (a vítima) lhe cobrava perdas e danos, lucros cessantes e mais danos morais, tudo num total de cerca de R$ 20.000,00 relativos ao acidente narrado.

Em quase trinta anos de advocacia conheci todo tipo de clientes, todo tipo de promotores e todo tipo de Magistrados. Dos últimos aprendi diversas definições: Há Magistrados filósofos (expõem em longas sentenças e em cansativas audiências teses filosóficas que, na prática, entretanto, em nada contribuem para a solução das lides).

Já vi um que citou, em audiência, Cícero, o grande filósofo da Roma antiga, para uma servente de colégio público. Depois ela me perguntou o que o ex-marido dela (cujo nome era Cícero) tinha a ver com tudo aquilo.

Há os Magistrados "ping-pong" (não sabem decidir, e, despacham inocuamente prá lá e prá cá fazendo com que os advogados apresentem petições e mais petições, até que ele, Magistrado,

saia da Comarca e não tenha que decidir). Estes são os mais comuns.

Há, ainda, os Magistrados "esponjas". (Citam todos os doutrinadores e trazem à colação toda a jurisprudência semelhante ao caso. De sua lavra mesmo, nada.) Ao final quem decidiu a questão foram os mestres renomados e os Ministros, não ele. Lembro-me de um que citou quatro renomados civilistas e transcreveu outros tantos arestos do STJ. De seu mesmo somente o dispositivo: "De todo o exposto com respaldo na doutrina pátria e na jurisprudência dominante JULGO PROCEDENTE o pedido inicial", etc., etc.

Mas, de todos, os mais interessantes são os Magistrados que se intitulam Positivistas (Só agem em feitos onde não existem partes importantes. Ambas são carentes. Então escolhem a parte que lhes parece a "a mais indefesa" e sapecam em cima dela o Dura Lex Sed Lex que, em outras ocasiões vira "Dura Lex sed látex"). São abnegados defensores da letra fria da lei; não porque pensam realmente assim, mas por total falta de sensibilidade para interpretá-la e esclarecê-la aplicando o verdadeiro sentido da norma em prol da justiça que é preferencial ao direito.

Mas, paremos com digressões e voltemos ao nosso caso.

Passados alguns bons meses lá fomos nos para a audiência. E quem encontrou judicando? Uma Magistrada positivista! Nada a convenceu de que havia um acordo. Decidiu de plano. É culpado? Vai pagar.

Embalde foram as argumentações de que o aprendiz de pedreiro ganhava um salário mínimo mensal, e que a vítima, embora pobre, também, era proprietário de uma pequena oficina de concerto de motos, além de já ter feito um acordo e recebido.

-*" O que está na CTPS nem sempre é o valor real que se ganha "*argumentou a Magistrada.

Evidente que o processo se arrasta até hoje, passados que são mais de três anos. Jamais chegará ao fim porque não existe esta possibilidade.

Ainda bem que não vivemos no século XIX, tenho pensado bastante aliviado. Já imaginou? Um cara ser preso por não ter dinheiro? Pior que as nossas cadeias são piores que as galés.

Nunca mais vi ou soube do menino pobre, preto e servente de pedreiro do qual estava sendo cobrado R$ 20.000,00 por uma batida de moto, até ontem 05.07.2013, quando recebi um telefonema do Cartório Criminal. A diligente serventuária queria o endereço dele para intimá-lo.

"Não sei, - respondi. ?" Mas, intimá-lo de que? Perguntei:

Disse-me ela: "- *É que o Promotor verificou que o depósito em nome da Instituição foi feito através de envelope no caixa eletrônico do banco, e, mesmo com o comprovante ele não aceita. O depósito tem que ser feito na boca do caixa".*

Quedei pasmo. Não soube o que dizer e apenas respondi que não sabia de seu paradeiro e nem era advogado dele naquela causa criminal.

Então, curioso, fui conferir o andamento do caso, e, estupefato verifiquei que já haviam expedido mandado de citação e marcaram audiência de instrução para agosto de 2013. Penso que vão apurar porque o infeliz depositou no Caixa Eletrônico e não na boca do Caixa.

Esqueci-me de dizer, no inicio, que Jean Val Jean fora condenado há 19 anos nas galés por ter, também, tentado fugir várias vezes de seus algozes.

Pegou esta cana toda porque sempre foi encontrado por seu famigerado perseguidor: O Inspetor Javert.

Procurei o meu amigo e ele me disse que o rapaz deixara a cidade e não sabia de seu paradeiro.

Bom. Aqui quando a pena de prestação de serviço à comunidade não é cumprida e o devedor

não é encontrado ela é convertida em prisão. É o que está na lei. Se funciona para todos, não sei, espero que o nosso "Jean Val Jean brasileiro"nunca seja achado, já que cumpriu tudo que ACORDOU com os seus "Inspetores Javert!s".

Nelson de Medeiros - 2014

FENDAS DO TEMPO

FENDAS DO TEMPO

Ah! Por que fui penetrar nas fendas do passado!
Que estranho sentimento é este que me abraça?
Que sublime olhar eu vejo, tão triste e abnegado?
Ah! Varei o tempo e minha mente se entrelaça!

Na busca inconsequente, dentro d!Alma passa
Um raio atroz que me fulmina... Doce pecado!
Ah! Por que fui penetrar nas fendas do passado!
Que estranho sentimento é este que me abraça?

Tua voz, pra mim, já não é mais sopro calado
Que nas noites solitárias a minh!Alma enlaça!
Teu corpo d!Antes tão distante e inanimado,
Já não se esconde entre brumas de fumaça!
Ah! Por que fui penetrar nas fendas do passado!

DOIS DESTINOS

DOIS DESTINOS...

Da janela do meu quarto,
Ouço o vento a sibilar!
Penso tua voz escutar
E do mundo me aparto!

Quero sair, te buscar,
Parar no tempo contigo,
Ter teu amor só comigo,
E o mundo inteiro calar!

Mas, tristes são nossos fados
Que vão seguir separados
Até o fim dos caminhos!

Por isso, minha querida,
Digo-te que nesta vida,
Sempre estaremos sozinhos!

Nelson De Medeiros

PRESSÁGIO

PRESSÁGIO

Se eu tivesse neste instante o poder da prece
e a fé raciocinada que jamais fenece,
pediria então a Deus no infinito, agora,
um basta no orgulho que habita nossa Terra,
no egoísmo que contra o bem trava guerra
e na ganância que avilta o pobre que chora!

Que a ignorância, filha da barbaridade,
sucessora, no mundo, da iniquidade,
cedesse lugar ao conhecimento que instrui!
Que a alma desviada da estrada reta,
voltasse no caminho revendo sua meta
para alcançar o atalho que evolui!

Na transição para o novo mundo que surge
no entardecer violento do velho, urge
a mudança radical da alma humana!
Mudar é preciso já nos diz um ditado,
sair da prisão que o homem está atado,
e seguir livre na estrada que o bem proclama!

Que o equilíbrio emocional de toda esta gente
se ajustasse em direção ao bem somente
e a despertasse do pesadelo onde hiberna!
Que meditassem na lei de causa e efeito
com bastante equilíbrio na mente e no peito,
já que a Lei do Equilíbrio a todos governa!

Ao longe um novo planeta já se vislumbra
mostrando a lucerna que clareia a penumbra
no alvorecer do novo tempo que virá!

O mundo se erguerá pra cima rumo norte,
pois que depois da peste, da fome e da morte,
só alma equilibrada nele habitará!

Nelson De Medeiros

SHANGRI-LÁ

SHANGRI-LA

Eu sinto bem que já vivi muitas jornadas;
Fui senhor e fui escravo em vidas passadas...
Nossa existência é vivida em mil avatares!
Trazemos do berço aquela inata certeza
Que o amor é destino de nossa natureza
Cuja busca remonta a tempos milenares!

São destas repetidas migrações terrenas
Que guardamos às vezes com certezas plenas,
Um sentimento ou um desejo sem razão;
Um grande amor inexplicável que sentimos,
O querer estar num lugar que nunca vimos,
E até as mágoas que apertam o coração.

Por isto eu sei que toda esta amargura triste
Que sinto n'alma e que a razão até resiste
Vem de longe, muito além do país da morte!
Por isso, num sopro de luz no firmamento
O vulto dela me ilumina, faz-me atento
E passo, então, a idealizá-la em minha sorte!

Mas, (-sei que ela dirá-) este vate delira:
- É pelo impossível que sonha e que suspira
O insensato e desvairado trovador!
Não. Nenhum bardo versifica e sonha em vão!
É que fiel escravo o poeta é desta emoção
Que vem de longe, da terra da magia, do amor...

Eu penso, às vezes, que fui lá pelos inversos;
Quem sabe não virão de Shangrilá os versos

Que jorram d'alma de quem, um dia, antevi?
Se o "Déjà vue" que sinto é de fato verdade,
Se o que trago arraigado no peito é saudade,
Não se iluda mais, creia, lá te conheci!
Nelson De Medeiros

PARTIDA SEM VOLTA

PARTIDA SEM VOLTA

Eu lembro bem do raio aureolado
Que vi passar no inicio da jornada:
Tinha o brilho da noite enluarada
E o resplendor d! um dia ensolarado!

Nem senti, pois passou acelerado
Qual meteoro abrindo a madrugada!
E ao dar conta do ciclo ultrapassado
Eu desejei voltar na caminhada!

Mas o tempo não retrai, só avança...
E, agora, revivendo esta lembrança
Sei que fulgor me atravessou voraz!

Não foi magia e nem misticidade:
Foi num repente a minha mocidade
Que chegou e partiu assim fugaz!

Nelson De Medeiros

FRAGMENTOS...

FRAGMENTOS...

Concedeu-me Deus difícil talento
que seria de boa serventia...
Por não usá-lo ao tempo em que podia,
hoje dele só tenho um fragmento!

Porém, basta pra eu ver o sofrimento
da ilusão onde tu alma estagia...
Quem dera eu pudesse com tal magia
acabar de vez com teu desalento!

Mas, meu melhor pensamento te alcança...
E, com a força do amor onde orbita
todo bem querer, deseja tua paz!

Só que, muito embora tanta esperança,
a minha alma sofre, geme e se agita,
pois que tua dor minha dor sempre traz!
Nelson De Medeiros

HISTORIAS D!OUTRO MUNDO. III

A SINHAZINHA

Desde os tempos colegiais, quando tomei ciência pela primeira vez da história da Inconfidência Mineira, que as Minas Gerais passaram a me intrigar. Não foi a toa quando, mais tarde, ao conhecer Ouro Preto, Mariana, Tiradentes e tantas outras cidades históricas daquele Estado, que por elas me senti atraído de forma impressionante. Principalmente Ouro Preto e Mariana que parecem fazer parte de uma vida que sinto ás vezes, ter vivido naquelas plagas e naqueles tempos.

Estas duas cidades me parecem, outra vezes, ainda vivas e latentes dentro de meu pensamento, e, muito embora com o passar do tempo esta impressão tenha diminuído, até hoje guardo delas um carinho muito especial. Visito-as sempre que posso. Preferencialmente Ouro Preto onde sinto, ao caminhar por suas ruas estreitas olhando o casario barroco, suas mais de quinze igrejas edificadas nos séculos XVII e XVIII, uma sensação de "saudosa tristeza" que não tenho palavras para descrever com precisão. Mas, deixemos as minhas divagações e vamos a mais uma historia que me foi contada de tantas que me propus a repetir desde a primeira que escutei do meu amigo de Florença do século XVI.[1]

Era uma tarde de outono e o calor já se afastara desde algum tempo dando lugar àquelas brisas suaves que estes finais de dia nos proporcionam nesta época do ano. Encontrava-me sozinho em casa sentado numa confortável poltrona que ornamentava meu escritório e muito atento na leitura de uma obra sobre a Inconfidência Mineira. Buscava me inteirar mais sobre aqueles valorosos espíritos que iniciaram nossa independência de Portugal, quando ouvi um sussurro muito leve e bem suave: *"- Podes me ouvir caro amigo?"* Aquela voz feminina me fez tremer. A sensação estranha daquela dita *"saudosa tristeza"* tomou conta de meu ser e, pensando onde já a ouvira demorei alguns segundos para dar conta de onde eu estava.

Sem me virar, respondi: - Sim, com toda a nitidez que me for possível.

"-Pois então escuta e reproduz o que puderes"- respondeu-me.

Pude, então, observar, não nitidamente, mas o bastante para fixar um pouco na mente a sua indumentária, pois que, deveras, me chamou a atenção. Trajava um luxuoso vestido verde bordado em vermelho e amarelo com botões em grande quantidade os quais não pude constatar se eram enfeites ou se seguravam a veste; calçava meias brancas bordadas e sapatos forrados de puro cetim enfeitados, também por pedras verdes; em uma das mãos carregava uma espécie de bolsinha com alças de ouro, e, na outra um vistoso leque de marfim. Pulseiras e anéis, também de ouro, com as mesmas pedras verdes lhe enfeitavam os braços e as mãos; brincos de ouro com uma pedrinha verde em cada - esmeraldas, certamente- adornavam seu rosto; trazia os cabelos presos por uma espécie de coque que lhe davam um aspecto mais velho do que parecia realmente. Mas, tinha uma aparência triste, o que não pude deixar de notar, também.

Disse-me, então, que vivera sua última vida terrena na Província das Minas Gerais, mais precisamente em Vila Rica no final do século XVIII. Chamava-se Maria Berenice e fora casada com um grande proprietário de lavras.

"Na verdade ? me confiou - "*Não posso dizer que vivi, pois que apenas vi a vida passar sem fazer qualquer esforço para entender o porquê dela. "Não atinava com mais nada que não fosse diversão para passar o tempo; rica, e, sem compromissos sérios com qualquer coisa,*

tentava fugir ao tédio, oriundo da minha preguiça, através dos saraus que freqüentava juntamente com tantas iguais a mim".

Ela interrompia constantemente a narrativa e me pareceu, embora o esforço para fazer-se entender, que às vezes se perdia demonstrando certa dificuldade de concatenar as idéias. Parava como se estivesse cansada, mas logo em seguida se recompunha, como se alguém, invisível para mim, lhe acompanhasse e lhe advertisse de seu propósito.

Retomou a narrativa:

"Não raro fazia-se musica em casa. Algumas pessoas da família, mais precisamente minha cunhada, sabia tocar divinamente o piano. Muitos da família sabiam manejar algum instrumento musical; cantavam alguns. Formavam-se trios, *quartetos, quintetos, etc. que ilustravam os saraus elegantes ou saíam os músicos pelas ruas em noites enluaradas a fazer serenatas românticas... Mas eu jamais me interessei por nada disso. Era cansativo e apenas me deliciava em ouvi-los".*

"*Achava-me generosa, pois que nunca maltratara uma mucama, nem mesmo um escravo de terreiro, embora fossem indiferentes para mim. Não gostava muito da forma como eram tratados, mas nada fazia para ajudar. Era muito devota, pois que participava das missas na Igreja Matriz de N.S. do Pilar e meu marido, além de pertencer àquela irmandade, era pródigo em colaborar com seu dinheiro farto para sua manutenção".*

"*Positivamente não sabia e nem me interessava por seus negócios, muito menos por seus amigos políticos, mesmo quando convidada a participar de suas conversas. Eu era alheia ao mundo que não fosse o dominado pela casa e as diversões que nela desfrutava. Ignorava completamente que houvesse Pátria, Império, Literatura".*

A benção da vida, na terra, não nos foi concedida para simplesmente vivê-la. Ela é manancial que serve ao nosso progresso moral e intelectual, a fim de que possamos progredir na escala para o alto sempre rumo norte.

Viver para aprender, aprender para ensinar, ensinar para conhecer a finalidade da existência. Estudo, conhecimento, prática do bem, tudo é força para a alma ir mais além na caminhada. Se guardarmos a benção só para nós, apenas existimos e somente utilidade terá para nosso egoísmo. Entretanto, se prestamos nossa colaboração ao próximo através do serviço que podemos oferecer, as alegrias que lhes dermos serão automaticamente adicionadas em crédito ao nosso espírito.

Seguiu dizendo:

"Desencarnei aos 38 anos de idade"- continuou: " Mas, não me dei conta disto e continuei na cama sempre à espera da mucama com os remédios, de meu marido para me dizer boa noite, das amigas dos saraus, do médico da família... Mas, foi curioso quando me dei conta de que eles não apareciam mais. Então resolvi sair da lassidão e me levantei. Não sentia mais o peito pesado pelo pouco ar que respirava, nem as dores. Na verdade não sentia nada, mas também não conseguia sair da casa. As coisas, porém, começaram a me desagradar já que o insosso da vida tediosa começou a me fazer mal, e, não poucas vezes entrei em desespero chamando pelos criados. Permaneci assim por muito tempo..."

A vida é atividade, é trabalho, progresso. Maria Berenice, na verdade, encontrara, no além, a continuação da vida que vivera na terra. Indolente e fútil nunca tentara ser útil embora as oportunidades para isto não houvessem faltado. Sua passagem pela terra de quase nada servira para sua evolução espiritual. Dedicara-se unicamente às coisas que lhe faziam passar o tempo; frívola, nem os deveres da família lhe despertaram qualquer sentimento mais elevado. Seu mundo fora vazio e por isso depois de deixá-lo seu coração continuara vazio.

"*Um dia*" - voltou a me falar:" *cansada daquela repetição que já era aterradora lembrei-me da Igreja Matriz de N.S. do Pilar. Quis ardentemente estar lá para fazer minhas orações costumeiras e sem perceber direito roguei a Deus com tamanha fé e humildade que num repente me vi ajoelhada em frente ao Altar a pedir ajuda, pois que me entendia totalmente desorientada".*

Fez breve pausa e continuou: *"Orei ardentemente e foi derramando lágrimas que vi surgir à minha frente a figura iluminada de minha mãe".*

"- Que felicidade imensa! Atirei-me em seus braços como se fora, ainda, a pequenina que sempre procurava aquele abraço nas horas mais aflitivas da infância. Adormeci e despertei a seu lado, em outra dimensão. Com o tempo tomei ciência de tudo que deixara de fazer e que a fortuna que fora posta à minha disposição me seria a maior das aliadas. Entendi que não basta apenas não fazer o mal; há que fazer todo o bem que se possa em beneficio do semelhante".

O poder da prece é inimaginável para quem pensa que, sendo Deus conhecedor de todos os nosso problemas e necessidades, ela seria inútil. A Lei que rege a vida é imutável, mas Ele nos deu o livre arbítrio para usá-lo; se assim não fosse e nos concedesse tudo sem esforço, nenhum mérito teríamos nas vitorias e nem culpa alguma nas derrocadas do caminho...

O conhecimento e a fé raciocinada nos faz entender a ação da prece na comunhão de nossos pensamentos com os seres mais evoluídos, estejamos em qualquer dos lados da vida.

Finalizando me afirmou: *"Voltarei, muito em breve. Não terei a fortuna que já possui, mas vou levando muita confiança em Deus, e na ajuda dos companheiros que aqui me fizeram entender o valor do trabalho constante a beneficio de todos. Estaremos juntamente com poucas amigas que viveram mais ou menos os mesmos desatinos da inércia. Minha mãe já se encontra entre os encarnados e será o esteio que nos precisamos para nos amparar moralmente e espiritualmente. Seremos responsáveis por uma Casa Beneficente e, muito embora, com dificuldades financeiras para sua manutenção nos propomos a difundir o bem comun e ajudar a tantos que, como nós, fazem de suas vidas o completo nada. Passe adiante a experiência dolorosa que tive e, certamente já terei começado a ser útil".*

O tempo aqui é curto e por isso devemos aproveitá-lo o máximo para aprender, ensinar e progredir no que for possível para nossa elevação moral e intelectual.

Nelson De Medeiros

[1] Histórias d!Outro Mundo- I ("Aconteceu em Florença")

O AMOR E O TEMPO

O AMOR E O TEMPO

Ah! Por que teimas assim em destratar-te tanto?
Não sabes que o amor não sente o tempo passar?
Por que derramas sem motivos este pranto?
Não sentes meu olhar buscando o teu olhar?

Repara: Meu corpo se escraviza ao teu amar,
e minh!Alma inda sucumbe ao teu encanto!
Ah! Por que teimas assim em destratar-te tanto?
Não sabes que o amor não sente o tempo passar?

Serás sempre a musa destas liras que eu canto,
minha fada de luz... Do céu, meu raio de luar!
És ainda a mesma menina, meu doce acalanto,
do corpo cheiroso que inda quero abraçar...
Ah! Por que teimas assim em destratar-te tanto?

Nelson de Medeiros

MUITO MAIS TE AMO AINDA...

MUITO MAIS TE AMO AINDA...

Quem és menina dos lábios nacarados,
que em lamentos canta versos compassados
nas estrofes d!Um poema tormentoso?
Por que vagas em noite negra pela estrada?
Abre teu coração à manhã ensolarada,
e receba a alforria pelo amor prodigioso!

Que me importa estas tantas que te afetam,
se como dizes, são meus braços que te ofertam
o calor que te aquece na dura caminhada?
Abre ? te ao sentimento maior do infinito
pois que não há, no mundo, amor proscrito,
e nem paixão que se alcunhe de bastarda!

Não! Não há complexidade e nem mordaça,
quando o amor maior nosso destino traça
e a ventura da paixão se torna infinda!
Então, mesmo aparentando amor sem sorte,
Quando dizes que me amarás além da morte
Digo eu que muito mais te amo ainda!

Nelson de Medeiros

LEMBRARÁS DE MIM...

LEMBRARÁS DE MIM...

Um dia lembrarás de mim...
E as lembranças parecerão eternas, sem fim...
A solidão e a saudade tu hás de conhecer!
Hás de lembrar de mim nas madrugadas,
nas manhãs ensolaradas,
na solidão do entardecer !

Hás de lembrar de mim nos burburinhos
da cidade, na quietude dos caminhos...
Hás de lembrar de mim sentindo o que senti,
e nas horas do remorso e da verdade,
hás de beber o fel desta saudade,
que amargurado eu já bebi!

Nelson De Medeiros

NASCER E RENASCER

NASCER E RENASCER

Por quanto tempo inda estarei a tua espera
E a dor atroz que o coração me dilacera
Serão estrofes de saudades nestas liras?
Por que me perco pelas dobras do infinito
Vagando ao léu por tantas vidas, qual proscrito,
A renascer por entre amores de mentiras?

Às vezes penso que o amor não mais existe,
Que é fantasia dum poeta insano e triste
Chorando rimas pelas noites consteladas!
È quando a angústia dentro d!Alma se me adentra,
Estrangulando o coração em dor sangrenta,
Nesta saudade de almas gêmeas separadas!

Procuro, em vão, pelas estradas nosso amor
Que se perdeu nos escaninhos desta dor,
Em longa espera neste céu sem dimensão!
Mas na certeza de seguir no rumo norte,
Buscando a vida que se segue após a morte,
Eu te acompanho nestes versos de emoção!

Então eu sinto que este amor existe sim,
É doce sina que do berço habita em mim,
É força estranha que carrego de outra esfera!
E fito o céu a reluzir em negro e prata
A me envolver na luz azul que te retrata
E emoldura de verdade esta quimera!

Nelson de Medeiros

PENSANDO EM TI

PENSANDO EM TI

Eu penso em ti enquanto a chuva cai...
Na tarde gris e fria que se esvai,
enquanto esta amarga solidão
me acompanha a cada passo...
Na dança da saudade o teu compasso
é nota de dor no coração...

A noite chega amortalhando a claridade...
Eu penso em ti enquanto a amargura- espelho da saudade
vem e me enlaça tristemente...
Sondando a negra imensidão
tua lembrança é o farol na solidão
a iluminar meu coração pungente...

Eu penso em ti a cada instante,
a toda hora num sofrer constante...
Eu penso em ti agora, virginal princesa,
quando vai longe a esperança emurchecida,
quando meu corpo ao amor não mais abriga
e na minh'alma já não cabe mais tristeza...
Nelson de Medeiros

SEI QUE VIVES.

SEI QUE VIVES.

Bem sei que estás muito além da terra e do mar!
Entretanto, quando respiro estás no mesmo ar
que me dá vida e me sustenta na amargura da saudade!
Nestas noites estreladas fito em prece a imensidão
e procuro, dentre os astros lá no céu, uma estrela coração,
e te vejo entre o sonho e a realidade!

Vem... Chega-te mais! Sei que me sondas...
Vem, acerca-te sem medos. Vem sentir as ondas
que de Iemanjá vem nos trazer de volta as flores!
Alvas espumas beijando a branca areia
onde a sombra deste amor inda vagueia
entre soluços de pungentes dores!

Vem... Posso escutar teu pensamento...
Posso sentir a tua dor, teu sofrimento
a me dizer de tanto amor!
Vem... Olha o infinito que te convida
em prece, a me esperar na verdadeira vida
neste raio de Luz que leva ao Criador!

Nelson de Medeiros

VIDA REPETIDA...

VIDA REPETIDA...

Não me engano aqui tudo reconheço...
A praça é a mesma onde andava!
A rua a casa, a igreja que eu rezava
Pulsam latentes no meu peito opresso!

Da ponte ?até juro- não me esqueço...
Por ela ontem mesmo eu cavalgava!
O rio, a fonte, a mata onde eu caçava
Tudo eu vejo através d!um véu espesso!

São retalhos de sonho permanente...
Apagadas visões d!uma outra era...
Lembranças que me saem do inconsciente...

Mas, por que estranho tal atmosfera,
Se -mesmo agora -também está presente
A mesma dor que a alma dilacera!

Nelson de Medeiros

FANTASIA E REALIDADE

FANTASIA E REALIDADE

Após longo tempo volta-me a inspiração,
Pois que revi o teu retrato novamente...
Não que ele estivesse apagado em minha mente,
Vivia apenas escondido da razão!

Estás linda, elegante, prenhe de atração,
E abraçar-te, beijar-te eu queria somente...
Amar-te e tê-la neste instante literalmente
Seria um prêmio no final da solidão!

Ah! Quisera ser mago, bruxo ou alquimista,
Retornar no tempo, retroceder a idade,
E viver a ilusão de não ser realista!

Mas, tudo não passa de fina fantasia!
Jamais a terei... Então resta a realidade
De somente viver do sonho que extasia!

Nelson de Medeiros

Cachoeiro, 20/08/2021

O DESPERTAR DA VIGILIA

O DESPERTAR DA VIGILIA

- Escuto vozes, dizes tu tremendo...
-Vejo em sonhos um templo sacripanta!
Sons ecoam quais fossem harpas tangendo
o medo que em tu!Alma se alevanta!

Que são? Mau presságio? Queres saber,
pois dizes que este vate é decifrador
de sonhos... Não... Não é, mas tu podes crer
que antes, são visões sacrossantas de amor!

São vozes os sinos do campanário
que dolentes saúdam o seresteiro!
Triste bardo no lúgubre cenário,
esperando sua musa no mosteiro!

Não são vãs! São cânticos prenhes de dor
estas vozes que clamam teu abraço,
que suplicam pra que chegues qual condor,
ao santuário do amor sacro e lasso!

Não! Não há frase imposta pro teu medo,
nem limite a prender-te além do muro
ou sombra a conduzir-te pro degredo,
pois só há luz no mundo do amor puro!
Nelson de Medeiros

ALÉM DA ETERNIDADE...

ALÉM DA ETERNIDADE...

Esta saudade é minha paz e minha guerra,
Que um dia é doce e noutro dia é como fel!
É como a dor que corre solta pela terra,
É como amor que dentro d!Alma vaga ao léu!

Esta saudade é como a tarde que se encerra
no fim do dia esculturada por cinzel!
É como a noite esplendorosa que descerra,
A vida eterna que se mostra além do véu!

E no nascer da madrugada eu sinto tê-la
Junto ao meu leito, qual do céu caída estrela,
como se fosse um anjo bom em minha sorte.

É uma angústia que me beira a insanidade,
E se é real e de verdade esta saudade,
Hei de senti-la para sempre além da morte!

Nelson de Medeiros

MÁGICO MOMENTO.

MÁGICO MOMENTO.

"No ápice de sensações, numa entrega ardorosa e total",
Calou-se o bardo, duvidava... Não sabia se era real
Aquela silhueta que, linda e elegante, pairava a sua frente!
O mundo, pensava, havia-lhe sido por demais cruel,
E não cria que o amor pudesse ter aberto seu céu
Assim, inacreditavelmente e tão de repente!

Então, sem dar crédito à sua própria intuição,
Seguiu seu caminho sem qualquer tentativa ou ação
Levando consigo um sentimento sinistro, trágico!
Quis voltar depois... Tirar da alma tal contenda,
E em desespero atroz quis achar a perdida senda,
Mas, perdera-se no tempo o momento mágico!

Nelson de Medeiros
Â» C.Itapemirim(ES)23/08/2021.

FLORES OU ESPINHOS...

FLORES OU ESPINHOS...

Partiste sem sequer dizer-me adeus...
A gelada manhã foi testemunha
D!Uma agrura amarga que eu não supunha
Espreitasse qualquer dos fados meus!

Segui-te sempre... Tua arte me impunha!
Não sabes de mim... Porém não importa,
O destino em nossos atos se aporta,
E escolhas trarão flores ou espinhos!

Porém, tens para sempre o meu carinho!
São prenhes dele as liras que te mando...
Vêm do cofre d!Alma... D!um escaninho!

Declame-as recordando de nós...
Faz de conta que inda sou eu cantando
A te versar esta saudade atroz!

Nelson de Medeiros
Cachoeiro de Itapemirim (ES) 24/08/2021

RETRATO

RETRATO

Hei, para sempre, de guardar o teu retrato,
para que eu possa reviver a mocidade,
a doce sombra de um fugaz sonho abstrato,
uma quimera agasalhando a soledade!

Hei de guardá-lo com carinho e muito trato,
sempre carpindo esta saudade que me invade!
Uma saudade a qual, porém, sou muito grato,
por tanta paz, por tanto amor e lealdade!

E quando um dia, já todo roto e amarelado,
calar-me o peito num soluço entrecortado,
hei de chorar por este imenso amor profundo...

Fenecerá flor ? eu sei- mas a semente
há de ficar brotando n!Alma eternamente,
prá renascer na doce luz de um novo mundo!

Nelson de Medeiros

NA PANDEMIA

NA PANDEMIA

Vai se indo melancólico o dia...
O mundo presente, inimaginável
Outrora, era em parte responsável
Pela cena que alheio o bardo via!

A tarde azul rubi, que já se ia,
Desenhava um poente admirável!
Uma dádiva divina notável,
E pouco olhada até a pandemia!

Mas, o refúgio desperta desejo,
E a pintura natural do universo
Solidifica-o sem medo ou pejo!

Então, recordando a mulher que anela,
E desejando ficar nela imerso,
Fez estes versos só pensando nela!

Nelson de Medeiros
C.Itapemirim, 26/08/2021

TUAS DIRETRIZES

TUAS DIRETRIZES

-Se me amas tanto assim, como dizes-,
-deita-me em teus cantos sem me esconder,
- diz meu nome para o mundo saber,
- E me coloca em tuas diretrizes!

Digo, porém, que isto tu podes ler,
Pois que meus versos são forças motrizes,
Lembranças de amores e cicatrizes,
Que sempre motivaram este querer!

Mas, não tens a acuidade de outrora,
Pois bastaria um olhar mais profundo,
Prá achar teu nome escrito a toda hora!

Ele está inteirinho em minhas liras,
-E também é visível a todo mundo-
Somente tu não vês e então deliras!

Nelson de Medeiros
27/08/2021

PRECONCEITO

PRECONCEITO

No teatro da vida a inveja encena
A ira da emoção por nós vivida!
Esta gente vil, mesquinha e fingida
julga, e sem qualquer razão nos condena!

Não importa... Importa a ventura plena
e que nos dois buscamos nesta vida!
Importa mesmo é a placidez serena
De toda alma no corpo refletida!

Que me estraçalhem d!Alma as entranhas
os espúrios que têm a mente imunda,
onde a perfídia anda em largos passos!

Partamos rumo ao mar, rumo às montanhas,
-Longe desta malta que de ódio abunda-
a encontrar nossos beijos e abraços!

Nelson de Medeiros
Cachoeiro de Itapemirim(ES) 29/08/2021

PECADO

PECADO
Foi assim numa manhã ensolarada,
que em minha vida cruzaste como fada,
e em nós nasceu uma paixão ardente...
Da tarde amena à noite enluarada,
na poesia de terna madrugada,
o amor cresceu e deu frutos docemente...

E seguimos na jornada, ternamente...
É bem verdade que a pecar secretamente,
em vão tentamos contornar os torvelinhos...
Muito quiseste e se a ti não pedi nada,
hoje te rogo, com mi!Alma amargurada,
em caminho para o mundo dos sozinhos:

-Quando estiveres em teu Templo imaculado,
lembra de mim, perdoa o meu pecado
e peça a Deus que em seu lar me dê abrigo...
Reza uma prece que me alcance no desterro,
roga por mim, perdão de um doce erro,
e que eu possa, no infinito, estar contigo!

Nelson de Medeiros

JOGO PERDIDO

JOGO PERDIDO

Não sei por que perdes tempo comigo!
Tuas perfídias não têm eficácias...
São peças do teu tabuleiro de falácias
Que jamais me serviram ou servirão de abrigo!

Andamos em paralelas, é bem verdade!
Mas, embora muitas vezes de par em par,
Nunca soubestes de verdade o que era amar,
E por isso inda brigas c!a saudade!

Pensas e dizes tu que te larguei na vida,
E na jornada te apliquei um cheque-mate!
Ledo engano! Jogastes de orgulho provida...

No jogo da verdade teu lance foi ruim!
Foi infeliz e sem tato o arremate,
Razão pela qual tu jogas sem mim!

Nelson de Medeiros
31/08/2021

VERSOS LIVRES PARA A MUSA PRESA...

VERSOS LIVRES PARA A MUSA PRESA...

Foi nesta praia numa tarde amena,
Cheia de encantos e sutis belezas,
Que esvoaçante qual gentil falena,
A mim chegaste prenhe de certezas...

O mar trazia deslumbrantes cantos,
Que ressoavam acolhedoras liras!
Eram teus versos de sutis encantos,
Saudades só que ao triste bardo inspiras!

O vento fresco balançava as flores,
Que indiferentes perfumavam os ares!
As ondas vinham nos lembrar de amores,
Acalentando os sonhos milenares!

Foi um minuto uma existência inteira,
Que eternizou uma paixão infinda!
E esta magia da impressão primeira,
Inda acalenta esta saudade linda!

E eu te vi como te vi na origem,
Por entre estrelas habitando o céu!
Eras do Olimpo a mais perfeita virgem
Que eu perdido procurava ao leu!

E nesta praia nesta tarde amena,
Que esta saudade qual gentil falena,
Traz-me teus versos evolando flores!
E dentre eles diz-me a rosa em segredo:
Vem, poeta, vem-me colher deste degredo
E enfeitar o jardim de nossas dores!

Nelson de Medeiros

PÁRIAS DO PODER

PÁRIAS DO PODER.

Tudo neste mundo é vão, podre e opaco;
Nada é transparente, nada é real!
No Poder vence o forte, ganha o mau,
Sofre o mísero, desmorona o fraco!

Comanda o embusteiro, o imoral,
O néo-místico falaz e velhaco!
Esta gente gosta do puxa-saco
Que lhe decanta a fala irracional!

São os falsos do desejo rasteiro,
Os párias do poder passageiro,
Que têm a vaidade inata na veia!

Neles só crê quem é deveras louco,
Quem procura ganhar de tudo um pouco
Sem se importar com a desgraça alheia!

Nelson de Medeiros
C.Itapemirim, 05.09.2021

MEU VERSO FEIO.

MEU VERSO FEIO.

São tristes os meus versos... São feios!
São talhados com letras de granito
Pois quero conservá-los no infinito,
Gravar eternamente os meus anseios!

Tristes, feios, mas com destino estrito:
Tu! Buscar-te e amar-te sem receios!
Ter-te outra vez sem cerceios, sem freios,
Juntos fitar o céu que agora eu fito!

Mas, tenho cá um lindo verso raro,
De rima rica e de solfejo caro
E que bem metrificado tudo diz!

Amo-te muito e pouco te amei,
A ao dizer-te o amor que inda não dei,
Também direi o verso que te fiz!

Nelson de Medeiros
C.Itapemirim, 07.09.2021

NÃO LIGUES...

NÃO LIGUES...

Será que sabes o que sinto agora?
-Saudade! Já sentiste dela o ardor?
Talvez... Mas, o talvez é pó no amor,
Dúvida atroz que a indecisão ancora!

Tal sentimento, que vem sem pudor
Intenso como dor, comigo mora!
Um arrepio que não marca hora,
E que congela mi!Alma de horror!

Eu conheço este rito, esta cadência,
E seu final eu conheço por vivência,
Pois que a incerteza vive aqui comigo!

Mas, dizes tu que esta paixão é pouca...
Não ligues, pois, se eu beijar outra boca,
Lembrando os beijos que beijei contigo!

Nelson de Medeiros
C.Itapemirim (ES) 05.09.2021

PEDIDO IMPOSSÍVEL

PEDIDO IMPOSSÍVEL

Recebi teu pedido neste instante...
Que romântico... Até chorei... Juro!
Sim eu juro, pois que não sou perjuro
e a incumbência é deveras excitante!

Queres tu um poema de amor puro,
uma oferenda, um mimo inebriante,
pequena lembrança do amor galante,
que certa vez te pareceu impuro!

Busquei achar os versos e as estrofes...
Ávido abri, da inspiração os cofres,
Porém, não encontrei o que sugeres!

Logo então desta lira eu desisti,
pois que olhando a tua imagem eu vi
que és o próprio poema que tu queres!

Nelson de Medeiros

C.Itapemirim (ES) 08/09/2021

PRESSENTIMENTOS...

PRESSENTIMENTOS...

Lembro-me bem daquele entardecer...
Sinfonia de luz! Lembro-me bem!
O seu olhar perdido era refém
Do horizonte que se podia ver!

Sensação, que da dor vai muito além,
Trespassou-me o peito e eu pude antever
A dor da perda, inata no humano ser
Que nasce poeta e venera alguém!

E o presságio se cumpriu em meu mundo!
Partindo, deixou-me um vácuo profundo,
Noite sobre noite, dia após dia!

E até hoje, passados vinte anos,
Embora sem visões e desenganos,
Ouço ainda da tarde a melodia!

Nelson de Medeiros
C.Itapemirim (ES) 11/09/2020.

ACRÓSTICO Á MINHA FILHA

ACRÓSTICO À MINHA FILHA

B onequinha sapeca,

I rrequieta, levada da breca,

A poteose do riso e da farra...

N ão poderia eu deixar,

C antando passar,

A tua inocente algazarra...

P ortanto aqui te ofereço,

E ntre versos de apreço,

R imada dedicatória...

I ntento brindar a tua alegria

M arejada de inocente sabedoria...

D eves, porém, do mundo, ouvir a historia.

E scuta-a, mas é a consciência que ditará a tua trajetória...

M esmo quando, um dia, sentires a vida

E nvolvendo-te em dura lida

D esmoronar-te as ilusões crianças,

E, quando vires o egoísmo, vaidade,

I nveja e orgulho te espreitarem com maldade,

R etempera-te. Roga a Deus uma prece de esperanças,

O mbreia-te com as almas mais perfeitas,

S aibas sofrer com dignidade. E com serenidade,

T oma a tua cruz, siga em frente, ama com lealdade,

E squece as ofensas, perdoa sempre, não te afastes da verdade.

I mita o que há de bom, fuja do mal, este charco de lama...

X odó do papai: Sê sempre caridosa,

E nalteça com fé a Natureza dadivosa...

I mporta sempre que meças teus meios pra atingires teus fins.

R espeita a pobreza e faz da humildade o som de teus clarins.

A gora, ria... Amanhã hás te entender o papai que te ama!

Nelson de Medeiros

DIÁLOGO COM O CORAÇÃO.

DIÁLOGO COM O CORAÇÃO.

Ah! Pobre coração vazio!
Porque bates assim veloz e frio?
Acaso não tens na lembrança
um amor puro e verdadeiro?
Será fado a consumir-te por inteiro
sem sequer acalentar-te a esperança?

Frio coração que vaga pela terra!
Que angústia o teu bater encerra
nas lágrimas que tentas esconder?
Não vês que suspiros delirantes
povoam quimeras distantes,
buscando ao cume ascender?

Mas, será ela, que em seu sonho de criança,
vê a ave da esperança
em seus céus volitar?
Ou serei eu, que tais sonhos despedaça
qual negro abutre que esvoaça
sobre a presa a espreitar?

Ah! Ela sim, alva estrela, astro fulgurante,
flor dos campos, inocência d!Um instante,
suspira e vê perto os sonhos seus!
Pois que eu vejo a noite borbulhar nas vagas,
e sinto a consciência arder em chagas,
por um momento a recordar de Deus!

Nelson de Medeiros

Guarapari (ES) janeiro de 2005

UM SONHO REAL

UM SONHO REAL

Já disse alguém que os sonhos são reais...
Até ontem não cria nisto então!
É que sempre primei pela razão,
E à ficção não dei azo jamais!

Mas, quando a vi perdi-me na emoção!
Doce imagem... Contornos liriais!
Envolta em aura fina de corais,
Ela tocou-me os lábios com a mão!

Porém, o tempo segue à revelia
Da realidade ou da fantasia...
E chegou a manhã em pressa louca!

Esvaiu-me da mente aquele rosto!
Foi-se o sonho, porém ficou-me o gosto
Do beijo que ela pôs em minha boca!

Nelson de Medeiros
C.Itapemirim (ES) 19.09.2021

PECADO ANTIGO

PECADO ANTIGO
Num instante... Num relance de vida
Ela surgiu-me na tarde dolente...
Louca empatia tomou minha mente,
E a vi como velha conhecida...

Que estranha sensação a minha frente!
A visão dos meus versos refletida
Estava ali real e definida,
Como se nunca houvera sido ausente!

Então, pensei que fora agraciado,
-Por clemência e benesse do meu fado-
Com todas as delicias do cupido!

Mas, cedo toda a verdade eu lobrigo
Ao ver que, talvez por pecado antigo,
Este amor já nascera proibido!
Nelson de Medeiros

CANTOS DE SEREIA

CANTOS DE SEREIA

Mais uma vez te ouço e avidamente
Tento interpretar teus cálidos versos!
Soam cheios de amor, incontroversos,
E neles o bardo pensa somente!

Mas, o hierofonte que lhe habita a mente
Sussurra-lhe que eles são controversos,
Não tem alma, são frios, são perversos...
Cantos de sereia, literalmente!

Ah! Linha fina cinde o céu do inferno!
Será este um canto inocente e terno
Ou será engenhosa enganação?

É premente usar o tino, o bom senso!
Mas, como se a paixão é um contrassenso
E trespassa o entendimento e a razão?

Nelson de Medeiros
C.Itapemirim(ES) 23/09/2021

INSTANTES DA VIDA REAL XXXVII (O QUE É AI-5 MENINA?)

O QUE É AI-5 MENINA?

Não canso de dizer que Adamastor era um cara simples, às vezes até simplório, tinha a mania de acreditar nas pessoas, até no amor cria, ainda. Talvez, por isso, já acreditara até em políticos.

Era sete de setembro deste ano apocalíptico de 2021 quando Adamastor ganhou a avenida para espairecer um pouco. Apesar de não gostar de política, máxime a que nos últimos meses grassava no país, acabara de assistir pela televisão um discurso que lhe parecera muito preocupante.

O presidente da república, inflamado, dera a entender no auge de sua fala que o Estado Democrático de Direito não deveria continuar existindo. Adamastor, de pronto, lembrara-se de sua juventude quando presenciara um vizinho ser levado à força por policiais. Seu Juvenal, pois que esse era o nome dele, nunca fizera mal a ninguém, apenas gostava de falar, reclamar do custo de vida, nada mais. Veio-lhe à mente a casa daquele cidadão sendo invadida ante os gritos de sua esposa e filha.

Esta imagem ficara gravada em sua memória como a lídima representante do tempo em que o país vivia sob o regime de exceção, comandado por militares.

Positivamente- pensara- isto não voltaria a acontecer, ou voltaria? E mergulhado nestas elucubrações seguiu seu passeio buscando entender como a humanidade chegara a situações degradantes assim, depois de tantos percalços entre guerras, pragas e pandemias. Será que tais desgraças, avisos ou seja lá o que for não foi bastante para um aprendizado?

Adamastor seguia assim quando uma pequena aglomeração em um café próximo lhe chamou atenção. Era um grupo de jovens com cartazes na mão e nos quais se liam frases tipo "abaixo o STF", "fechamento imediato do congresso nacional", e até um grotesco e inconcebível "AI-5 neles", este último segurado por uma mocinha meio eufórica e que sequer deveria ter 21 anos de idade.

Percebeu, então, que um senhor de aproximadamente 60 anos de idade dialogava com eles ou pelo menos tentava fazer isto. Adamastor prestou atenção na conversa e ouviu quando o referido senhor perguntou à mocinha que, diga-se, trajava uma blusa verde amarela. "- O que é AI 5? A menina olhou espantada para ele e retrucou:" - Oras, é a volta da democracia meu senhor".

Adamastor, em sua santa e pacifica indignação reparou quando o mesmo senhor perguntou a um jovem com a bandeira do Brasil e que portava um cartaz pedindo a tomada do poder pelas forças armadas: "? Mas, porque afinal vocês estão querendo a volta da ditadura"? Ao que o menino respondeu com ares de sabichão: "O senhor não sabe"? E afastou-se meio sem jeito, demonstrando claramente que não tinha resposta concreta.

Vendo que aquele grupo não sabia sobre o que estava protestando e nem contra quem, Adamastor continuou seu caminho indagando de si para si quantos grupos iguais àquele não deveriam estar naquele instante a brincar de "faça o que o mestre mandar".

Voltou-lhe à mente aquele vizinho de sua juventude... E lembrou-se, então, de que ele jamais voltara para sua família...

Nelson de Medeiros

C.Itapemirim, 09/09/2021

RETUITANDO A DOIDICE

RETUITANDO A DOIDICE

Olha pra mim moça e atenta no que digo:
O amor tem de fato mil e uma facetas!
Pode ser fino, tão ao gosto dos estetas
Ou rude e ciumento na rota do perigo!

Pode ser sutil, como o que trago comigo,
Ou mesmo às claras, como cantam os poetas!
E as confusões não raras vezes indiscretas,
É que agasalham o amor em seu abrigo!

Mas, com percalços, com fineza ou ciumeira,
Eu vou levando nosso amor sem brincadeira,
Sem atropelo e sem qualquer disse me disse!

Há de ficar emaranhado em nossa a vida,
Pois que eternamente eu lhe darei guarida,
Sem me importar com as delicias da doidice!
Nelson de Medeiros
25/09/2021.

LEI DO RETORNO

LEI DO RETORNO

Desde sempre eu soube sem ser profeta,
Que não somos bons e nem perfeitos!
Não somos maus, mas com mil preconceitos
Mais andamos na curva que na reta!

Temos nossas virtudes e defeitos,
Mesmo assim alcançaremos a meta!
E não é preciso ser bruxo ou asceta
Para entender que opções têm efeitos!

Por isso é que eu sei por convicção,
Que algo existe a nos chamar à razão
E mostrar a dor que incúria acarreta!

É a Lei do Retorno, inata na mente
E que nos cobra o desvio imprudente,
No momento exato e na hora certa!

Nelson de Medeiros
30/09/2021

PROCURA

PROCURA
Eu me propus, um dia, em aventura ousada,
Achar tua alma por milênios procurada...
E em sonho louco, entrecortado de esperança,
Eu te busquei pelas manhãs de primavera...
E dentre as flores do jardim de uma quimera
Eu te esperei na mais fiel perseverança!

Suplicava, então, com profundo sentimento,
Pudesse ter-te nem que fosse um só momento,
Alma com alma gozando a mesma emoção!
Sondei-te, em vão, pelas manhãs ensolaradas,
No vai e vem destas marés esbranquiçadas,
Vendo o horizonte mergulhar na imensidão!

Eu me perdi em madrugadas orvalhadas,
Sorvendo dores de paixões inexplicadas
Que dentro d'alma me ardiam em solidão!
Cerquei-te em preces nas mansões angelicais
E em tristes versos prometia em madrigais,
Que por inteiro eu te daria o coração.

No entardecer ruborizado de harmonias,
Por entre a brisa sussurrando melodias
Eu vislumbrava a tua sombra em cada trilha!
Cantei-te o amor em meigas tardes vaporosas
E nas estrofes de cantigas langorosas
Vi-me Dirceu a te sonhar como à Marília!

Mas isto tudo foi um prêmio ou foi castigo?
Por que me deram conhecer-te e estar contigo
Se me isolaram neste mundo de saudade?

Eu bem pressinto o teu olhar, mas não te vejo,
Minha alma pulsa de desejo e não te beijo
E nos separa a dimensão da eternidade!

Ah! como é triste e malfadada a realidade:
Cheguei cedo nesta vida e tu tão tarde...
Não te tenho e não me tens, não és minha nem sou teu!
Mas, que me importa esta saudade, esta distância
Se a ânsia que suporto no meu peito é tua ânsia,
E se a dor do pranto teu dói aqui no pranto meu?
Nelson de Medeiros

PRESENÇA TARDIA

PRESENÇA TARDIA

Beleza serena. Porte austero
Tempo acabado
Amo. Sofro. Desespero...
Nelson de Medeiros

TEUS VERSOS

TEUS VERSOS

A tarde morre e triste a noite se avizinha...
De novo estou só e na minh'alma se aninha
A saudade imensa de teu rosto lindo, de teu corpo esguio...
Busco escrever o que pediste;
Tento fugir do estilo pessimista e triste,
Mas meu peito só reflete d!alma intenso frio!

Olho o relógio que avança caprichosamente,
Insensível, em compasso lento, cadenciadamente
A consumir, impiedoso, os sonhos da vida...
E meu pensamento retorna ao momento,
Em que o destino me colheu em tormento
A te olhar como velha conhecida!

Quiseste sempre ter meus versos. São teus...
Pois se deles és a Musa, como dizer que são meus?
Em todos, porém, te digo: -Ficou meu coração...
Certamente tu dirás: -Que lindos! Quanta magia,
Sem saber que entre tanta poesia,
És a única que eu queria ter na mão!

Nelson de Medeiros

DE ONDE VEM ?

DE ONDE VEM?

Súbita aversão,
Amor de primeira,
Instinto ou Reencarnação ?

Nelson de Medeiros

PERFUME DA ILUSÃO

PERFUME DA ILUSÃO
Adentro-me agora na velha Matriz
Onde fiz meu primeiro juramento;
Os nichos e as imagens no momento
Reabrem-me n!alma velha cicatriz!

Então, todo antigo trajeto eu refiz...
Da manhã à noite do sacramento;
Pensava, então, que o nobre sentimento
Fosse prá todo o sempre a força motriz!

Ledo engano, o tempo, senhor da vida,
Recolhe a melhor quimera escondida
Dentro do cofre de um coração!

Pouco restou... Nem odor de saudade...
Pois, do amor que pensava eternidade,
Só o perfume de sua ilusão!
Nelson de Medeiros

INTUIÇÃO

INTUIÇÃO

Eu não posso dizer que te conheço,
Pois teu traço só na cópia existe;
Mas, meu instinto me assevera e insiste,
Que és lembrança d! um vetusto apreço!

Diz-me também que ver-te não mereço,
Embora o livre arbítrio que me assiste;
Porém, no fundo a razão resiste,
E deixa, assim, meu coração opresso!

Por isso, ficarei só no desejo
D!um abraço, d!um olhar e d!um beijo
Deste amor que do berço eu já trazia!

Mas, se intuição não nutre a verdade,
Com certeza me assegura a saudade,
Que a minh! alma a tua já conhece !

Nelson de Medeiros

TELA BARROCA

TELA BARROCA...

Na parede da sala uma pintura barroca...
Vejo em sonhos um amor antigo, uma aventura louca
que o tempo não apaga das lembranças!
Na tela as cores berrantes dum velho casario
refletem a sensação de perda, de vazio...
O coração pulsa fraco, jaz sem esperanças!

As gotas d'água que batem na vidraça
num bailado sutil de muita graça,
parecem dar vida ao painel secular!
E os mosaicos que o parco sol na chuva cria,
Me mostram poetisa, ao ler tão linda poesia,
O brilho de tu! alma refletida em teu cantar!

Nelson de Medeiros.

INFINITA AUSÊNCIA

INFINITA AUSÊNCIA

Finalmente... Da sombra surge a aurora!
Um canto de passarinho somente...
A algazarra doida daquela gente,
Pela graça da chuva foi-se embora!

Então volto ao silêncio novamente,
E acho a paz na solidão agora!
Volto a pensar em ti. Tua demora
Em continuar assim tão ausente!

Meu desejo era ver-te a todo instante,
Toda hora falar do amor constante
Que sobrevoa todo o meu entorno!

Pois que só um dia de tua ausência
É para o bardo quase uma existência
Que lhe soa infinita e sem retorno!

Nelson de Medeiros

NOSSA RENÚNCIA

NOSSA RENÚNCIA

O tempo se esvai... Segue... Não há volta...
Mas, teu rosto lindo na jornada inda me escolta
E tua sombra fugaz inda é paixão repetida...
Assim é... E foi assim desde o fugaz momento
em que a minha! Alma se viu em tormento
A me lembrar duma estranha conhecida!

Naquele instante o nosso olhar devastador
Se cruzou inesperado em tépido langor,
E o fulgor de nossas faces foi denúncia!
Então, meu coração em disparada, desenfreado,
Varou as dobras do infinito e na vertigem do passado
entendeu quão longe, nesta vida, foi nossa renúncia!
Nelson de Medeiros

URÂNIA

URÂNIA*

Soluça a tarde... A noite se aproxima prenhe de esplendores!
A imensidão, de prata engalanada, reflete uma luz sem par...
Das estrelas, no etéreo manto, diz-me a Deusa dos Amores
De que voltaste do "Olimpo" na carruagem do luar!

Por que foges de mim? Onde estás que não escutas meu cantar?
Ah! Em que Arquitetura esconde teus fulgores?
Soluça a tarde... A noite se aproxima prenhe de esplendores!
A imensidão, de prata engalanada, reflete sua luz sem par...

Por que mi!Alma é tão inquieta, tão prenhe de ardores?
Por que teima o inconsciente, dentro do peito, a relembrar,
Qual "dèja vu", os teus olhos multicores?
Por que não vens me amar? - Digas tu, Musa milenar!
Soluça a tarde... A noite se aproxima prenhe de esplendores!

Nelson de Medeiros

MAGIA

MAGIA

Sempre que a vejo assim qual escultura,
Burilada de ouro e de marfim,
Fico a pensar se tanta formosura
Não é obra da mente ou coisa assim...

Não sei dizer se aquela criatura
É fado bom que temo tenha fim,
Ou se é fruto de cândida loucura
Nascida da ilusão que vive em mim!

Se é fantasia juro que eu não sei...
Só sei que foi a Musa que eu versei
Nesta lira que beira à idolatria!

Mas, que importa se foi sonho somente,
Se quando a tenho comigo presente
Minha alma vive na sua magia!

Nelson de Medeiros.

A MISSÃO

A MISSÃO

Na vida todos nós temos missões. Viver já é uma missão, trabalhar, constituir família, encaminhar os filhos, tudo isto são missões que nos foram confiadas, mas todas, ao final, se resumem numa única só e que engloba todas as demais. Consiste em nossa reforma interior, moral, espiritual e material a fim de que continuemos cada vez mais perto de atingir a iluminação total da consciência. De todas, é a mais importante e a mais difícil porque enquanto não cumprida, nossa transformação, por mais que nos esforcemos, será sempre mera troca de sentimentos de um mesmo valor, infinitamente.

Nelson de Medeiros

DELIRIO

DELIRIO

Mas quando foi que nossas vidas se cruzaram?
Mas em que tempo? Em que mundo? Em que vida?
E qual poder irresistível nos marcaram,
quais viajantes desterrados, sem guarida?

Mas quando foi que teu olhar tão penetrante,
no meu cravou-se incendiando um sentimento,
e qual bacante numa orgia alucinante
prendeu mi! Alma eternizando este momento?

Às vezes vejo num delírio impressionante,
qual sonhador em devaneios reluzentes,
duas figuras num bailado estonteante,
pelos salões de mil palácios resplendentes!

E engalanados sob sedas e brocados,
entre realces de reinados de princesas,
m! alma sente que embora alucinados,
fizemos parte destas velhas realezas!

É bem verdade que já dantes existimos,
já fomos reis, fomos juízes e mendigos,
e nas estradas que deixamos desatinos,
retornaremos a buscar nossos abrigos...
Nelson de Medeiros

FELICIDADE

FELICIDADE

Sua carta foi sugestiva, mas inesperada...
Nunca pensei que estivesse assim, tão amargurada!
Escuta, será que você sabe mesmo o que é felicidade?
Eu sempre a trouxe comigo desde pequeno. Posso contar:
Felicidade ? e isso já sabemos ? não é de se comprar.
Às vezes nem é ter um amor de verdade...

Conheço muitos que a buscaram na ilusão,
ou, como queiras, na desmedida paixão
entre um beijo apaixonado e uma taça de vinho...
Existem aqueles que a procuram na natureza,
isolados do mundo, na firme certeza
de que é este é o verdadeiro caminho...

Mas, eu lhe digo que ela não está na paixão desmedida,
muito menos na emoção infrene, incontida
que só traz dores, amarguras, desilusões...
Também não se perdeu, embora nossa distância,
pois, os bons momentos vividos com constância
ainda dormem em nossos corações!

Para mim ela é a divina centelha
que descida do céu sempre espelha
esta afeição de benesses repleta!
Por isso felicidade em meu conceito,
é trazer como eu trago, imantada no peito,
toda a ventura de ser poeta!

Nelson de Medeiros

POEMA DE AMOR

POEMA DE AMOR
Eu te amo como amo o silencio profundo,
meu berço natal e seu solo fecundo...
Eu te amo como amo a tarde ensolarada,
a noite prenhe de estrelas, a branca lua
e seu rastro que brilhante flutua
na imensidão onde as Musas têm morada...

Eu te amo como amo o refrescante aroma
do imenso mar que no horizonte se assoma...
Eu te amo como amo da noite a luz,
como amo do dia as cores,
o cantar da passarada ,as flores
da campina verdejante que seduz!

Eu te amo como amo o despertar da aurora,
 a tarde no poente que estertora...
Eu te amo como amo a doce viração
que toda a folhagem do bosque ondeia
e onde a nostalgia vagueia
 passeando em solidão...

É verdade... é bem verdade que eu te amo...
Mas tu nunca saberás de tanto amor
nem ouvirás do meu peito este cantar!
Este cantar que traiçoeiro bem revela,
todo o sofrer que amargurado anela
o coração deste insensato trovador!

Mas, que importa que minh!alma despedace...
Os meus lábios hão de selar-se
no silêncio que impõe a lei...
E lá, nas estrelas, onde a dor fenece,

onde a luz que brilha não falece,
lá sim... Saberás o quanto eu te amei!

Nelson de Medeiros

UM BEIJO ROUBADO

UM BEIJO ROUBADO

Será que sabes o que sinto agora?
Acaso não sentiste um desamor?
Talvez... Mas, o talvez é inquisidor
É dúvida atroz que a mente assenhora!

Pois tal sentimento, um quase pavor,
Frio como a morte, meu peito ancora!
Um arrepio que chega sem hora,
E me deixa assim prenhe de temor!

Porém, do teu conto eu sei da essência,
E o seu fim eu conheço por vivência,
Já que esta historia em reprise eu já vi!

Mas teu desejo também eu conheço,
E prá evitar conhecido desfecho,
Esquece o beijo que eu roubei de ti!

Nelson de Medeiros

RÉQUIEM AO MAIOR DE TODOS

AINDA LIBERDADE...

Ouvi, jornadeiros do bem,
o canto de hosanas de paz:
-Vencei a falácia mordaz,
buscando os caminhos do amor!
Ouvi essas vozes do além,
que a bondade inspira e conduz
mostrando os caminhos de luz,
nas sombras do mundo da dor!

Ouvi, jornadeiros sofridos,
O canto no bem inspirado!
A sombra deixai no passado,
que a luz é presente, é aurora!
Ouvi todos vós oprimidos,
se aproxima um tempo novo,
trazendo a esperança d!um povo,
que clama a igualdade que aflora!

Esquecei, jornadeiros do Cristo,
O canto d!alma amargurada;
-Despertai, ó alma cansada,
gritai outra vez Liberdade!
Ouvi! Pois que além do infinito,
longe, das alturas celestes,
muito além das tumbas inertes,
Se alevanta o bem na verdade!

Despertai que a Luz há de vir,
pois o amor é pendão que descerra
a força que move esta guerra,
buscando a vitória final!

Despertai! Já surge o porvir...
Desfraldai a bandeira, altaneiro,
do divino e leal mensageiro,
na luta do bem contra o mal!
Nelson de Medeiros

MENOS VINTE...

MENOS VINTE...

Se menos vinte eu tivesse agendado,
Se o teu tempo por raro sortilégio,
Sem feitiço, mandinga ou sacrilégio,
Pudesse no meu ser vivenciado;

Se Cronos, Deus do presente e passado
Resolvesse, num raro privilégio,
Retrocedê-lo em doce florilégio,
Eu pararia os tempos num só lado!

Meu verso soaria a violino
Embriagando-te, qual vinho fino,
Na dança da paixão e do desejo!

Mas, sem tempo sem sonhos e esperança,
Resta apenas, meiga e doce criança,
Versejar a saudade do teu beijo!

Nelson de Medeiros

VELHAS LEMBRANÇAS

VELHAS LEMBRANÇAS

Encontrei-me a reler velhos poemas...
Lembranças antigas, cujos temas
porém, o tempo não apagou...
Velhas lembranças,
retalhos de esperanças
que a vida me reservou...

Só, olhando o firmamento
da janela, meu pensamento
voa pelas fendas do tempo...
De que esfera de Luz
vem teu vulto, e me conduz
ao céu por um momento?

Revejo as tardes langorosas,
quando as ondas preguiçosas
vinham teu corpo molhar!
Toda a praia entristeceu...
Nosso mar emudeceu,
não tem o mesmo cantar!
E as noites consteladas,
quando as estrelas aladas,
vinham em teu sonho pousar!
O infinito enluteceu...
Nosso céu escureceu,
não tem o mesmo brilhar!
Lembro as manhãs orvalhadas,
que ao cantar da passarada,
vinham teu corpo beijar!

Perdeu-se o encanto da vida...
Sem teus beijos por guarida,
Não voltarei a amar!
São velhos poemas...
Sempre os mesmos temas...
O amor, a dor, a saudade...
Que passem os anos,
que venham os desenganos...
Te amarei na Eternidade!

Nelson de Medeiros

APENAS UM OLHAR...

APENAS UM OLHAR

Foi numa tarde assim ensolarada,
Que o meu olhar e o dela se cruzaram...
De pronto, corpo e alma se aguçaram
E eu vi minha metade idealizada!

Então eu percebi, vindo do nada,
Recordações que em fleches me chegavam...
Sem pejo meus sentidos se afloravam,
E eu senti me vendo amante e ela amada!

Sensação que me segue pela vida,
E talvez por viver pensando nela,
Nunca mais fiquei tão arrebatado!

Mas, foi erro a tanto elã dar guarida...
Antes, o fortuito olhar -meu e dela-
Não tivessem na tarde se cruzado!
Nelson de Medeiros

AMOR ANTIGO

AMOR ANTIGO

Não sei por que quando à tardinha caminhando,
Em passo lento sobre aquela velha ponte,
Escuto as águas que se vão cantarolando,
Uma cantiga que enruga a minha fronte!

Talvez eu sinta neste canto desaguando
As ilusões por mim vividas num instante
De um tempo atrás que irreversível foi passando,
Deixando as marcas dum avatar vivo e marcante!

E das lembranças que me afloram palmo a palmo,
Tiro estas liras que declamo como um salmo,
A reviver minha passada mocidade!

E não podendo mais voltar no meu caminho,
Olhando o rio e relembrando o antigo ninho,
M! alma chora neste canto de saudade!

Nelson de Medeiros

PAIXÃO

PAIXÃO

A paixão se enrosca no tempo e passa,
Pois que o tempo é senhor do esquecimento,
É remédio que cura o sofrimento
Dum fascínio que a razão nos embaça!

Se ela chega e sem pejo nos abraça,
O amor se concretiza em vil tormento!
Mas passa, pois a vida não nos traça
Infinita amargura ou desalento!

Porém não nasce conosco atrelada,
Por isso escolhe e segue a tua estrada
Num roteiro de luz, amor e paz!

Lágrima presa é água de liberdade,
Solte-a e sem remorso, sem saudade
Vá em frente sem nunca olhar prá trás!

Nelson de Medeiros

SEM MÁSCARA

SEM MÁSCARA
O bardo viu, no auge da ansiedade,
A face humana toda a descoberto!
Viu as cores do orgulho e vaidade
Pintadas sem pudor a céu aberto!

Prenhe de horror, em quase insanidade,
Sentiu com asco a podridão de perto!
Assaltou-lhe então infrene vontade
De fugir desse povo torpe e incerto!

Mas, ir para onde? Como não ver
Esta turba sem fé e desumana?
Aterrado quiz fugir, se esconder!

Não pode, a malta é torpe, é só rudeza,
Nada enxerga, pois só sente o que emana
Do próprio orgulho e da própria vileza!
Nelson de Medeiros

AMOR IMORTAL

AMOR IMORTAL

Ah! imenso é este amor que não fenece!
Passaram-se dias ... meses... anos...
A ventura inda persiste, não envelhece,
nem dá lugar a novos desenganos...

Sem segredos, sem máculas sem enganos
Pois, apesar do tempo a ventura permanece!
Ah! imenso é este amor que não fenece!
Passaram-se os dias... meses... anos...

Nada existe que teu olhar já não me expresse,
e nem Minh! alma esconde mais os seus arcanos!
Ah! o tempo passa e a paixão se recrudesce,
e ascende ao infinito e desce aos oceanos!
Ah! imenso é este amor que não fenece!
Nelson de Medeiros

INSTANTES DA VIDA REAL XXX (EQM)

E. Q. M.

Gosto sempre de repetir para que os leitores, estes poucos heróis conhecedores do valor de qualquer leitura, que Adamastor era um cara simples, às vezes até simplório; tinha a mania de acreditar nas pessoas e, ainda acreditava no amor puro e verdadeiro. Mas era também uma pessoa centrada, voltada sempre para a razão, para a fé raciocinada e pouco crédito dava a fatos considerados extraordinários sem que um mínimo de prova estivesse presente.

Ao tempo deste fato verídico e transcendental fazia um calor abrasador, próprio da região onde Adamastor nascera, fora criado e ganhava seu pão diuturnamente. Aliás, diga-se de passagem, região que é conhecida na boca de seu povo como tendo apenas duas estações: Calor e muito calor embora as praias maravilhosas que a circundam.

Talvez por força de sua profissão que lhe obrigara, desde cedo, a passar dias teclando numa máquina de escrever "Remington Rand", fato que lhe rendera uma terrível hérnia de disco, Adamastor sempre necessitou de uma fisioterapia especifica mesmo depois da chegada do futuro com a comodidade do computador. A velha máquina, "made in USA", preta e prateada, bem reformada repousa agora em seu escritório domiciliar em lugar de destaque por justo merecimento. Foi testemunha ocular de muitos dramas, muitas separações traumáticas e até de crimes. O PC ainda labuta, é incansável, parece eterno...

Adamastor, por isso, era assíduo frequentador de uma academia de ginástica onde religiosamente, todo dia, se exercitava seguindo os conselhos médicos. Tornara-se uma prática que se incorporara a sua rotina diária.

Mas, houve um período em que por motivos alheios à sua vontade ele se viu, de repente, impossibilitado de fazer sua ginástica já que a competente e esmerada fisioterapeuta que lhe assistia mudara-se para BH de onde recebera proposta bem mais vantajosa e bem mais condizente com o seu talento. Por isso Adamastor parou de frequentar a academia.

Então, naquele dia calorento, que ficaria marcado para sempre em sua memória, recebeu um telefonema da academia. Telefonema no celular mesmo. Não havia ainda o tal "zap- zap". Havia um mês, aproximadamente, sem que ele fizesse qualquer exercício por mais simples que fosse.

Uma voz macia, de sonoridade bem jovem, convidava-lhe para retomar à ginastica. Informou-lhe que nova profissional assumira os alunos da antiga e já estava dando sequência aos trabalhos de aperfeiçoamento corporal a todos que assim desejassem e as 4 horas tinha um horário vago. Dissera, ainda, que a nova fisioterapeuta era tão competente como a anterior. Insistira muito, evidente.

Adamastor, é bom lembrar só para constar, estava bem acomodado numa larga poltrona de couro verde sob a proteção do ar-condicionado estudando um processo do qual deveria participar no tribunal de justiça, advogado que era.

O velho relógio da parede marcava exatamente 3 horas da tarde. Lá fora um sol incandescente despejava seus raios UV sem qualquer preocupação sob uma temperatura que beirava os 40º. Uma brisa abafada de vez em quando soprava um vento morno como a avisar aos incautos para permanecerem em casa, embora não houvesse nenhuma pandemia.

Adamastor embora conhecesse muito bem os efeitos do calor naqueles dias tormentosos de janeiro

e as consequências de enfrentá-lo acabou por sucumbir ao convite, máxime porque ? pensara ? lá também tinha ar-condicionado. E assim se preparou e partiu em direção a Academia de Ginástica que ficava perto de onde ele estava.

Mocinha simpática, bem-humorada, metida num macacão verde limão, exuberante, e muito próprio para a ocasião o recebeu e muito dada foi logo palreando sobre seus cursos e suas experiências na área tentando despreocupá-lo, pois parecia que Adamastor lhe dera impressão de nervosismo, muito embora ele

não estivesse nervoso.

Pois bem. Terminadas as apresentações e os rasgas-seda iniciou os tais exercícios. Talvez pelo tempo que ficara parado ou talvez, quem sabe, por outro motivo inexplicável depois de uns 20 minutos Adamastor se sentiu extremamente mal. Sua vista começou a turvar, o estomago dava mostras de revolta e um suor gelado instalara-se em seu corpo. Sensação horrível de abandono tomou-lhe a alma.

Foi levado então a se deitar numa improvisada mesa de ginastica. Ainda chegou a ver algumas pessoas que se aproximavam e que ali também se exercitavam. Levantou metade do corpo e fez vômito. E só... Nada mais viu... Apagou completamente.

Porém, de repente, num átimo de segundo se sentiu perfeitamente bem e se viu acima na sala quase tocando o teto. Um silêncio indescritível pairava no ar. Uma paz jamais sentida em toda a sua vida tomou-lhe o ser. A imensidão que via a seu redor, embora vazia, não dava medo, não mostrava solidão, ao contrário, passava-lhe uma sensação de muita vida sem que Adamastor atinasse por que já que não via ninguém naquela imensidão. Não sentia qualquer preocupação. Havia em seu íntimo a certeza de que todos os problemas de sua vida não eram nada a vista de uma vida maior, mais importante, mais real que compreendeu que ali existia.

Prenhe de júbilo, sem qualquer receio, sem qualquer desconfiança olhou para baixo e foi então que viu a mesa de ginastica, as pessoas em volta dela e um corpo estendido inânime. Sem chegar a entender ainda o que se passava viu chegar lá embaixo, apressadamente, quase volitando, três pessoas envoltas em aventais brancos tenuemente iluminados. Mas não era uma iluminação que clareava nada. Era um branco meio que fosco. Curioso como eles passaram, no íntimo de Adamastor uma sensação de estranha e imensa confiança.

Quando os três se abeiraram da cabeceira Adamastor reconheceu perplexo a sua própria pessoa estendido na mesa e antes que pudesse formar um raciocínio do que estava ocorrendo acordou sob o espanto dos presentes e sem a presença de qualquer dos médicos ou o que lhe parecera serem médicos que vira. Tudo isso durara cerca de cinco minutos. A choradeira se acalmou e, por medida de segurança levaram Adamastor para um hospital. Exames posteriores nada apontaram de irregular, mas a partir daquele instante ele teve confirmada, por benesse do Céu, a certeza que sempre teve de que há vida depois da morte.

Nelson de Medeiros

ORAÇÃO

ORAÇÃO

Entre mil divagações segue o vate
Separado, pois urge que se afaste
Do mundo podre e vil da gente avara!
O egoísmo, mensageiro da morte,
É o nigromante que augura a sorte
Desta malta, cruel e ignara!

Já soam os clarins de um mundo novo
E as notas de simetria d!Um povo
Já ressoam por todos os quadrantes!
Então, afastar-se do velho mundo
E deste poviléu infame e imundo
É premente nos últimos instantes!

Assim, anda desta malta afastado
Buscando o sonho do planeta alado
Onde não habitarão tais enfermos!
Por isso, guarda do orbe o ensino
E apenas vai cumprindo seu destino,
Orando, e da Lei seguindo os termos!

Nelson de Medeiros

ARREPENDIMENTO

ARREPENDIMENTO

Ah! Quanta dor! Nove horas naquele instante...
Ela se foi entre desejos e sonhos de momento!
O seu meigo gesto de amor não foi bastante
pra convencer o bardo do leal sentimento!

Agora o remorso é sombra escura em desalento
Que o vate carrega no inferno de Dante!
Ah! Quanta dor! Nove horas naquele instante...
Ela se foi entre desejos e sonhos de momento!

Sem rumo ele dormita num torpor constante...
Não foi capaz de se livrar do vil tormento
que lhe tortura, até hoje, em dor alucinante!
Que te fez o poeta, alma? ? Deixou-te a mercê do vento!
Ah! Quanto dor! Nove horas naquele instante...

Nelson de Medeiros

CANSEI...

CANSEI...

Cansei de teu mar... De tuas ondas de hipocrisia...
Parto. Vou achar um porto onde ninguém me alcança!
Tuas águas me enojaram qual densa maresia
a invadir meus sentidos em mórbida aliança!

Vou. Inda me sobra uma réstia de esperança
e Minh! Alma não suporta tanta aleivosia!
Cansei de teu mar ...De tuas ondas de hipocrisia...
Parto. Vou achar um porto onde ninguém me alcança!

Fui timoneiro da tua barca de tirania...
Ah! que vaga malfadada és tu que me lança
a todo instante no oceano de tua vilania?
Ah! não velejo mais contigo nesta andança!
Cansei de teu mar... Te tuas ondas de hipocrisia...

Nelson de Medeiros

CORTEJO

CORTEJO

Se existisse acaso seria acaso a escolta
Que vi na tarde gris, de tristeza coberta...
Ao campo santo, por serenidade envolta,
Seguia o cortejo pela rua deserta...

Estranha sensação de uma certeza incerta,
Encheu Minh! Alma dum vazio sem revolta;
E me esquecendo o compromisso de hora certa,
Por força invencível parei, dei meia volta...

Seguindo o funeral a dor minha alma inunda,
Ao saber que o corpo inerte ali escoltado
Era do amigo que na dor me deu guarida!

Pensei: Qual sensação seria a mais profunda...
A minha? De inda estar no mundo acasulado,
Ou a dele, que ia livre para a vida?

FENDAS DO PASSADO

FENDAS DO PASSADO

Ah! Porque fui penetrar nas fendas do passado!
Que estranho sentimento é este que me abraça?
No cais da minha alma teu rosto era barco atracado,
Veleiro a espera do vento pra lançar-se mar adentro!

Por isso a tua lembrança a razão trespassa
num raio atroz que me fulmina... Doce pecado!
Ah! Porque fui penetrar nas fendas do passado!
Que estranho sentimento é este que me enlaça?

Tua voz, pra mim, já não é mais sopro calado
Que nas noites solitárias meu sonho acalentava!

Teu corpo, tão distante e inalcançado,
Agora se vislumbra entre brumas de esperança!
Ah! Porque fui penetrar nas fendas do passado!
Nelson de Medeiros

JARDIM SEM FLOR, PINTURA SEM COR.

JARDIM SEM FLOR, PINTURA SEM COR.

Cansado da vida o bardo se cala,
Não sente mais o amor como outrora!
Toda a alegria d'alma foi-se embora,
E solidão é a canção que o embala!

Sua lira é sem endereço agora,
Pois, sem rumo, de ninguém hoje fala!
Do ontem, porém, o aroma inda exala
E perfuma a dor que no peito ancora!

Mas o amor não é desejo ilusório,
Nem sentimento fugaz, transitório,
Como a estulta paixão sem valor!

Por isso é que nele ainda acredita
E o espera! Sem ele a vida é desdita,
É jardim sem flor, pintura sem cor!

Nelson de Medeiros
C.Itapemirim, 03/11/2021

EU QUERIA APENAS...

EU QUERIA APENAS ...
Queria ler um poema teu novamente...
Há muito tempo não o faço, e aquele verso,
No oceano das lembranças, vive imerso
No mar da paixão que flutua em minha mente!

Da poesia que brilha em teu universo,
As estrofes de luz eu queria somente...
São liras que me iluminam, literalmente,
Já que nelas te vejo e contigo converso!

O teu poema de amor eu li outro dia,
E mergulhado na esperança que extasia
Eu reli e agora o revejo e o declamo!

Ficou lindo! Senti a tua alma desnuda,
E ante a formosura que vi, não se iluda,
Jamais eu poderei dizer que não te amo!
Nelson de Medeiros

BUQUÊ DE ROSAS

BUQUÊ DE ROSAS

No corredor do velho santuário,
Com rosas no braço e terço na mão,
Passou por mim, qual fosse ficção,
Minha musa rezando o seu rosário!

Sua presença era o próprio cenário;
Com gesto leve e terno de oração
Fez calar a descrente multidão,
E encheu de luz o velho campanário!

Mas, o desejo me chegou ao vê-la...
Quem dera pudesse tão rara estrela,
Voltar ao céu da minha solidão!

Não pude me conter; rolou-me o pranto,
Pois, fora um dia, todo o meu encanto,
Aquela noiva de buquê na mão!
Nelson de Medeiros
05/2001

É PRA TI ESTA LIRA DE SAUDADE.

É PRA TI ESTA LIRA DE SAUDADE.

É prá ti poetisa, esta lira de saudade...
Saudade que não é boba... É sabida e triste!
Sabida por que sente a despedida
e triste, pois que impotente a tudo assiste!

É lira, também de insensatez, já que insiste
em não querer enxergar tua partida!
É pra ti, poetisa, esta lira de saudade...
Saudade que não é boba... É sabida e triste!

Quando o amor mergulha em nebulosidade,
e a paixão dentro d!alma inda persiste,
lembrança é coisa pouca .... Muito mais a insanidade
que traduz tudo aquilo que não viste e nem sentiste!
É pra ti, poetisa, esta lira de saudade...
Nelson de Medeiros

TEU SEGREDO

TEU SEGREDO

Quis te buscar... Desvendar teu segredo...
Por isso naveguei nos sete mares!
Voei pela imensidão, idealizei-te em muitos olhares,
E nos caminhos da vida te esperei sem medo!

Busquei novos credos, nova fé, renovei confianças,
Cri no amor de romances milenares!
Quis te buscar... Desvendar teu segredo...
Por isso naveguei nos sete mares!

Procurei-te em minhas andanças
Pelas cidades, pelos campos, pelas ruas,
Mas, apenas encontrei esperanças
Que morreram vazias de ti, nuas!
Quis te buscar... Desvendar teu segredo...

Nelson de Medeiros
Cachoeiro de Itapemirim,11/11/2021

SERÁ POSSÍVEL?

SERÁ POSSÍVEL?

Às vezes me pego a falar sozinho...
Indago do Infinito se o que sinto,
Se o que vejo, e, muitas vezes pressinto,
É dom inato ou sonho do caminho...

Agora mesmo te sinto pertinho;
De ti tudo eu sei, até por instinto,
Pois, quando estás a meu lado, não minto,
Meu peito ofega! Giro em torvelinho!

E, no vazio infindo desta ausência,
Apenas rogo a Deus que tua essência,
Perdure em mim neste estranho liame!

Penso então: Por que estas dores sentidas?
Quem sabe já vivemos outras vidas,
E, talvez de outras eras eu te ame?
Nelson de Medeiros

AMOR DE UM DIA...

AMOR DE UM DIA...

Hei de rever-te um dia. Nada existe que me iluda...
Escuta: Não percebes Minh! Alma que transmuda
Quando, morrendo, a tarde doura o azul do mar?
Não sentes porventura, no triste murmurar do vento,
A saudade que te envio em pensamento?
Pois ela inda vive em nosso raio de luar!

Não permita que costumes nos mantenham separados ...
Meus lábios anseiam por teus lábios nacarados!
Quero esmagá-los entre beijos e arquejos,
Fundir nossos corpos, parar os universos...
Sentir teus desejos em meus desejos imersos,
Ter-te inteira novamente sem receios e sem pejos!

Quero deitar-me em tua pele aveludada,
Que me calou numa ânsia entrecortada,
E me arrastou nesta paixão de instante!
Não me deixe assim... Espera um pouco...
Não queiras o sofrer deste poeta louco
Que lembra o beijo do fugaz instante!

E não me fales de promessas e pecados,
E nem me digas de destinos pré - marcados...
A paixão permite tudo. Nada reclama!
Volta a praia que nos serviu de abrigo,
Esqueça tudo e vem pecar comigo,
Pois, por teu corpo é que meu corpo clama!
Nelson de Medeiros

ÚLTIMO SONETO

ÚLTIMO SONETO

Partiste! Finalmente o destino me brinda
e me esvazia a taça do sonho da vida...
Aquele sonho que se vive, mas se finda
e a dor atroz do despertar é desmedida...

Partiste! Mas, deixaste para trás, ainda,
pesada herança dentro d'alma recolhida:
-Esta amargura, esta saudade e a dor infinda,
que o coração do bardo, agora, dá guarida...

Não há volta! Nada mais será como dantes,
nunca mais pulsarei com teus seios arfantes,
nem jamais ouvirei tua voz singular!

Mas, por Deus, cala-te! Para aqui poeta louco,
estanca de uma vez este gemido rouco,
e cessa agora para sempre o teu cantar!
Nelson de Medeiros
18/11/2021

ARMADILHA

ARMADILHA
Sem sofrimentos, disse ao coração;
por Musa agora, só a Natureza!
partiste e deixaste em mim esta certeza:
Cantar, mas sem as dores da paixão!

Assim, o céu e o mar cantei, então,
e mantive a chama do amor acesa!
Guardei mi! Alma com a razão coesa
e, exaltei com louvor a Criação!

Mas, teu retorno é ardil que me alarma
pois, teu olhar no meu, naquele instante,
nas malhas da atração, prendeu-me em laços!

Que sina, que fado, que triste carma ...
Retorno a te escrever tal qual amante,
só que agora trazendo os olhos baços!

Nelson de Medeiros

LI O TEU POEMA...

LI O TEU POEMA...

Faz tempo que não lia um verso teu... Saudade!
Estava quase me esquecendo que te amei...
Hoje eu li e vi a enorme cumplicidade
Com as linhas do amor que um dia te jurei!

Quanto lirismo... Revi momentos... Sonhei
E, me perdi nas dobras do tempo!
Faz tempo que não lia um verso teu... Saudade!
Estava quase me esquecendo que te amei...

Sabe, o teu poema me fez pensar na imortalidade,
Já que essa crença ? eu creio- é a suprema lei...
Quem sabe, aqui, nesta escola de dor, estaremos
Apenas cursando um período da eternidade?
Faz tempo que não lia um verso teu... Saudade!

Nelson de Medeiros
23/11/2021

VEREDITO

VEREDITO

Por mais que eu viva e mais aprenda nesta vida,
Por mais que eu sinta e veja aqui tanta maldade,
Mais me arrepio ao constatar que esta verdade,
É vil prazer que muita gente dá guarida!

Por isto eu vivo numa imensa soledade,
Bem afastado desta malta embrutecida!
Mas, penso, às vezes, se é correta tal medida,
E se essa escolha é um defeito ou qualidade...

Haverá, depois da morte, a cobrança do mal?
E o bem que não se fez? Não será um mal igual?
Que Lei nos aguarda no mundo do infinito?

-Não sei... Sei que do bem que fiz algo mereço;
E, muito embora pelo mal não tenha apreço,
Do bem que nunca fiz, aguardo um veredito!

Nelson de Medeiros

EU QUIS TE AMAR SOMENTE...

EU QUIS TE AMAR SOMENTE...

Quis escrever a peça que um dia eu sonhei...
No teatro da vida, porém, as cenas que imaginei,
Só se abriram com as cortinas da utopia!
Minha alma é prenhe de ilusões perdidas,
e meu corpo verga em lágrimas sentidas...
Amar-te apenas, era tudo que eu queria!

Sei que meus versos são povoados,
de tristes rimas no sofrer vincados...
São amarguras de uma dor infinda!
Minha vida é uma pobre sinfonia,
sem paz, sem felicidade, sem alegria...
Mesmo assim, eu quis te amar, ainda!

Nessas noites solitárias, o vento frio gemendo,
eu clamo a falta de teu corpo, de teu calor me aquecendo,
de tua alma a Minh 'alma desejando!
Hoje eu queria te esquecer, deixar de te amar,
Mas, nas estradas da vida, continuo a te esperar...
Sei que vou morrer te amando!

Nelson de Medeiros

UMA CARTA ...

[...]

Você que é a menina dos sonhos, e do meu sonho a mais bela história, precisa ouvir meu sonho da noite passada.

Às vezes eu me pergunto o que serão os sonhos na verdade. Apenas frutos da imaginação, ou todos os pedaços de vidas já vividas? Eu sei que você não crê nas minhas convicções. Não importa, eu creio nas minhas e nas suas também.

Me vi, de repente, numa imensa praça. Sob os auspícios de uma majestosa e alvinitente luz, erguia-se vetusto templo. Sob o cone da velha torre que docemente expunha-se às carícias da noite inebriante, por sobre os rubros tapetes acetinados, o povo se aglomerava.

O templo estava repleto de fieis e as flores, alvas e viçosas, emprestavam sua fragrância e beleza ao ambiente de paz e serenidade.

Por todos os lados, desde o púlpito-mor , ricamente adornado até as colunas, ressonância de vozes em coro, repercutiam na cúpula ? zimbório sublime, retratando um céu constelado e seráfico ? um mimo de arte e bom gosto.

No altar principal, uma figura imponente principiou a dizer: *"- Meus irmãos. Naquele tempo Jesus propôs uma parábola dizendo: O Reino dos Céus é semelhante a um grão de mostarda que o homem tomou e semeou no seu campo..."*

Ao longe, vestida de gaze muito tênue, qual diáfana cigarra, eu vislumbrei a mais linda de todas e a mais triste em todo o templo. Eu a buscava por longo tempo. Eu a encontrara. Mas a multidão, a cada passo que eu dava em sua direção, mais se compactava, mais a afastava de min.

"O grão de mostarda é, na verdade, a menor de todas as sementes. Entretanto, depois de crescida supera em tamanho a maior de todas as hortaliças. Torna-se árvore e as aves do céu vem pousar por sobre os seus galhos..."

A figura imponente continuava a sua pregação a me olhar, qual se dirigisse exclusivamente a mim, em suas palavras...

E eu tentava varar a multidão. Você empurrava o povo numa ânsia louca, no desespero de quem vê esvair-se os últimos instantes, qual náufrago enlouquecido, impotente para se segurar na balsa salvadora que inapelavelmente lhe salvaria a vida.

No desatino de quem se vê impotente ante a força do destino, incomensurável, ergui-me em direção ao palestrante, indagando-lhe tantas coisas.

"Todas essas coisas disse Jesus ao povo, em parábolas, afim de que se cumprisse o que estava anunciado pelo profeta que diz: - Abrirei em parábolas a minha boca, revelarei coisas que tem acontecido e tem estado escondidas desde a criação do mundo..."

Assim me respondeu, no momento exato em que acordei, sentindo ,ainda, o perfume das flores, a doçura do cântico e uma enorme sensação de ausência, de amargura e de saudade...

A noite avança em direção à madrugada. A aurora de um novo dia deve raiar em pouco. Me recolho levando a sua imagem, parte permanente de minha retina. E, antes de dormir, me pergunto intrigado: Quem me há de explicar tão estranho sonho?

Nelson de Medeiros

MEU TEMPO PASSOU...

MEU TEMPO PASSOU...

Meu tempo passou, moça, não regressa!
Entretanto, quanto te esperei na caminhada!
Tanto te esperei, tanto minha amada
Que, hoje, nenhum desejo me apressa!

Por isso a tua chegada, inesperada,
Deixou minha alma assim, opressa!
Meu tempo passou, moça, não regressa!
Entretanto quanto te esperei na caminhada!

Mas, não me queixo, pois o tempo, mestre da vida,
Aos caprichos de amor não dá guarida!
Porém, de longe, te sigo mundo afora...
Sabe? Eu tinha desejos... Esperanças, mas agora
Meu tempo passou, moça, não regressa!
Nelson de Medeiros

AMOR VERDADEIRO

AMOR VERDADEIRO

Conheci muitos amores,
meretrizes e donzelas...
Tive muitos dissabores,
neste mundo de mazelas...

De umas eu tive favores,
A outras eu dei esperanças...
Deixei naquelas, rancores,
e nestas, ternas lembranças...

Hoje, no outono dos anos,
revivendo os desenganos,
só me resta o amor primeiro...

De nenhum sinto saudade,
pois percebo na verdade,
que ficou o verdadeiro!

Nelson de Medeiros

REU CONFESSO

REU CONFESSO

Não posso mais manter este segredo:
Ato passional perfeito e acabado!
Nele, porém, não há nenhum pecado
Pois, delito de amor eu me concedo!

Ilícito de ardor imaculado!
Por isso esta infração não me dá medo,
E se a lei apontar-me com seu dedo,
Eu nunca aceitarei ser condenado!

Quanto a ti, jamais dirão que és culpada,
E se algum dia assim fores julgada,
Eu prometo que assumo o crime inteiro!

Então me tornarei um réu confesso,
E sem defesa, sem qualquer processo,
Para sempre serei teu prisioneiro!
Nelson de Medeiros

CHOVE NA TARDE GRIS...

CHOVE NA TARDE GRIS...

Chove... chuva fina, pegadeira, dolente...
Melancólico, o vate espia da janela!
Observa a paisagem gris, e anela
Encontrar o derradeiro amor tão somente!

Por onde ele andará? Até quando esta espera?
A busca é incessante, continua, fremente...
Chove... Chuva fina, pegadeira, dolente...
Melancólico, o vate espia da janela!

A chuva fina é a eterna confidente
Dos solitários da vida... Desperta sonhos,
Traz pingos de saudades, gotas de lembranças
E inunda o bardo com as águas da esperança!
Chove... Chuva fina, pegadeira, dolente...

Nelson de Medeiros
07/12/2021

UM CONTO DE NATAL

A GAROTA DO BAIRRO

A noite resplandecia num manto estrelado de luzes que agasalhavam a alegria na pequena cidade interiorana. Era véspera de Natal. O As ruas centrais regurgitavam de gente. O povo todo do bairro, onde passei os melhores dias da minha infância e adolescência, saíra cedo para as compras.

Festas de Natal, Ano Novo, Carnaval eram esperadas com ansiedade naquela cidadezinha acolhedora encravada num vale entre cadeias de montanhas. Na verdade, eram esperadas em todas as cidades naquele tempo. Até mesmo nas grandes metrópoles. O comercio ficava aberto enquanto houvesse dinheiro para gastar. Todos iam para o centro da cidade que virava um turbilhão de povaréu em andanças febris de loja em loja.

Entretanto, aquela azáfama nas vias públicas, os cânticos próprios da época que saiam das suntuosas lojas enfeitadas, não me diziam muita coisa. Eu era, sem dúvida, um menino arredio a festas. Preferia o aconchego da minha casa simples que ficava na esquina de um cruzamento num dos bairros mais tranquilos da cidade.

Depois de uma manhã bem aproveitada no campinho de futebol do bairro - na verdade um pedaço de chão batido com raríssimos tufos de grama- mais tarde transformado numa destas praças sem qualquer utilidade prática, almocei.

Dormi e acordei naquele 24 de dezembro por volta das 19,30 hs. Minha rua estava praticamente deserta.

A casa estava vazia. Uma casa imensa com 12 cômodos, entre eles, uma enorme cozinha com um vetusto fogão a lenha e um quintal onde predominavam as parreiras e as mangueiras. Um pomar, na verdade, onde de tudo se colhia um pouco. Enquanto tomava um café de verdade, reforçado por um naco de pão caseiro, observava o quintal desnudado à minha frente e que fora sempre, para mim, um lugar onde meditava sem saber que o fazia...

Tomei um banho e sai. Fui buscar um ar para sair daquele calor estafante que era insuportável. Eu gostava daquele silencio tranquilo vez por outra interrompido pelo canto de alguma cigarra palradeira.

A rua era calçada, em parte, com enormes pedras nem sempre devidamente colocadas, o que lhe emprestava um ar de coisa mais antiga do que realmente era. As árvores plantadas rente as calçadas coloriam de verde escuro a paisagem realçada pela claridade da lua que derramava sua prataria sobre aquele mundinho de felicidade desconhecida. Eu gostava de caminhar por ali, respirando aquele ar noturno, aspirando o perfume que evolava dos jardins que engalanavam as casas. Não havia carros subindo e descendo. Não havia motos. Gostava de filosofar sobre a vida caminhando pela comprida rua. Pensava muito em coisas sequer imagináveis para meus amigos e até mesmo para meus pais. De onde a gente vinha, porque a gente nascia e morria, para onde a gente ia. Coisas assim, do gênero, que naqueles tempos, se contadas, significavam prenúncio de "loucura".

Ia pensando nestas coisas quando passei pela casa da Carmen Lucia. Menina bonita, de olhos castanhos muito vivos, cabelos longos, sedosos, que caiam sobre os ombros e espalhavam-se por suas costas como a proteger aquela pele clara e macia de mãos impuras e atrevidas. Calada, estudiosa, arredia, e extremamente cobiçada pelos garotos do bairro. Poucos se atreveram a chegar perto dela no antigo "footing" que se fazia na praça da cidade nos domingos.

Ela estava sentada na soleira da porta de sua casa, sozinha. Nunca conheci aquela casa por dentro. Conhecia apenas o jardim maravilhosamente bem cuidado, onde as rosas em suas tonalidades variadas davam um aspecto de eterna primavera àquela residência que me soava acolhedora.

É verdade que trocara alguns olhares com ela no colégio. Mas não passara disto e conversávamos apenas de "oi" e uma troca de sorrisos. Eu morava no início da rua e ela no final. Estava com uma saia xadrez, plissada, em azul e vermelho e uma blusa branca com botões azuis que lhe emprestava uma beleza singela, mas deslumbrante. Um encanto de menina...

Passei e disse um tudo bem ou qualquer coisa no gênero, um oi talvez. Sei lá. Devo ter dito o que se dizia na época. Tenho certeza de que não foi um "fala ai mana" ou" E aí? Tudo em cima?". Acho até que foi um boa noite. Ela respondeu com um sorriso e eu continuei na minha caminhada pensativo, olhando o céu estrelado, imaginando como seria a vida dali a quarenta anos. Fui até o final da rua e voltei.

Ela estava no mesmo lugar. Do mesmo jeito e parecia que olhava o céu também. Achei que ela devia pensar muito além do seu tempo. Ia passando quando ela me perguntou num repente, com ar de brincadeira, sem que eu esperasse:- Você não gosta do Papai Noel

Eu sorri e respondi - Dele sim, da festa dele não. Ela riu e disse que também pensava como eu. Começamos a conversar ali mesmo. Sozinhos, o que era coisa rara naqueles tempos. Seus pais haviam saído com seu irmão mais novo, dissera, e ela ficara porque não gostava daquele burburinho do centro da cidade.

Falamos sobre Natal, sobre festas, falamos sobre estudos, sobre futuros. Carreiras que pensávamos seguir. Éramos duas pessoas que mal entravam na adolescência, mas cujos pensamentos e ideais pareciam de adultos.

Conversamos sobre outras coisas. Sobre meninos, sobre meninas, sobre homens e mulheres. Sobre namoro. Não sobre sexo... Ela não suportava aqueles garotos chatos que estavam sempre na cola dela e eu não me incluía neles, porque era demasiadamente tímido para fazer como os outros.

Falou de poesia. Eu adorava poesia. Tínhamos a mesma predileção por Castro Alves, Fagundes Varela, Gonçalves Dias. Ela sabia alguns versos de cor eu sabia outros.

Num repente sob o manto estrelado onde, seguramente, uma Luz havia nele viajado há dois mil anos para iniciar a prática de troca de presentes entre as pessoas que se querem bem, eu recebi o mais lindo presente de Natal de toda a minha vida. O primeiro beijo da menina mais cobiçada do bairro Independência...

Nelson de Medeiros

I N S ÂN I A

INSÂNIA
A alma humana vive insatisfeita,
Não importa se homem ou se mulher!
Se tem uma coisa, outra ela quer,
Pois essa lhe parece mais perfeita!

E, sem saber que a ilusão nos deleita,
Muitas vezes lhe apraz coisa qualquer!
Passa, então, de argentária a esmoler,
Sem perceber que a desgraça a espreita!

Há quem, em sonho louco, em devaneio,
Finge que o tempo parou, que não veio,
E dorme na ilusão da mocidade!

E, num torpor doentio, constante,
Na busca de coisa mais excitante,
Não sente em sua arenga a insanidade!

Nelson de Medeiros
16/12/2021

MÁQUINA DO TEMPO

MÁQUINA DO TEMPO

Não creio que tudo na vida seja predeterminado; não mesmo. Apenas certos acontecimentos que marcam períodos importantes de nossa existência já vieram conosco de onde viemos.

Acredito, sim, em tendências. Nossos atos é que determinam as tendências do nosso destino quando estes acontecimentos ocorrem. É que eles trazem consigo uma gama de insatisfações, de dores, de incompreensões, de amarguras, intolerâncias, frustações etc., que são os carmas descritos pelos budistas e hinduístas.

Tendências são quase pré-escolhas, pré-decisões de nossa consciência, do nosso livre arbítrio. Elas também vêm conosco e afloram, diuturnamente, em nossa mente. São impressões que marcaram, um dia, nossa derrocada moral e se repetem no dia de hoje, como uma prova a desafiar a nossa capacidade de aprendizagem pelo dor já sofrida.

Nosso "destino", então, que é traçado por nós mesmos, pode ser relativamente mudado a partir do momento em que escolhemos, tomamos uma decisão e a colocamos em prática.

A vida pode ser comparada a uma viagem com vias bifurcadas e rodovias vicinais, mas cujo destino é certo e imutável: O progresso moral e intelectual da alma, adquirido através de inúmeros percursos. Cada estrada escolhida e percorrida por nossa vontade apresenta uma tendência mais ou menos inevitável que, realizada, atrasará ou adiantará nossa chegada.

Tudo contribui, nesta escolha, para isto. A maneira que a percorremos, as atitudes que tomamos em relação aos outros neste percurso, e, principalmente os meios que empregamos para atingir o objetivo escolhido.

A vida, queiramos ou não, funciona assim, desde sempre: Somos livres; escolhemos o que queremos, colhemos o que plantamos. Não somos robôs fabricados com programas de vida adredemente traçados. Se assim fosse nenhum mérito teria o bem que praticamos e nem os erros que cometemos e que resultam em prejuízo do próximo ou de nós mesmos, seriam condenáveis. Não vivemos ao léu, como folhas secas ao sabor da brisa.

Nossas leis civis e criminais são, todas, arremedos da Lei pré-existente, imutável. A Lei Natural que nada mais é do que o passado revivido no presente, nos alertando para o futuro que nosso livre arbítrio pode melhorar.

Nossa consciência é a verdadeira e única máquina do tempo que nos transporta pelas dobras do infinito.

Nelson de Medeiros

17/12/2021

A MENINA DE B.H.

A MENINA DE B.H.

Verão... Noite... Tudo se movimenta...
O balneário se apinha de gente
Que anda na orla, irreverente
Na magia que a época ostenta!

Deparo-me com ela frente a frente...
No seu olhar o meu olhar atenta,
E um desejo intenso se sustenta
Na atração de anímica corrente!

Porém, passou num raio a estação...
Ela voltou prá suas Minas Gerais,
E o bardo retornou a sua lida!

Mas, a praia, o mar, as ondas e os corais
Permanecem, testemunhas que são,
D!um ciclo raro e mágico da vida!

Nelson de Medeiros
Marataizes/ ES janeiro/1997

NOVA VERSALHES

NOVA VERSALHES

Desde a muito não me assusta mais a morte,
pois, que acredito noutro mundo, noutra vida;
mas, neste, onde estou, a razão sempre convida
para escutá-la sobre as dores dos "sem sorte"!

Faculdade que me aflora em grande porte,
quando percebo um injustiçado em sua lida,
que, espoliado pela corja desabrida,
vive no reino onde a miséria é seu consorte!

Gente velhaca, alienada, apodrecida,
(nova Corte de Versalhes ensandecida)
que se entrelaça no seu mundo em vis segredos!

Por isso eu volto o pensamento pra Esperança,
(onde meus medos eu coloco em confiança),
pois que a Esperança paira acima desses medos!

Nelson de Medeiros
26/12/2021

O PERFUME

O PERFUME

Ela evolava rara e doce essência ...
De pronto prendeu-me sua fragrância!
Então, numa invencível e estranha ânsia,
ao seu corpo me rendi, sem prudência!

Seu aroma era a marca da constância,
e, sempre que a via, em nossa vivência,
ela enchia de meiga experiência
mi! alma, mal saída da infância!

O passado, porém, no tempo, é bruma
que em sua viagem sem volta, esfuma
nossos momentos mais inebriantes!

Mas, hoje eu pude ver o ontem no ar
ao sentir que a jovem, na orla do mar,
tinha o perfume daqueles instantes!

Nelson de Medeiros
26/12/2021

INSTANTES DA VIDA REAL XXX - O MONSTRO E O MÉDICO

O MONSTRO E O MÉDICO.

Sempre digo que Adamastor era um cara simples, às vezes até simplório; tinha a mania de acreditar nas pessoas, na ciência e até no amor.

Pois bem, vai daí que naquela tarde de sexta-feira, véspera de Natal, Adamastor estava a ler algumas coisas que diziam respeito a profecias e destino da humanidade.

A leitura dava conta de que o célebre astrólogo francês, Nostradamus, havia predito com precisão suíça a subida de Hitler ao poder e o genocídio proporcionado pelo degenerado psicopata alemão e, entre outras, a segunda guerra mundial e a criação da bomba atômica que arrasara as cidades japonesas de Nagasaki e Hiroshima.

Lembrou-se de haver lido, recentemente, que a famosa profetisa da Bulgária, Baba Vanga, havia deixado antes de morrer, em 1996, uma série de previsões para o ano de 2022, entre elas uma nova pandemia que começaria na Sibéria, a devastação total da Ásia e da Austrália, por uma Tsunami, crise hídrica, terremoto nunca visto e, até uma invasão alienígena, através de um asteroide que se chocaria contra o planeta.

Adamastor, chegado a obras de ficção cientifica, as quais, na verdade, tinham se tornado reais através dos tempos, máxime as de Júlio Verne, grande escritor francês conhecido por sua "Da Terra à Lua", Vinte Mil Léguas Submarinas, e Viagem ao Centro da Terra "entre outras, estava meio que absorvido por lembranças daqueles romances, e se propôs a ler novamente aquelas obras.

Foi interrompido em seu passa tempo com a informação de que havia recebido um presente que acabara de chegar por Sedex e se encontrava na portaria do prédio. Era um belíssimo exemplar de "O Médico e o Monstro" do escritor inglês Robert Stevenson. A história conta que o médico, Dr. Jekill, querendo provar sua teoria de que em todas as pessoas existe um lado macabro, maquiavélico e irracional inventou uma fórmula química que possibilitava a aparição dessa personalidade escondida no ser humano.

Como não encontrara nenhum voluntário para sorver o produto acabou por ingeri-lo acreditando que pudesse ter o controle dessa nova personalidade que surgiria. Só que não teve este controle e criou o monstro que nenhuma empatia tinha pela humanidade. A criatura era totalmente desgovernada e sem freios. Na surdina da noite ela saia às ruas de Londres e cometia toda sorte de barbaridades e atrocidades.

Adamastor, então, ficou pensativo a imaginar se isto poderia vir a ocorrer e se o escritor britânico não tivesse, em meados do século XIX, tido uma visão futura do ano de dois mil e vinte e um, como Nostradamus e Baba Vanga.

Assustou-se, de repente. Quase incrédulo, decepcionado e horrorizado viu que tal fato, na verdade, estava ocorrendo em pleno século XXI.

Mas, ocorria o contrário do romance, aqui. Não fora o médico que criara o monstro, mas o monstro criara o médico. Só que, também ao contrário, o monstro, embora nada entendesse de medicina, controlava facilmente o médico que, alienado, pregava, como seu monstro mandava, a

discórdia, a falta de empatia com seu povo que comia ossos para não morrer de fome, e até mesmo com as crianças, as quais, negava os mais comezinhos princípios de saúde. Diziam até que isso era natural, pois todos deveriam morrer um dia. Em suma, para eles a vida humana era "só um detalhe", como já dissera uma maluca psicopata há anos atrás.

Pior que não agiam nas sombras da noite. Agiam abertamente contra tudo e contra todos que não idealizassem a derrocada de seu país. Sua empáfia e arrogância, sua estupidez e desapego com as mais simples regras de educação, de respeito a profissionais, a mulheres principalmente, e a sua fobia para disseminar o ódio contra quem ousasse dizer sua opção, fosse ela política ou sexual em contrário à sua, caracterizam os dois chauvinistas.

Adamastor quase desanimara da vida. Entretanto, em sua simplicidade e credulidade nos homens de bem, aguardaria um novo momento já que acreditava, também, que "não há bem que dure sempre e mal que não se acabe". Sempre depende do ser humano mudar as coisas e mudar a si mesmo.

Nelson de Medeiros

25/12/2021

ENIGMA

ENIGMA

Traz o bardo um segredo imaculado,
Doce amor que o seduz e foi nascido
De um olhar velado, disfarçado,
Como se fora outrora já vivido!

Porém, só nele este amor faz sentido,
Pois, nunca foi, assim, compartilhado!
Então, é fado que será cumprido,
Até o fim do carma já traçado!

Mas, escutando as notas deste canto,
Inspirado no amor que vive nela,
Certamente haverá de se enlevar!

E, sem saber que os versos falam dela,
Perguntará, talvez, cheia de encanto,
-Que musa é esta, e não entenderá!

Nelson de Medeiros
07/01/2021

ANOTAÇÕES

ANOTAÇÕES

Ah! Orgulho e Ciúme. Dupla que produz as maiores catástrofes na alma humana! O orgulhoso se acha tão superior, tão acima dos outros que se torna tirano e humilha.

É simplesmente por orgulho ferido que não aceitamos estar em condições inferiores aos outros, e, por ele nos submetemos a ações indignas, buscando sempre aquilo que não podemos ter a qualquer custo. O poder, a conquista dele, títulos que não merecemos e bens materiais aos quais não fazemos jus. O orgulhoso, embora inconscientemente e sem mesmo o querer sente-se maior do que Deus.

Assim, de vida em vida, ele, renitente, vai infringindo a Lei Maior de amor e justiça comprometendo indefinidamente sua escalada para o norte e para o alto em busca da Luz e da Eternidade.

O ciúme, a seu turno é impulso egoístico, beira a irracionalidade às vezes. O ciumento pretende sempre ter a posse daquilo que ele entende ser somente seu, seja bem material ou não. Na convivência a dois, o ciúme nada tem a ver com amor, pois que o indivíduo com tal sentimento é inseguro, torna-se desumano, e, se lhe passa pela mente que vão lhe tirar aquilo ou quem ele ama, perde a noção da realidade e volta às suas origens pré-históricas por um momento.

Nelson de Medeiros

Cachoeiro de Itapemirim, ES, 08/01/2021

AMOR E PAIXÃO

AMOR E PAIXÃO

A paixão é tolice passageira
Que muito cedo na mente fenece!
O amor vulgar, também, logo esvanece
Pois, são como a tempestade ligeira!

Tudo se perde no tempo, se esquece,
Pois querença assim não é verdadeira!
Assim pensou o bardo a vida inteira
Como fato que anima e fortalece!

Porém a alma humana é inconstante,
É volúvel, transmuda a cada instante
Se o mote é amor ou se é paixão!

Por isso a tristeza do destino ingrato,
Pois não lhe sai do pensamento, é fato,
Aquela que cedo lhe disse não!

Nelson de Medeiros

AMANTE ETÉREA

AMANTE ETÉREA

Não! Jamais me digas que fujo deste amor,
pois que este imenso e majestoso sentimento,
é furacão que tudo arrasta num momento
mas, depois é brisa que acalma o trovador!

Não! Não me fales de tristezas e de dor,
pois que a alegria é dom de Deus, é fragmento
de Luz que clareia a escuridão dum tormento
qual primavera num jardim, turvo, sem cor!

Não! Não me digas que são frios os meus versos,
pois que de amor é que eles são mesmo dispersos
em saudades que eu já nem sei donde elas vêm!

De ti, talvez, ó Musa etérea, amada amante,
alma fagueira, inconsistente, eterna errante,
doirado sonho que da vida vai além!

Nelson de Medeiros
Cachoeiro de Itapemirim, ES, 15/12/1990

EU TE AGRADEÇO

EU TE AGRADEÇO

Eu te agradeço, moça, eu te agradeço...
Sim...Eu te agradeço por ter deixado
Conhecê-la, e, de um modo, ter te amado;
Amor que - com certeza- eu não mereço...

Não tenho comigo, mais, o endereço...
Teu correio moderno está calado
E não responde nunca meu chamado;
Não pude agradecer o teu apreço...

Faço-o, hoje: O presente recebido
Transcende, vira o tempo pelo avesso;
Réplica do ontem revivido agora!

Bem me diz este dom imerecido
Que inato eu trago no meu peito opresso:
-A vida se repete a cada hora!

Nelson de Medeiros

AQUELE OLHAR...

AQUELE OLHAR...

Eu queria compor, em verso, uma elegia
Para exaltar aquele olhar que existe nela!
E da tristeza que eu senti não falaria,
Destoando de Abreu, Azevedo e Varela!

De Tomás, as liras de amor e de magia
Eu clonaria tudo que Minh! Alma anela!
Seria uma canção de amor e harmonia,
Sem a tristeza que eu senti nos olhos dela!

Mas, me saiu este soneto neste instante,
Ao me lembrar daquele olhar tão penetrante
Que um dia eu vi e me levou pensar até,

Que tal olhar fora esculpido em outra era,
Por um artista, morador de outra esfera,
De tão profundo e sensual que ele é!

Nelson de Medeiros

OS LÁBIOS DELA...

OS LÁBIOS DELA

Num diário da minha juventude,
Já roto, pelo tempo esmaecido,
Encontrei a foto dela e não pude
Conter emoções dum tempo vivido!

Na face, de extrema mansuetude,
Seus lábios tinham cheiro da libido!
Certamente entalhados por cupido,
Transcendiam desejo em plenitude!

Vi coisas antigas, velhos escritos,
Aquele amor que se foi sem razão,
E até conselhos que foram preditos!

E assim, mergulhado em meus alfarrábios
Recordei o passado, quando então,
De paixão me perdi naqueles lábios!
Nelson de Medeiros

17/01/2022

DIZES TU...

DIZES TU...

Meus poemas, dizes com sentimento:
-São anjos a velar-te a solidão!
Nas noites frias, trevosas, então,
São luzes na tu! alma em desalento!

Que cada estrofe de minha canção
Embala-te na dor de teu tormento!
Que eu tenho tudo, da dor sou isento,
E todo amor eu possuo na mão!

Ledo engano o teu! Pura fantasia
Que a tua mente,em febre, contagia
Teu sentido num sonho sedutor!

Por isso eu te digo: não tenho nada,
Pois, que me falta nesta caminhada,
A ventura de ter um grande amor!

Nelson de Medeiros
Cachoeiro de Itapemirim, 18/01/2022

ESQUECER É PRECISO

ESQUECER É PRECISO...

Vi tudo outra vez... Ela na sacada,
A praia, a tarde chegando devagar
A tenda branca na areia fincada
E, as ondas vindo e voltando para o mar!

O amor, pensei, é como a marulhada
Em seu mister de vir e ir sem parar,
Pois, como a onda na areia molhada,
Ele deixa, também, seu rastro no ar!

Por isso minha terra está deserta,
Meu mar azul estertora e eu retomo
Ao meu céu escuro, sem sequer uma estrela!

Eu queria esta paixão encoberta...
Não a ter em meu pensamento... Mas como
Se jamais eu me lembro de esquecê-la?

Nelson de Medeiros

SER POETA

SER POETA

Me perguntas o que é ser poeta...
Ser poeta é ser, nesta vida, um perfeito esteta
do amor - a mais singular das artes-.
Ser poeta é viver num mundo real de fantasia,
onde, num instante mágico, a alma se extasia
em nuanças sutis de mil contrastes.

Ser poeta é ter a ventura de ver além do véu...
É sentir, dentro d'alma, o que existe entre a terra e o céu
e poder expressar, em poucas linhas, uma estranha saudade...
Ser poeta é viajar no tempo, sempre rumo norte,
transpor, emocionado, o limiar da morte
e voltar sentindo Deus e a eternidade!

Ser poeta é sentir da rosa murcha o perfume,
é ver beleza e claridade no negrume
de uma noite em tempestade...
Ser poeta é transformar amargura em fortaleza,
é pintar um mundo de certeza
numa tela colorida de saudade...

Ah! Quem me dera poder poetizar!
Dizer na terra, no céu e no mar,
de um amor sem par neste mundo!
Ah! Quem me dera poder poetizar!
dizer deste mundo, distante a brilhar,
onde mora este amor tão profundo!
Nelson de Medeiros

AMANTE

AMANTE

Os seus olhos são graciosos, radiantes...
Duas pérolas! Raríssimos diamantes
Incrustados no seu rosto singular!
Seus cabelos, em bailado estonteante,
Ao salvo vento num vai vem constante,
São como as vagas vindo à praia e indo ao mar!

A sua voz é melodia aveludada,
Que me soa em sonata inusitada
E me carrega para o céu sem dimensão!
A maciez de sua boca acetinada,
Ainda trago em minha boca, aconchegada,
Como trago dentro d!alma a inspiração!

O seu perfume que em meu corpo inda exala,
Embriagando meu sentido é que me fala
Da paixão imorredoura que nasceu!
Amo seu corpo e sua alma sem igual
Que descida do céu, em redoma de cristal,
Foi o sol que em minha vida se acendeu!

Nelson de Medeiros

NUMA FESTA DE SÃO JOÃO

NUMA FESTA DE SÃO JOÃO

Era São João... O luar passeava
Na ruazinha apinhada de gente!
Uma noite por ano, tão somente,
E por isso a rua inteira dançava!

Uma figura, porém, se esgueirava
De encontro ao vate que, ansiosamente,
A esperava... E o longo beijo, fremente,
Um grande amor, então, profetizava!

Um instante de luz... Lance sem par,
Lembrança que mesmo agora eu desfruto,
Pois que ela embala o outono da idade!

Mas, até hoje eu não sei me explicar
Como este amor que nasceu num minuto,
Morre em dor que já beira a eternidade!

Nelson de Medeiros
14/02/2022

AMOR GLOBALIZADO

AMOR GLOBALIZADO

Paro... Vejo o mundo globalizado...
E, quando nele às vezes circundo,
Vendo toda esta invasão, me confundo,
Fico inseguro e até mesmo assustado!

De qualquer lugarejo ao fim do mundo,
Qualquer noticia ou assunto focado,
Quase sempre de modo exagerado,
Chega até nós apenas num segundo!

Assim foi com este amor que acalento,
E que vivia comigo em degredo...
Porém, não é por isso que eu reclamo...

O que me entristece e faz meu tormento,
É que todos sabem deste segredo,
Só você não percebe que eu te amo!

Nelson de Medeiros

P E N S A M E N T O S...

Sobre a Felicidade.

A busca da felicidade no amor é uma aventura ao desconhecido. Para este tour necessitamos de, pelo menos, um guia: Nosso caráter.

O homem sempre buscou a felicidade através dos milênios, mas nunca fez nada para merecê-la.

Sobre a Palavra.

A tempestade da palavra derruba tudo e gera um deserto na alma. Entretanto, seu rio é manso e garante o bosque florido do bem.

Sobre a Vida.

Não há quem, em sã consciência, ante a tragédia que assola a humanidade, que não se indague Quem somos? Donde viemos? Para onde vamos? Voltaremos?

Nossas tendências são frutos de conhecimentos e hábitos que trazemos arraigados desde milênios em nosso eu inconsistente.

Sobre a Mentira

A MENTIRA é problema mental. A FALÁCIA é pior, pois que é mentira enrustida, disfarçada da verdade. O mentiroso é doente. O falacioso é mau caráter.

A mentira fabricada enseja descrédito geral e deixa os mentirosos sem qualquer sistema de freios e, portanto, sem limites.

Uma decisão importante deve ser simples que é o contrário de complicado; mas não pode ser simplista e fugir dos aspectos fundamentais da verdade.

Sobre o Brasil.

Os anticristos existem e são muitos, mas certamente um reside e governa o Brasil.

Louco é aquele que acredita em tudo, insano é o que nega tudo...

Sobre o Mundo.

O mundo necessita e deve ser reformado; entretanto o mundo individual de cada indivíduo deve ser sempre respeitado.

A reforma do mundo é necessária; entretanto não pode ser feita em cima dos pilares da injustiça e do descontrole.

Sobre a Justiça.

O Juiz sabe que não é Deus, e, nem pensa que é; entretanto, não raras vezes, tem o poder de um, pois em única frase pode transformar a vida de uma família inteira. Por isso deve exemplificar a imparcialidade e o discernimento em largas reflexões sob pena de lesar a própria consciência e ver sua própria família transformada.

Nelson de Medeiros

VÃ PROCURA

VÃ PROCURA

Diz-me tu que buscando o teu amor
Singraste mares, rios e oceanos!
Varaste terras por meses e anos
Na procura fremente e sem pudor!

Que olhando os céus, embora com fervor,
Rogaste favores quase profanos!
Ouviste magos, desvendaste arcanos
Porém, sem nunca tê-lo a seu dispor!

Digo-te: Siga em frente rumo norte,
Pois, que o verdadeiro amor não é sorte,
Antes, é benção que já conheci!

Um dia, quando o achares, finalmente,
Descobrirás que achaste, tão somente,
O vate que sempre esperou por ti!

Nelson de Medeiros
29/03/2022

REENCONTRO

REENCONTRO

I

E já me acerco das antigas Minas Gerais...
E qual andante desterrado que retorna
ao lar amado indevassável entre cristais,
meu peito exulta e de saudades se transtorna...

II

Qual viandante pelo tempo caminhando,
pelas estradas da lembrança percorrendo,
fui de repente noutra era me adentrando,
e a realidade foi então se esvanecendo!

III

E fui levado de roldão, em frenesi,
qual meteoro no espaço deslocado,
e qual demente que confuso chora e ri,
vi o passado no presente intercalado!

IV

Potente força me envolveu o pensamento,
me arremessando de repente noutra esfera,
e tive, então, o singular pressentimento,
de que voltava novamente a outra era!

V

Mas que estranha força me arrasta,

que imperiosa do mundo me afasta
em singular preocupação?
que haverá nesta igreja impressa,
que deixa em Minh! Alma opressa,
essa louca sensação?

VI

Não foi bem neste ambiente,
que contrito, em prece ardente,
um dia implorei perdão?
Não sinto acaso no peito
lembrança de um sonho desfeito,
que fustiga o coração?

VII

E toda esta obra doirada,
na fria madeira entalhada,
não brilhou em minha mão?
Terei porventura sonhado?
Ou quem sabe trago arraigado,
no meu peito esta impressão?

VIII

Mas quem vejo nas imagens,
que flutuam qual miragens
povoando o pensamento?
Que poder maior me obriga,
a lembrar de tanta intriga
que me causa sofrimento?

IX

E estes túmulos! De quem serão?

Quais segredos abrigam na solidão
deste silêncio profundo e mágico?
Onde estás que não respondes?
Me diz, por Deus, a verdade que escondes,
neste ambiente tétrico e nostálgico...

X

Oh! Por quem és,
arranca de vez este revés
que sofro em turbilhão!
descerra o véu que tolda minha mente,
deixai-me sentir toda a dor que de repente,
vem sangrar meu coração!

XI

E que autos serão estes? Por Deus!
Acaso não os tenho por meus?
Sim... Eu bem os conheço...
E esta singular emoção?
Nada mais que chagas no coração...
Eu as conheço! Por que as conheço?

XII

Mas quem fui afinal? Quem sou na verdade?
Que segredo encerra esta saudade,.
que dentro da alma eu travo?
Terei sido um potentado?
Um nobre senhor respeitado?
Ou, quem sabe, um vil escravo!

XIII

Já terei, porventura, vivido,

num tempo atrás, esquecido,
e que teima em regressar?
Não teria nesta terra,
onde a saudade me aterra,
já posto meu pranto a rolar?

XIV

Mas que tétrica visão!
Que fantásticas figuras! Quem serão?
Oh! Deus! Serão fantasmas?
Sim! São os espectros da dor,
que da morte trazendo o palor,
exalam fétidos miasmas!

XV

Mas há outros! Que oram! Sorriem! Quem serão?
A quem resguardam em prece de mansidão,
e que toca minha! Alma opressa?
Quem dorme o sono dos justos,
guardado em troncos vetustos,
por quatro Leões de Essa?

XVI

Porventura não os conheço bem?
Ah! Por quem sois, detém
esta força incomensurável
que me obriga a relembrar
as coisas que quero apagar
desta terra memorável!

XVII

Ah! Terra amada! Amada terra!

Eu não desvendo o segredo que encerra
tanta dor, tanta saudade!
Ah! Virgem Santa! Virgem Santa do Pilar,
Eis-me aqui, tal como outrora, novamente a te implorar:
-Perdão Senhora, ao mais vil da Irmandade!

Nelson de Medeiros

O QUE NÃO SABES

O QUE NÃO SABES...

Desde há muito não vejo a luz solar!
As tardes são gris, frias e sem vida...
Parece que o mundo até me convida
A sentir da morte o nefando olhar!

Não encontro qualquer rumo ou saída...
Porém, a minha lembrança de amar,
Que esmaecida pairava no ar,
Volveu... Só que agora enobrecida!

Por isso, embora a minha vivência,
Sinto estranhamente a tua ausência,
Pois nela eu vejo tudo que não vistes!

Mas, como só nos poemas te vejo,
O que me resta é te mandar um beijo
Nas estrofes dos meus versos tristes!

A POLONESA

A POLONESA
No limiar da minha juventude,
Inda trazendo restos da infância,
Do piano da jovem em plenitude
Escutei uma trilha d! outra instancia!
Revivido em sonâncias de virtude,
Chopin resplandecia em substância!
Então, pela primeira vez, eu pude
Aspirar da "Polonaise", a fragrância!
Curvei o tempo e sentindo somente
A eterna inspiração daquele artista,
Quase vi sua musa polonesa!
A cena marcou tanto a minha mente,
Que até cri fosse aquela pianista,
Minha musa d! outrora, com certeza!

Nelson de Medeiros
30/01/2023

ONDE ESTIVERES

ONDE ESTIVERES

No horizonte o trovão no céu bramia...
O arvoredo se envergava a ventania
Tal como o bardo se vergava à solidão!
O mar revolto em tristeza se espraiava,
E a saudade- da paixão fiel escrava -
No peito ardia destroçando o coração!

E entre a dor, entre a saudade e a lembrança,
A Minh! Alma se transmuda em esperança
De que me ouças neste azul sem dimensão!
Vem, trespassa as longas ondas da distância,
Sintoniza teu amor em minha ânsia
Na frequência sem par desta emoção!

Ah! Musa eterna, compadeça dos meus ais!
Ouve agora meus gemidos tão reais
Que d! alma saem em prece de socorro!
Ah! Tu não vens não me mostras teus encantos,
E de dores, de amarguras entre prantos,
Eu desfaleço, e de saudades quase morro!

Mas, se não te sinto mais alma corpórea,
E tua face se estampa em cor marmórea,
Inda me resta o saber da eternidade!
Na mente eu te percebo lado a lado,
E por isso é que assim alucinado,
Sonho ainda com a imortal felicidade!

Escuta, pois, doce musa, meus clamores!
O perfume que invejava a tantas flores
Não mais exala do teu corpo nacarino!

Ah! Por teus lábios e teus beijos inda eu gemo!
E em pensamentos à deriva chego ao extremo
De te buscar na imensidão em desatino!

Ao bardo já não basta à lira triste,
Que se repete nesta estrofe que persiste:
Onde habitas neste céu ó minha estrela!
Quero achá-la no infinito que ignoro
Para dizer que é a ti que eu tanto adoro
E dar a vida num minuto para vê-la!

Volta de onde estiveres. Sê clemente!
Vem sentir este amor que inda é presente,
E que Minh! Alma em desesperos entrelaça!
Volta outra vez ao flamboyant amigo,
Vem deitar à sua sombra o amor antigo
E me dizer o que sem ti, queres que eu faça!

Nelson De Medeiros

DE UM DIÁRIO...

Depois dos cinco anos de idade aprendemos a ler nas linhas da escrita,
e descobrimos as belezas do pensamento humano.
Depois dos sessenta, aprendemos a ler nas entrelinhas de suas atitudes,
e descobrimos as feiuras de seus pensamentos.

Nelson de Medeiros

A MENINA DE B.H.

Verão... Noite... Tudo se movimenta...
O balneário se apinha de gente
Que anda na orla, irreverente
Na magia que a época ostenta!

Deparo-me com ela frente a frente...
No seu olhar o meu olhar atenta,
E um desejo intenso se sustenta
Na atração de anímica corrente!

Porém, passou num raio a estação...
Ela voltou prá suas Minas Gerais,
E o bardo retornou a sua lida!

Mas, a praia, o mar, as ondas e os corais
Permanecem, testemunhas que são,
D!um ciclo raro e mágico da vida!

Nelson de Medeiros

ALMA DE GRANITO

ALMA DE GRANITO

Quando me dizes que és pura, que és leal,
Que tu! alma é mais leve que uma pluma,
Que ela é suave e sem vileza alguma,
Finjo crer que a tua verdade é real!

É que a ilusão é uma flor que perfuma,
E, no jardim da paixão, é surreal!
Desabrocha como mentira ideal
E, sua fragrância nunca se esfuma!

Quando ela chega, e na alma se instala,
Tudo é possível... Um amor insano,
Um amor bandido, um amor proscrito!

Mas, como mais vale um feliz engano
Do que a verdade que só dor exala,
Finjo não ver tu! alma de granito!

Nelson de Medeiros

POEMA MODERNO

POEMA MODERNO

Dizem que meus versos são doutra idade,
Que vêm da escola da melancolia!
Versos livres, pro Vate, é utopia,
Um dom que lhe negou a Divindade!

E dom não se fabrica, nem se cria...
Inventá-lo é pura temeridade!
Não se desafia Apolo, a deidade
De todas as formas de poesia!

Fazê-los brancos, e belos, e ternos,
Livres, com timbre sonoro perfeito,
É uma tarefa que ao poeta assusta!

Mas, porque escrever versos modernos,
Se o sentimento que eu trago no peito
É amor arcaico, é paixão vetusta!

Nelson de Medeiros

REFÉM DUM SONHO

REFÉM DUM SONHO

Me disseram que existe uma terra distante,
Onde só vige a lei do amor e da justiça!
Já me disseram, também, que a história é postiça,
Que tudo é um conto, ficção confortante!

Mas, eu sei, desde sempre, e sei neste instante,
Qual corrente é mais verdadeira, mais inteiriça!
Por certo a que repele a maldade, a injustiça,
O desamor, o ódio, a conduta aviltante!

Nos momentos irracionais da humanidade,
Que às vezes mata, morre e ama sem tato,
Penso que o lugar deve existir muito além!

Então, como sou da lei, do amor e da igualdade,
Sonho sempre com sua existência de fato,
E, sem opção, dele eu me quedo refém!

Nelson de Medeiros

SONETO A UMA POETISA

SONETO A UMA POETISA

Poemas... Poemas...Quantos poemas
Eu fiz! Quantas insones madrugadas...
Quantas liras de amor endereçadas
A ti, eterno núcleo dos meus temas-!

Ainda as guardo, pois foram emanadas
Do meu anjo de inspirações supremas!
São liras sem quaisquer estratagemas,
Quimeras que me foram outorgadas!

Mil odes, cantos, trovas e sonetos
Erguidos para a Musa conclamada
E, sem solução de continuidade!

Projeto duma ideia fracassada...
Na planta do amor, restaram esqueletos
De meus versos quebrados de saudade!

Nelson de Medeiros
Cachoeiro de Itapemirim, 27/02/2023

DIGITAIS D! UMA ALMA

DIGITAIS D! UMA ALMA

De pronto me curvei aos versos dela. Depois, prendeu-me aquele olhar esverdeado, prenhe de tristeza. A pele, alva como como neve, dava um contraste exuberante aos cabelos negros que rolavam por seus ombros. Mais tarde a voz, macia e pequena, que acompanhava seu corpo, quase de criança, envolveu-me. Como era possível tamanha sensibilidade abrigar tamanha solidão, muito embora a multidão que a cercava? Nunca entendia. Mais tarde, porém, tudo se encaixou, pois que todo sofrimento tem suas origens em passados remotos. Então, pude entende-la e amá-la como amei de um jeito todo especial.

Nelson de Medeiros

OUTRAS GENTES

OUTRAS GENTES...

Todo poeta é um sonhador admirável!
Viaja no tempo, e através de sua mente,
Sonda as estrelas... Pressente o futuro, e sente
O limiar de um mundo novo, mais estável!

Vê a humanidade mais séria, confiável,
Que acredita na igualdade e no amor, somente!
Um mundo sem ódio, sem guerras, coerente
Na igual atenção ao ditoso e ao miserável!

Nele, o homem é voltado para a caridade,
Para a harmonia, para a justiça e a bondade
Que são, no ser humano, virtudes latentes!

Reza, então, o vate... Que isso se torne real...
Que um dia, toda alma humana se canse do mal,
E a fraternidade alcance todas as gentes!
Nelson de Medeiros

ALMA TATUADA

ALMA TATUADA

No auge da descrença desta louca vida,
Sucumbe o bardo a tenebroso desalento!
Às vezes, em torpor, ouve a fala do vento
A lhe dizer que a dor de amor é repetida!

Mas, será que a existência é sempre revivida?
Partimos pro céu e voltamos pro tormento?
Pensativo ele, então, se indaga num momento,
Se tal crença é fantasia ou lei que elucida!

Não sabe o bardo qual corrente é verdadeira,
Sabe, entretanto, que tem como companheira
Essa amargura que parece eternizada!

Mas, que lhe importa donde vem o desengano,
Se o sofrimento, que em seu peito é quase insano,
É dor antiga dentro d! alma tatuada!

Nelson de Medeiros

MUITO OBRIGADO

Quando você escuta um *"muito obrigado"* sincero, reconhecido, vindo do escaninho mais fundo da alma, saiba que você não recebeu um agradecimento, mas uma profunda oração em seu favor.

DIALOGOS

[..]

ESCUTA

.

DESAPONTAMENTO E DECEPÇÃO

,

FÉ E RAZÃO

.

PERFUME DA ILUSÃO

PERFUME DA ILUSÃO

Adentro-me agora na velha Matriz
Onde fiz meu primeiro juramento;
Os nichos e as imagens no momento
Reabrem-me n!alma velha cicatriz!

Então, todo antigo trajeto eu refiz...
Da manhã à noite do sacramento;
Pensava, então, que o nobre sentimento
Fosse prá todo o sempre a força motriz!

Ledo engano, o tempo, senhor da vida,
Recolhe a melhor quimera escondida
Dentro do cofre de um coração!

Pouco restou... Nem odor de saudade...
Pois, do amor que pensava eternidade,
Só o perfume de sua ilusão!

Nelson de Medeiros

ALENTO

ALENTO

O poeta não conjuga o verbo amar
No pretérito passado... Somente
O faz no indicativo do presente,
Único tempo deste amor sem par!

Sempre roubaste a prata do luar,
Pois desde todo o sempre em minha mente
A tua imagem tem constantemente
Todas as nuanças de um céu estelar!

Quem és eu sei. Vou dizer-te quem sou eu:
Vês ao longe o horizonte do universo?
Vá lá com sua alma alforriada!

Verás a do poeta escravizada
Ao desejo de apenas ter um verso
Na poesia d! um ardente beijo teu!

PECADO ANTIGO

Num instante... Num relance de vida
Ela surgiu-me na tarde dolente...
Louca empatia tomou minha mente,
E a vi como velha conhecida...

Que estranha sensação a minha frente!
A visão dos meus versos refletida
Estava ali real e definida,
Como se nunca houvera sido ausente!

Então, pensei que fora agraciado,
-Por clemência e benesse do meu fado-
Com todas as delicias do cupido!

Mas, cedo toda a verdade eu lobrigo
Ao ver que, talvez por pecado antigo,
Este amor já nascera proibido!
Nelson de Medeiros

PENSAMENTO

Às vezes me dirijo a Divindade e quase até blasfemo ao perguntar-Lhe porque me permitiu vê-la sempre a meu lado, e jamais estar com ela.

ILUSÕES DE CADA DIA

Me chamaram de poeta...
Acho até uma heresia,
Pois, só canto minhas mágoas,
Na ilusão de cada dia!

ALQUIMIA

ALQUIMIA

Recluso, avisto o vale verdejante...
A sombra do arvoredo se contrasta
Com a lucerna do sol que se afasta;
A paisagem é condão deslumbrante...

Indago num relance, num instante,
Se a vida me foi justa ou foi madrasta,
Pois que a amargura o coração vergasta;
Encontro-me só, a angústia é constante...

Mas, a resposta minha!alma trespassa:
O destino que todo o rumo traça,
É só fruto daquilo que eu irrigo!

Descubro, então, que tenho companhia
Pois, fruto de minha própria alquimia,
Enorme solidão mora comigo!

A FELICIDADE É SIMPLES

A FELICIDADE É SIMPLES

- Nesta vida onde estaria a felicidade?
O trovador se perguntava apoquentado;
Num cofre intransponível d! ouro abarrotado,
-Salvo-conduto pra usura e a insanidade-?

Ou na ventura do poder ilimitado
-Passaporte pra tirania e a iniquidade-?
Talvez no abandono da torpe humanidade,
Fugindo da malta, escrava do excomungado?

Disse-lhe, porém, em resposta, o coração:
-Para que o fel da soledade que enlouquece,
Não te encontre nas malhas da desilusão,

ajuda sempre que puderes toda gente,
Pois, felicidade não tá no que perece,
Mas, na ventura de ser útil simplesmente!

CI/ES ? 25/09/2023

PAIXÃO PRIMÁRIA

Dos escombros da vida visionária,
Onde não existem dores nem medos,
Restaram tão somente os arremedos,
Daquela afinidade involuntária!

Uma empatia extraordinária,
Que chegou embutida em mil segredos!
E, mergulhado, então, em seus enredos,
O vate sentiu a paixão primária!

Mas, um flagelo mudou seu destino...
Os entraves chegaram exacerbados
E se perdeu a alma em desatino!

Chegaram como lavas de vulcão...
E dos seus sonhos hoje incinerados,
Só as cinzas ficaram em sua mão!

Nelson de Medeiros

SONETO DO AMOR PLATÔNICO

SONETO DO AMOR PLATÔNICO

Após longo tempo volta-me a inspiração,
Pois que revi o teu retrato novamente...
Não que ele estivesse apagado em minha mente,
Estava apenas guardado sem qualquer razão!

Estás linda, elegante, prenhe de atração,
Desejei abraçar-te, beijar-te somente...
Amar-te por um instante, literalmente,
Seria um prêmio no final da solidão!

Ah! Quisera ser mago, bruxo ou alquimista,
Retornar no tempo, retroceder a idade,
E viver a ilusão de não ser realista!

Mas, tudo não passa de fina fantasia!
Jamais a terei... Então resta a realidade
De somente viver do sonho que extasia!

Nelson de Medeiros

MUSA PERDIDA

MUSA PERDIDA

Lembrei de ti neste dia especial...
Revi, em pensamento a Lu antiga,
Aquela doce Lu, meiga, amiga,
Amorosa, e acima de tudo leal!

Que é de ti? A incerteza fustiga
O coração do bardo! Porventura o mal
Que te rondava tresmudou-se em real
Agrura e agora tu! alma castiga?

Onde estiveres, lembra o trovador
Que se abeirou de ti, vindo do mundo
Do amor, onde reside a poesia!

Sem ti, só versos de dor eu fecundo,
Pois, que não faço mais versos de amor
Sem a Musa que em minha! alma vivia!

ÚLTIMA PEÇA

ÚLTIMA PEÇA.

Silencio... Sem aplausos na última cena
De nossa peça apresentada nesta vida!
Que jamais tu te lamentes, alma querida:
Não chores, não culpes nada, nem sintas pena!

O bardo cessa novamente a cantilena,
Buril que lapidava a dura e árdua lida
Em lira de amor somente exibida
No anfiteatro amargo desse palco arena!

Cantos de dor, paixões, estrofes dum passado;
Historias sem glórias num corpo amargurado,
Mas que a alma envaidecida teima em recitar!

Poeta insano que ri, mas de dor padece...
Que manda ao Céu , serena e reverente prece,
E, ao mesmo tempo, chora e grita a blasfemar!
Nelson de Medeiros

MÁGICO MOMENTO.

No ápice de sensações, numa entrega ardorosa e total,
Calou-se o bardo, duvidava... Não sabia se era real
Aquela silhueta que, linda e elegante, pairava a sua frente!
O mundo, pensava, havia-lhe sido por demais cruel,
E não cria que o amor pudesse ter aberto seu céu
Assim, inacreditavelmente e tão de repente!

Então, sem dar crédito à sua própria intuição,
Seguiu seu caminho sem qualquer tentativa ou ação
Levando consigo um sentimento sinistro, trágico!
Quis voltar depois... Tirar da alma tal contenda,
E em desespero atroz quis achar a perdida senda,
Mas, perdera-se no tempo o momento mágico!

Nelson de Medeiros

TEUS VERSOS

TEUS VERSOS

A tarde morre e triste a noite se avizinha...
De novo estou só e na Minh 'alma se aninha
A saudade imensa de teu rosto lindo, de teu corpo esguio...
Busco escrever o que pediste;
Tento fugir do estilo pessimista e triste,
Mas meu peito só reflete d'alma intenso frio!

Olho o relógio que avança caprichosamente,
Insensível, em compasso lento, cadenciadamente
A consumir, impiedoso, os sonhos da vida...
E meu pensamento retorna ao momento,
Em que o destino me colheu em tormento
A te olhar como velha conhecida!

Quiseste sempre ter meus versos. São teus...
Pois se deles és a Musa, como dizer que são meus?
Em todos, porém, te digo: -Ficou meu coração...
Certamente tu dirás: -Que lindos! Quanta magia,
Sem saber que entre tanta poesia,
És a única que eu queria ter na mão!

Nelson de Medeiros

SONETO DA SAUDADE INFINDA

SONETO DA SAUDADE INFINDA

Contemplo o mar: a cúpula azul- prateada
Reflete sobre mim sua luz infinita;
O coração, em lasso vai e vem, palpita
Tal qual as vagas vão e vêm na marulhada!

Perdido na vasta imensidão estrelada
Pergunto-me: Haverá no céu que me fita
Alguma coisa além da beleza que o habita?
Algo mais que esclareça a árdua caminhada?

Se nada mais existe que não for matéria,
A deslumbrar a vista em paisagem etérea,
Que mistério é este que a razão trespassa?

Onde nasce esta luz que me resplende agora?
De onde vem esta canção que do mar aflora,
E que saudade é esta que a minha alma enlaça?

Nelson de Medeiros

O PERFUME

O PERFUME

Ela evolava rara e doce essência ...
De pronto prendeu-me sua fragrância!
Então, numa invencível e estranha ânsia,
ao seu corpo me rendi, sem prudência!

Seu aroma era a marca da constância,
e, sempre que a via, em nossa vivência,
ela enchia de meiga experiência
mi! alma, mal saída da infância!

O passado, porém, no tempo, é bruma
que em sua viagem sem volta, esfuma
nossos momentos mais inebriantes!

Mas, hoje eu pude ver o ontem no ar
ao sentir que a jovem, na orla do mar,
trazia o perfume daqueles instantes!

Nelson de Medeiros

MAIS QUE UM SONHO

MAIS QUE UM SONHO

Já disse alguém que os sonhos são reais...
Até ontem não cria nisto então!
É que sempre primei pela razão,
E à ficção não dei azo jamais!

Mas, quando a vi perdi-me na emoção!
Doce imagem... Contornos liriais!
Envolta em aura fina de corais,
Ela tocou-me os lábios com a mão!

Porém, o tempo segue à revelia
Da realidade ou da fantasia...
E chegou a manhã em pressa louca!

Esvaiu-me da mente aquele rosto!
Foi-se o sonho, porém ficou-me o gosto
Do beijo que ela pôs em minha boca!
Nelson de Medeiros

SEXTA FEIRA SANTA

SEXTA FEIRA SANTA.

Era deveras santa a sexta feira
Da minha inesquecível adolescência...
Era prenhe de respeito e prudência
Aquela idade, em tudo, verdadeira!

Um som elevado era impertinência,
Não era permitido brincadeira,
Embora minha alma ainda brejeira,
Nada visse de maldade e indecência!

Então, numa tarde silenciosa,
De chuvinha fina, fria e morosa,
Me vi ante a mocinha e seu desejo!

Ela me fitou... Tinha mais idade...
E, rogando perdão à Santidade,
Beijei com paixão meu primeiro beijo!

Nelson de Medeiros

DA UCRANIA À TERRA SANTA

Trespassa-me inteiramente a amargura
Nesta tarde pachorrenta e sem cor...
A paisagem gris esmalta de dor
A anarquia onde o mundo figura!

E a minha lira que exalava o amor,
Que exaltava a ternura, agora augura
O fim dos tempos, a triste moldura
Do quadro egoísta do desamor!

Por isso me quedo assim pensativo,
Rogando ao Céu retorno ao mundo antigo,
Em lágrimas e promessas sem fim!

Elas chegam d! Alma, bem lá do fundo,
Vêm da luz do escaninho mais profundo,
Trazendo um lume de esperança em mim!

Nelson de Medeiros

A PROFESSORA

A PROFESSORA

Eu trago comigo, ainda guardado,
um caderno da minha juventude...
Às vezes o leio...Não amiúde
pois, é diário que lembra o passado!

E o passado, muitas vezes, é rude
Quando nos traz um tempo malfadado ...
Mas, desta vez ele trouxe outro lado,
Um momento vivido em plenitude!

Pois, vendo uma escrita quase apagada,
A minha alma se encheu de nostalgia,
E regressei no tempo que se fora!

Chorei ao ler, na folha amarelada,
A inocente expressão que assim dizia:
"Minha paixão é minha professora!..."

Nelson de Medeiros

AQUARELA DE UMA FOTO

AQUARELA DE UMA FOTO

Não me canso de olhar o teu retrato,
Nesta aquarela pintada no papel!
Ver teu sorriso dizer ao menestrel,
Que tanto amor nada tem de abstrato!

Queria tirar de tu! alma este véu
Que a encobre... Ser mais intimorato,
Romper a lei... Pecar por desacato,
E, tornar-me deste amor eterno réu!

Sei que dirás: Como é tonto este vate,
Pois que um amor assim é disparate,
É irracional, é demência pura!

Talvez, pois ao te ver naquele quadro,
Prenhe de loucura, nele me enquadro
E, me vejo a teu lado na pintura!

Nelson de Medeiros

UNIVERSO PARALELO

UNIVERSO PARALELO

Morria, exuberante, aquele dia...
O mundo presente, inimaginável
antes, não parecia responsável
pelo espetáculo que o bardo via!

Na tarde azul rubi que já se ia,
a sensação de amor era infindável!
Uma dádiva sublime... Notável
presente da eterna sabedoria!

A nuvem rosa esboçava um formato
e, logo, num paralelo universo,
o poeta mergulha estupefato!

Então, recordando a mulher que anela,
e, querendo marcá-la com seu verso,
fez um poema olhando o rosto dela!

Nelson de Medeiros

ELA...

Eu sinto aquele amor de tempos idos,
E, na mente inda vejo o rosto dela!
Amor inocente, paixão singela
De liames, penso, no céu tecidos!

Nunca senti emoção como aquela!
Nem nos amores mundanos vividos
Que se foram no tempo, esvanecidos...
O próprio arrebatamento era ela!

Beleza invulgar! Meu beijo primeiro!
E como alavancou o meu roteiro
Aquele beijo prenhe de ternura!

Eu queria tê-la em minha existência...
Não a tenho... Dela só a essência,
Dum amor singular que inda perdura!
Nelson de Medeiros

LOUCO DESEJO

Lembrança antiga, triste e dolorosa,
me veio à cabeça subitamente!
Confesso... Fiquei tonto num repente,
pois tudo ela tem de feia e ardilosa!

Eu que pensava dominar a mente,
fui presa fácil d'alma presunçosa,
no festim da menina mais formosa,
e do desejo atroz dela somente!

Antes duvidava, mas hoje creio
que uma paixão assim nunca se apaga,
se transforma e se vive em novo enleio!

Mas, se a louca paixão o tempo esfria,
em Minh! Alma a sua sombra inda vaga
e, o desejo renasce a cada dia!

MEU VERSO PERFEITO

MEU VERSO PERFEITO

Parto para esquecer o meu queixume,
Pois, frear tua lembrança eu preciso...
Nas ondas do mar vejo o teu sorriso
E, na brisa que sopra, o teu perfume!

Nas nuvens do céu, te materializo,
E no poente diviso o teu lume...
Ando sem rumo, a dor minha alma assume,
E, a saudade no horizonte eu diviso!

Porém, na calma da noite, ao luar,
Descubro a verdade que tento negar:
Não é esquecimento o meu problema,

Mas, sim lidar com a dor que n! alma estua,
E, fazer de cada lembrança tua,
O verso perfeito do meu poema!

SER POETA

Me perguntas o que é ser poeta...
Ser poeta é ser, nesta vida, um perfeito esteta
Do amor - a mais singular das artes-.
Ser poeta é viver num mundo real de fantasia
Onde, num instante mágico, a alma se extasia
Em nuanças sutis de mil contrastes.

É a ventura de ver além do véu...
Sentir, dentro d´alma, o que existe entre a terra e o céu
E poder entender, sem explicação, estranha realidade...
Ser poeta é viajar no tempo, sempre rumo norte,
Transpor , emocionado, o limiar da morte
E voltar sentindo Deus e a eternidade!.

É sentir da rosa murcha o perfume,
Ver beleza e claridade no negrume
De uma noite em tempestade...
Ser poeta é transformar amargura em fortaleza,
Pintar do passado a realeza,
Numa tela colorida de saudade...

Ah! Quem me dera poder poetizar!
Dizer da terra, do céu, do mar,
Deste amor que nasceu noutro mundo!
Ah! Quem me dera poder poetizar
E cantar nesse mundo, distante a brilhar,
Toda a dor deste amor tão profundo!

INSENSATA É A PAIXÃO

A paixão sempre vem dum devaneio
E, quando chega, embota o raciocínio!
Para estancar a dor deste fascínio,
Já se valeu de tudo e todo meio!

Mas, mesmo contida, fica o receio
Dela buscar outra vez seu domínio!
O medo insano deste predomínio
Dentro d'alma é terrivelmente feio!

Por isso, tal sentimento é mistério,
Que cabe inquirir quem é o culpado
Por esta dor imoral, insensata:

A Musa, que atiça o amor deletério?
Ou o vate, que tolo e obcecado,
Revive sempre a ilusão que o maltrata?

MARIA

Tudo passa" na vida e a gente esquece...
De coisas, fatos, amor passageiro,
D! um beijo roubado, um olho brejeiro,
E até da paixão, que a mente embrutece!
O rosto, também, de quem não merece
Se perde da mente, apaga-se inteiro;
É como se fosse algum forasteiro
Que chega, que brilha e desaparece!

Nesta vida, porém, o que não passa,
E até mesmo outra existência trespassa,
É o amor duma longa trajetória!

Por isso, e só por isso, te asseguro
Que o nome dela gravado, isto eu juro,
Trago inteirinho na minha memória!

Nelson de Medeiros

RECOMEÇOS

RECOMEÇOS

No auge da descrença dessa insana vida,
O bardo sucumbe ao nefasto desalento!
Um torpor n! alma, a fala do tempo e do vento
Lhe dizem que a paixão é sempre repetida!

Mas, será mesmo que a existência é sucessiva?
Partimos pro céu e voltamos pro tormento?
Cansado da lida, ele pensa, num momento,
Se tal crença é inata ou é intuitiva!

Se vivi, de verdade, uma vida passada,
Dela revivo o desencanto da jornada,
Trazendo o pó da mesma estrada percorrida!

Se assim for, e se tudo for parte dum plano,
Só me resta viver de novo o desengano
E, mais uma vez, reviver tua partida!

EU APENAS QUERIA

Queria ler um poema teu novamente...
Há muito tempo não o faço, e aquele verso,
No oceano das lembranças, vive imerso
No mar da paixão que marulha em minha mente!

Da poesia que brilha em teu universo,
As estrofes de luz eu queria somente...
Tuas liras me iluminam, literalmente,
Já que nelas te vejo e contigo converso!

O teu poema de amor eu li outro dia,
E mergulhado na esperança que extasia
Eu reli e agora o revejo e o declamo!

Ficou lindo! Senti a tua alma desnuda,
E ante a formosura que vi, não te iluda,
Jamais eu poderei dizer que não te amo!

SAUDADE DIFERENTE

Existirá uma saudade diferente?
Uma saudade que não causa sofrimento,
Que não desequilibra, não confunda a mente
E nem transforme em agonia o sentimento?

Acho que sim... É dela que eu falo somente!
A nostalgia sem par, terna, sem tormento,
Não é egocêntrica, não é deprimente,
Nem é lembrança somente dum momento!

Não é a saudade mundana da paixão,
Do desejo, que tudo leva de roldão...
É bem outro o cantar que nestes versos ponho!

A saudade que eu canto não é de pessoa...
É do lugar onde minha alma sempre voa,
E onde vou a cada noite, em lindo sonho!

NAS ASAS DO TEMPO

Nas asas do tempo a existência voa
e, leva as mágoas que a alma pranteia!
Mas, lá no infinito, a lua clareia
a poesia numa estrela boa!

Mesmo assim, a solidão é cadeia
no tempo onde a saudade se amontoa!
O ontem, no presente inda ressoa
e, n!alma a dor antiga inda ponteia!

Oh, poeta, que versos ousas criar?
Não sabes bem que a dor é singular,
e, na existência nos é proporcional?

Grava, então, toda a dor em poesia
pois, neste mundo, cheio de heresia,
se a vida é fugaz, a arte é imortal!

Nelson de Medeiros

VISIONÁRIOS

VISIONÁRIOS

Quanta gente se pega olhando o nada,
com a mente perdida no horizonte!
É quando o visionário, num instante,
Materializa o sonho de morada!

Vê um jardim de fragrância marcante,
onde a brisa, soprando perfumada,
cicia arcanos de amor na alvorada,
enquanto o tempo avança, deslumbrante!

E nesse mundo etéreo, onde o encanto
se mistura à saudade e à esperança,
o idealista vive sua história!

E quem sabe seja real num canto
do universo ou, quem sabe, na lembrança
dum tempo que inda ecoa na memória!

Nelson de Medeiros

EVOLUÇÃO

EVOLUÇÃO

A dor que assola a Terra é irracional...
O que era vida, agora se faz morte!
E os povos que traçaram sua sorte,
Sentem na alma a pena da Lei Natural!

Não se vê nação fraca ou nação forte...
Raça, sexo, cor ou credo, tudo igual!
O algoz é comum, é subnormal,
Leva todos consigo rumo norte!

De polo a polo sofre a humanidade,
Suporta o medo, pois sem piedade,
A hecatombe lhe inflige grande mal!

Blasfema, mas não vê que tal faxina,
Longe de ser apatia divina,
É só um meio de evolução moral!

MORADA DO AMOR

Onde se esconde aquele amor fecundo,
que só surge na vida uma vez? Onde?
Qual centelha de luz lhe corresponde
no Monte Olimpo donde é oriundo?

Talvez, na paz das estrelas se esconde
e, acoberte um segredo profundo!
Esse arcano que une nosso mundo
ao céu, em questão que ninguém responde!

Força motriz, infinita energia,
linguagem universal que desafia
o tempo e o espaço da humanidade!

Mas, o bardo, deste amor exilado,
Mapeia as águas fundas do passado,
onde a lembrança dá vida a saudade!

Nelson de Medeiros
Cachoeiro, 30/06/2024

A FORÇA DA ESPERANÇA

Me perguntas o que é a esperança
E, por que sonhá-la, se a desventura
Desde cedo, te ronda e te procura
Qual flecha de dor que logo te alcança?

A esperança, na erma noite escura,
é como um farol que acende e que lança
claridade na procela que avança
n!alma em rajadas de dor e amargura!

Ela vai além do tempo e do espaço,
Entrelaçando sonhos e inspirando
A saga milenar da humanidade!

Voando em suas asas, passo a passo
O coração se eleva do nefando
Rumo à luz que brilha na eternidade!

O DESTINO É UM JOGO

Nossa existência tem pontos marcados,
que chegam sempre no momento certo;
não se vive pela sorte encoberto,
qual jogador na roleta de dados!

O destino é um desafio semiaberto
e, alguns lances são predeterminados;
seus desfechos, porém, são resultados
 do livre arbítrio aplicado, decerto!

Somos peças num grande tabuleiro,
e, a cada aposta mudamos os fados
na busca da vida que se remoça!

Por isso impõe-se estudar o roteiro,
pois, muito embora os pontos já traçados,
nosso destino é sempre escolha nossa!

BALADA AOS CABELOS COR DE FOGO

Venham, ó mechas de fogo em brasa,
Cachos de luz, rubis de beleza infinita!
Deixem que o poeta se compraza
A queimar nesta fogueira inaudita!
Que venha o sol em tépida lucerna
Na tardinha que se esvai ruborizada
A confundi-los com o vermelho do poente!

Deslizem sobre esta face alvaiada
Cachos de luz de beleza incandescente!

Escorram quais rubras lavas, pela alvura deste colo,
pelas curvas destes seios!
Que se cubram céu e solo
Por esta enxurrada de anseios!
Pois, da eternidade, da morada dos Deuses,
Aos teus cabelos compôs esta balada
O menestrel da alma aflita!

Venham, ó mechas de luz encantada,
E iluminem o peito onde a paixão habita!

Nelson de Medeiros

RECOMEÇO

No auge da descrença duma insana vida,
o bardo sucumbe ao nefasto desalento!
Um torpor n! alma, a fala do tempo e do vento
lhe dizem que a paixão é sempre repetida!

Mas, será mesmo que a existência é sucessiva?
Partimos pro céu e voltamos pro tormento?
Cansado da lida, ele pensa, num momento,
se tal crença é inata ou é intuitiva!

Se viveu, de verdade, uma vida passada,
dela revive o desencanto da jornada,
trazendo o pó da mesma estrada percorrida!

Se, como dizem, tudo faz parte dum plano,
só lhe resta viver de novo o desengano
e, quem sabe, viver nova partida!

DECEPÇÃO

A decepção é como a geada
que fere a terra... Dentro d'alma ardente
é jura quebrada, é sonho latente
que se perde como água na enxurrada!

É doce mentira, um conto de fada,
promessas feitas ao vento somente!
O verbo fácil, suave, eloquente,
hoje é tristeza no peito abrigada!

Confiança é como louça partida...
Seus estilhaços cortam a alma ferida,
e o amor que era eterno, vai-se no agora,

perde-se na noite do desengano...
Resta, então, esquecer o leviano
e aguardar que ele surja em nova aurora!

ALQUIMISTA DA FANTASIA

O poeta é um ser predestinado
Que, no auge da dor, cria seu mundo!
Faz da amargura o amor mais profundo,
E do ser odiado o ser mais amado!

Na magia dos versos, num segundo,
Dá à mentira significado!
Permite ao torpe ser idolatrado
E, até converte o probo em vagabundo!

Por ser alquimista da fantasia,
Transforma a negra procela em aurora,
E, faz de saudade a ilusão que o ronda!

Na desventura de amor ele avia
Um poema que encanta, muito embora
A dor mascare, e a verdade esconda!

JÓIA SUBLIME

JÓIA SUBLIME

Me perguntas onde está a dignidade
neste mundo sem alma, tosco e indiferente!
Onde se encontraria, ainda que latente,
no ser humano coberto de iniquidade?

Eu penso e te digo que ela vive somente
na alma que anseia por paz, amor e verdade!
No olhar do ancião, prenhe de serenidade
e, no riso franco da criança inocente;

na mão do semeador que a terra fecunda,
na voz segura do pregador transcendente,
na plenitude do amor sincero e real!

Mas, por ser qualidade do céu oriunda,
é diamante sublime, só inerente
ao coração que nunca bateu pelo mal!

QUERIDA AMIGA

Ouvindo ao longe, a melodia antiga,
ressonando do afinado piano,
me revi menino provinciano
ladeado, então, por querida amiga!

Era um afeto real, doutro plano,
recíproco, sem enjoo ou fadiga,
sem qualquer mal-entendido ou intriga
e, que varava o tempo... Ano a ano!

Um dia ela se foi pra ser doutora
e, ao vê-la partir, senti sem pudor,
a invulgar inquietação que ficara!

Porém, logo a dor n!alma se escancara,
ao ver que a doce amizade se fora
mas, carregara, também, meu amor!

Nelson de Medeiros

RASTROS DE ILUSÃO

Lembro bem daquele mês de janeiro,
daquela praia em recanto sem par,
do desejo insano de a encontrar
e, enlaçar seu corpo, esbelto e faceiro!

A brisa, trazendo o aroma do mar,
mais parecia um sussurro agoureiro
dum adeus previdente e derradeiro
praquele amor de verão, singular!

O tempo avançou, porém, o desejo
de tê-la inda ficou, ardente e pleno
pois, na paixão a loucura norteia!

Então, prenhe de ilusão, num lampejo,
Quis ver de novo a praia, o mar sereno,
Mas, só vi rastros de beijos na areia!

MARIA ISABEL

Seu nome inda ressoa em meus ouvidos
como a canção de amor inda latente!
Mocinha sincera... Literalmente...
Paixão inocente de tempos idos!

Acreditava no amor piamente,
e, por isso extravasava os sentidos!
Éramos, por juras, comprometidos
até que o enleio se foi de repente!

Certo dia a revi num entreposto
Da praia... Inda tinha os traços de outrora,
Mas, não mais os cabelos cor de mel!

Parecia ser outra, mas embora
toda a tristeza estampada no rosto
era, com certeza, a minha Isabel!

RETORNAR É PRECISO

Sei que o retorno à Terra é verdadeiro,
Me afiança, com certeza, a razão!
Somos navegantes do tempo então,
como nautas em denso nevoeiro!

Sempre voltamos, pela lei da atração,
ao nosso mundo hostil, mas passageiro!
Os erros de outrora são o roteiro
a seguir na devida correção!

As vidas são presente e são passado,
e jamais serão vivencias perdidas,
já que são nosso futuro avançado!

Cada existência nossa é elo espesso
que une a vida agora a outras vividas,
Pois, o fim duma doutra é o começo!

APENAS UM OLHAR

Foi numa tarde assim, ensolarada,
que um dia os nossos olhos se cruzaram...
Os meus sentidos logo se alteraram,
e, pensei n!alma gêmea procurada!

Então, eu percebi vindo do nada,
visões que em fleches me chegaram...
Sem pejo, meus desejos se afloraram
e, me senti sendo amante e ela amada!

E esta sensação indefinida,
muitas vezes me leva a pensar nela
como amor doutro tempo transladado!

Mas, era amor defeso em minha vida
e, quem dera que meus olhos e os dela,
não tivessem na tarde se cruzado!

TUDO TE DEVOLVO

Tudo o que me destes, te entrego agora
de volta... A foto na areia molhada,
o anel, a estrela do mar roxeada
e, até mesmo aquela carta de outrora!

Essa, nem sei se inda a tenho guardada...
Se a encontrar te enviarei sem demora
e, junto, irá também seu poema, embora
ele só prove uma jura quebrada!

Tudo eu te devolvo em prioridade
Pois, que aqui tudo é finito que eu sei
e, só o amor, na vida, é permanente!

Mas, só não te devolvo esta saudade,
que é sua também, mas que guardarei
comigo, dentro d'alma, eternamente!

O TEMPO

Um sábio falou que o tempo inexiste,
é só ilusão que a mente mascara!
Se isso é verdade, por que esta rara
amargura na mi! Alma persiste?

Disse um poeta que o tempo não para,
é vento que passa e a tudo resiste!
Então, por que a dor que agora me assiste
não segue com ele e a mente me aclara?

É que nenhum deles explica o que sinto:
No sábio não chego nem por instinto,
e, o poeta versejou com outro fim!

Mas, a razão passa longe dos dois...
O tempo para, tenho certeza, pois,
quando ela se foi parou para mim!

LEMBRAR É PRECISO

Pensei, um dia, ter contigo um caso,
ver-te mais e, mais ouvir tua voz
quando, descrente neste mundo atroz,
ao fascínio da atração eu dei azo!

Uma doce quimera que eu comprazo
ainda agora, ao te encontrar após
tanto tempo..., E, vendo a aura que há em nós,
percebo, na m! Alma, imenso atraso!

Nascemos fora do tempo e do espaço,
e, por isso o meu fado agora abraço
pois, que na vida, a prudência eu abrigo!

Tal paixão, para mim, chegou vedada
mas, por ser de Lei, sigo na jornada
carregando esta renúncia comigo!

VELHO ABRIGO

Revi, enfim, minha vetusta casa...
O jardim, que já fora o meu enleio,
está deserto e apenas vi no meio
um cacto plantado em cova rasa...

Então, no auge das lembranças, cheio
de melancolia, a tristeza vaza
de mi! Alma compungida, e extravasa
uma saudade imensa que não freio...

Lembrei-me, então, daqueles tempos idos,
das tardinhas serenas, langorosas
e, o barracão que nos serviu de abrigo!

Revi de assalto instantes já vividos,
e, no jardim me vi, em meio as rosas,
colhendo os beijos que plantei contigo!

08/2024

Nelson de Medeiros

O TEMPO É MINHA ESPERANÇA

Pensei-te aqui, acordando ao meu lado
e, com um beijo me dando bom dia!
Voltei ao passado e sereno eu via,
que nada entre nós havia mudado!

No café me senti a teu cuidado
na rotina feliz que se vivia!
Sonhei que tudo em nós se repetia
como se o mundo houvesse parado!

Eu quis tantas vezes ter-te comigo
que cheguei a ver-te em meu abrigo
como se nunca fosses dele ausente!

Mas o tempo vai sempre rumo norte,
não para, segue mesmo além da morte,
e, há de levar-me a ti novamente!

FENDAS NO TEMPO

Ah! Por que fui penetrar nas fendas do passado!
Que estranho sentimento é este que me abraça?
Que sublime olhar eu vejo, tão triste e abnegado?
Ah! varei o tempo e minha mente se entrelaça!

Na busca inconsequente, dentro d'alma passa
um raio atroz que me fulmina...Doce pecado!
Ah! Por que fui penetrar nas fendas do passado!
Que estranho sentimento é este que me abraça?

Tua voz, pra mim, já não é mais sopro calado
que nas noites solitárias a Minh! Alma enlaça!
Teu corpo dantes tão distante e inanimado,
já não se esconde entre brumas de fumaça!
Ah! Por que fui penetrar nas fendas do passado!

TUA VOZ

Tua voz é melodia que soa
em minha alma como nota encantada,
como brisa suave que abençoa
na tardinha, serena e perfumada!

Seu timbre, tranquilo e doce, povoa
e acalma minha tristeza velada!
Ela me faz a vida renovada,
por toda a beleza que dela ecoa!

No silencio da noite, é violino
que vibra em doce sonata de amor
nos acordes de minha fantasia!

Ao escutá-la eu quase perco o tino
Mas, vou levando o desejo sem temor,
Pois, que vives comigo em sintonia!

SONETO DA TRISTEZA INFINDA

Medita o bardo em silêncio profundo...
Na tarde opaca dum dia sem cor,
sua alma chora um revés sem rancor
e, o coração se afoga em lago fundo!

Descem lágrimas em pingos de dor...
Cada suspiro é lamento rotundo
e, só amargura habita seu mundo
desprovido da alegria do amor!

Sua alma é noite escura de agonia...
Porém, no fundo, uma luz a brilhar
traz promessa de novo porvir, pois

que a tristeza, embora possa durar,
é passageira como a ventania
que destrói, mas traz beleza depois!

DUAS LEMBRANÇAS

Nos encontramos... Lembraste de mim;
mas, esqueceste os pequenos momentos
de encanto, dos pueris acalentos
que fizeram nossa ventura, enfim!

Não te lembraste de alguns sentimentos,
de alguns dizeres... Do não e do sim,
da mão sutil na blusa de cetim,
do beijo roubado ao sabor dos ventos!

O amor que esquece detalhes é mera
Ilusão, apenas interação
que deixa um fraco vestígio somente!

Sem lembrança a dois, pra um, ele gera
o desencanto na alma e deixa, então,
um cavo no peito e o nada na mente!

DOR INFINDA

São seis horas... E vão passando sonolentas...
Morre a tarde em langor suave e vaporoso...
No campanário, o sino, em badaladas lentas,
executa a Ave-Maria, quase choroso...

A noite nasce em meio a nuvens opulentas...
Formam, ante os olhos do vate, curioso,
uma figura que, entre pratas e magentas,
mostra a imagem do teu rosto lindo e sedoso...

A saudade antiga, então, se me abriga n'alma...
  Nem a lembrança do teu riso já me acalma
Mas, o teu beijo e o teu perfume eu sinto ainda!

Vem novamente a madrugada e nasce o dia...
A tarde volta langorosa e luzidia
e, a noite vem trazendo a mesma dor infinda!

INGRATIDÃO

A ingratidão é vício que se aninha
no coração, como sombra encardida!
Ela arremete a alma, desprevenida,
aos meandros da dor que não se tinha!

A fala grosseira e a jura esquecida
chegam à mente, que aos poucos definha!
Ao lado do egoísmo ela caminha,
e logo os dois, às farsas dão guarida!

Ela é como a nuvem negra que
ensombra o sol do mais sincero afeto
e enche o peito dum vazio sem paz!

A ingratidão é dor que não se vê,
é sentimento de nada repleto,
é cicatriz que o tempo não desfaz!

19/08/2024
Nelson de Medeiros

AMOR DE INVERNO

Foi numa tarde cinzenta, triste e fria,
que a mim chegaste graciosa, um dia,
e meu nome rabiscaste pelo chão...
E tão triste como a tarde me falavas
que assim fazendo ali depositavas
o tesouro de um triste coração...

Mas a chuva veio aos poucos se achegando
e o meu nome devagar foi apagando
sem que visses o meu pranto de emoção...
E seguimos rumo norte na jornada
separados... Cada qual em sua cavalgada
de amargura, de tristeza e solidão...

Na despedida me disseste entristecida
que te sentias uma intrusa em minha vida
e que minh!alma era fria como a tarde!
Emocionado, simplesmente eu te olhava
e impotente para dizer que eu te amava
deixei que fosse... Fui covarde!

Hoje a tarde é fria como aquela
e a saudade no meu peito é como a tela
que a dor tingiu com poeiras de granito!
E desde aquele dia em minha vida
ficou-me impresso dentro d'alma dolorida
teu doce nome para sempre escrito!

ARMADILHA

Sem sofrimentos, disse ao coração;
por Musa agora, só a Natureza!
partiste e deixaste em mim esta certeza:
Cantar, mas sem as dores da paixão!

Assim, o céu e o mar cantei, então,
e mantive a chama do amor acesa!
Guardei mi! Alma com a razão coesa
e, exaltei com louvor a Criação!

Mas, teu retorno é ardil que me alarma
pois, teu olhar no meu, naquele instante,
nas malhas da atração, prendeu-me em laços!

Que sina, que fado, que triste carma ...
Retorno a te escrever tal qual amante,
só que agora trazendo os olhos baços!

PAIXÃO E RAZÃO

Oh, paixão que maltrata sem pesar
que atropela a consciência sem tino
e a lança dum céu de amor cristalino,
ao inferno de uma dor singular!

O apaixonado traz olhar felino
na face, e, no peito, uma ânsia sem par!
A paixão é ópio que faz sonhar
mas, o acordar é remédio divino!

Quando ela chega, sem qualquer aviso
ao coração, é vendaval no mar
da ilusão que afoga a razão da gente!

Removê-la da cabeça é preciso...
Por isso, é que agora, só vou amar
Pois, que a paixão sempre enlouquece a mente!

AMOR PRIMATA

Tenho por ela uma paixão, um devaneio,
que inteiramente me domina o raciocínio;
e, na esperança de perder este fascínio,
já fiz de tudo e já usei de todo meio!

Mas, pior é que trago comigo o receio
de perder meu controle, perder meu domínio;
o medo é que ela tenha total predomínio
sobre Minh! Alma, já cativa deste enleio!

Desta atração, deste desejo, não me ufano
e, então, pergunto quem, de fato, é o culpado
por esta insânia que ao juízo desacata:

-Se a natureza, que permite o amor mundano,
ou se o poeta, que iludido e obcecado,
por gosto, não se afasta deste amor primata!

ALMAS GÊMEAS

Quando almas gêmeas se cruzam no mundo,
um sentimento puro e mais profundo
paira no céu em forma de oração...
Para uma alma que de outra alma se enamora,
O tempo não se conta a cada hora,
nem se mede a distância em extensão...

Elas se fundem no tempo e no espaço,
e a rota rumo norte é só um traço
que se apaga no piscar da emoção!
Quando almas gêmeas se cruzam no mundo,
um sentimento puro e mais profundo,
Modula as almas num só coração!

Elas se buscam pelas madrugadas
e, sob o céu de noites prateadas,
se encontram na infinita imensidão...
E, então, livres das dores do mundo,
essas almas, em silêncio profundo,
se apegam na esperança em oração!

Quando as almas se unem em pensamentos,
voam milênios em poucos momentos
e, atravessam, qual raio, a eternidade!
Pra se unirem, não precisam de sorte
e, nem trespassar o portal da morte...
Basta o mesmo sonho e a mesma saudade!

ALQUIMIA

Recluso avisto o vale verdejante...
A sombra do arvoredo se contrasta
com a luz do sol que morre e se afasta;
a paisagem é condão deslumbrante...

Indago num relance, num instante,
se a vida me foi justa ou foi madrasta
pois, que a amargura o coração vergasta;
encontro-me só, a angústia é constante...

Mas, a resposta Minh! Alma trespassa:
O destino que todo o rumo traça,
é só fruto daquilo que eu irrigo!

Descubro, então, que tenho companhia
pois, fruto de minha própria alquimia,
enorme solidão mora comigo!

SONHO LOUCO

Muitas vezes eu sonho um sonho louco,
um sonho que me envolve pouco a pouco,
e, à mi! alma mostra cena sem par...
Me vejo só, andando entre vielas,
e, sob a luz de lampiões a velas,
vou indo com destino a algum lugar...

Meu costume é dum verde aveludado,
que agasalha alva bata de brocado,
e, as negras botinas da austeridade...
No porte eu carrego um ar de nobreza
e, dentro d'alma, a sólida certeza
de que vivo intensa realidade...

O estilo barroco das construções
não me espanta, e nem as emanações
que voejam no ar me causam medo...
Traz um mistério a noite enluarada,
e, uma intuição, estranha e velada,
lembra trama de inolvidável enredo...

Se me depara um casarão austero...
Meu peito agita, e os passos acelero,
qual me espreitassem sombras num levante...
Mas, sei que preciso seguir em frente...
É urgente e necessário que eu tente,
e, então eu sigo sempre confiante...

Entro e vejo que, em meio a realeza,
sob o som duma valsa vianesa,
pares rodopiam alegremente...
Sei que pertenço àquela sociedade,
que canta, dança e ri em irmandade

mas, não paro, quero seguir somente...

A escadaria, além, é trabalhada,
elegante, em linda forma entalhada...
Subo, pois sei que lá é o meu destino...
Paro à porta majestosa e me ufano
Penso que vou desvendar um arcano
porém, sempre desperto, repentino...

E volto à realidade do presente,
trazendo dentro d! Alma ainda rente
uma impressão deveras singular!
E, de olhar perdido na escuridão,
indago aos céus em forma de oração:
Onde eu vivi tal cena secular?

CHORAR É PRECISO

A paixão se assoma no tempo e passa,
já que o tempo é senhor do esquecimento;
é remédio que afasta o encantamento
dum feitiço que a razão nos embaça!

Quando a paixão, sem pejo, nos enlaça,
todo o amor se transforma em vil tormento
pois, que todo deslumbre de momento
gera a ilusão, e, a dor seus rumos traça!

Mas, ela não é pré determinada;
por isso é preciso seguir na estrada
sem reter o pranto que a alma refaz!

Choro preso é água de liberdade;
solte-o, mas sem orgulho ou vaidade,
siga em frente sem nunca olhar pra trás!

18/09/2024

REMORSO

Chega ao bardo a lembrança, de repente...
Veio assim, num segundo, como bala!
Um raro sentimento d'alma exala,
ao lembrar seu passado negligente!

Sensação de fracasso, em larga escala,
num instante embaralha a sua mente!
O tempo retrocede velozmente
e, atroz remorso no peito se cala!

Vê, de novo, os cabelos cor de trigo,
os olhos verdes, a face alvaiada,
e o céu a lhe rogar compreensão!

Agora, a justa impressão de castigo
o acompanha, pois traz na alma arraigada,
toda a dor que deixou num coração!

Cachoeiro de Itapemirim, 27/09/24

PROCURA

Eu me propus, um dia, em aventura ousada,
achar tua alma por milênios procurada;
e, em sonho louco, cortado de esperança,
eu te busquei nas manhãs de primaveras;
e, entre as flores no jardim dessas quimeras,
eu te esperei com fiel perseverança!

Roguei, até, com profundo sentimento,
que eu a tivesse, somente num momento,
alma com alma, numa mesma emoção!
Sondei-te, em vão, nas manhãs ensolaradas,
no vai e vem das marés esbranquiçadas,
vendo o horizonte afundar na imensidão!

Eu me vi em madrugadas orvalhadas,
tendo dores de visões inexplicadas
que dentro d'alma me ardiam em solidão!
Cerquei-te em preces nas mansões angelicais
e, em tristes versos prometia em madrigais,
que por inteiro eu te daria o coração.

No entardecer, mergulhado em fantasias,
sentindo a brisa, em meio as ruas vazias,
eu revia a tua sombra em cada trilha!
Cantei-te o amor nas tardinhas vaporosas
e, nos versos de cantigas langorosas,
fui Dirceu a te sonhar com a Marília!

Mas tudo isto foi um prêmio ou foi castigo?
Por que me deram pensar, e estar contigo
se me isolaram nesta estranha saudade?
Eu pressinto o teu olhar, mas não te vejo,
a alma pulsa de desejo e não te beijo

e, a distância é dimensão da eternidade!

Ah! como é triste e malfadada a realidade,
cheguei cedo nesta vida e tu tão tarde,
e, por isso não és minha e nem sou teu!
Mas, que importa, neste mundo, esta distância,
se a minha ânsia também é tua ânsia,
se sofremos os dois, na mesma procura!

10/01/2007

QUEM SOMOS?

Quando atingimos a fronteira do bom senso;
quando a nossa inteligência, comum, desperta
e, percebe que a vida não é só oferta
de indisciplina, de gozo e de contrassenso;

quando começamos a sentir o descenso
dos sentimentos que o coração nos alerta
e, o corpo, que não pensa, e que tudo acoberta,
a nossa! Alma, se enche dum vazio imenso!

E a dúvida, surgindo em mórbida premissa,
se assenhora da mente, cansada e enfermiça,
e a deixa prostrada entre abalos e reclamos!

É quando, então, já de tudo desencantados,
nós nos questionamos, quais párias dementados:
-Quem somos? Donde viemos? Prá onde vamos?

20/07/2016
Nelson de Medeiros

PODRE FRACO E VIL

Seguia o bardo, quando atenta num pedinte
à beira da calçada... Magro e maltrapilho!
Sua figura parecia um estribilho
de canção onde a dor ressoa com requinte!

Mas, a miséria alheia não foi empecilho
para que o orgulhoso, no momento seguinte,
desviando o olhar com soberba e com acinte,
seguisse altivo, carregando o falso brilho!

Só que o pedinte não viu a arrogância fria
no mais pobre do que ele, de mau porte,
levando uma! Alma de sentimentos vazia!

E, vendo a cena triste, o bardo refletiu
sobre a soberba, sobre o orgulho, sobre a morte,
e, como o ser humano é podre, fraco e vil!

01/10/2024
Nelson de Medeiros

CIUME OU SAUDADE

Tua amizade!? ? me perdoa- é quase ofensa,
a tanto amor que te devoto em grau supremo!
Não quero, prefiro até mesmo a indiferença,
pois, sentindo o amor da amizade até blasfemo!

Que desproposito! Que enorme diferença!
É que meu corpo ao ver teu corpo vibra e treme,
e se em tu! alma esta amizade se condensa,
ela, em Minh! Alma, se desmancha, chora e geme!

Portanto não quero este céu de noite escura!
Antes a dor desta verdade, da amargura,
do que este fogo enganador de negro lume!

Não! Jamais de ti, vou querer esta amizade!
Antes, condenado a viver de uma saudade,
a sofrer no braseiro infernal dum ciúme!

09.10.1998
Nelson de Medeiros

SEGREDO DE UM SONETO

Estranho é o poder da poesia,
que faz da amargura amor que reluz,
que transforma a dor em doce alegria,
e cria um mundo ideal que seduz!

De que orbe de luz vem esta magia,
que entre amores e saudades, conduz
a alma, da noite enegrecida e fria,
à manhã, exuberante de luz?

Ela tresmuda o ideal malfadado,
prisioneiro das sombras do passado,
em sonho real de encantado enredo!

E, por isso, pensando em ti, agora,
  é preciso que venhas, sem demora,
abrir deste soneto o seu segredo!

VEREDITO

Por mais que eu viva e mais aprenda nesta vida,
por mais que eu sinta e veja aqui tanta maldade,
mais me arrepio ao constatar que esta verdade,
é vil prazer que muita gente dá guarida!

Por isto eu vivo numa imensa soledade,
bem afastado desta malta embrutecida!
Mas, penso, às vezes, se é correta tal medida
e, se essa escolha é um defeito ou qualidade...

Haverá, depois da morte a cobrança do mal?
E o bem que não se fez? Não será um mal igual?
Que Lei nos aguarda no mundo do infinito?

-Não sei... Sei que do bem que fiz algo mereço;
e, muito embora pelo mal não tenha apreço,
do bem que nunca fiz, aguardo um veredito!

CANTO DE SEREIA

Mais uma vez te ouço e avidamente
tento interpretar teus cálidos versos!
Soam cheios de amor, incontroversos,
e, neles o bardo pensa somente!

Mas, o hierofante que lhe habita a mente
sussurra-lhe que eles são controversos,
não tem alma, são frios, são perversos...
Cantos de sereia, literalmente!

Ah! Linha fina cinde o céu do inferno!
Será este um canto inocente e terno
ou será engenhosa enganação?

É premente usar o tino, o bom senso!
Mas, como se a paixão é um contrassenso
e, trespassa o entendimento e a razão?

PRINCIPIO E FIM

PRINCIPIO E FIM:

67ª TROVA

REMORSO

Chega ao bardo a lembrança, de repente...
Veio assim, num segundo, como bala!
Um raro sentimento d'alma exala,
ao lembrar seu passado negligente!

Sensação de fracasso, em larga escala,
num instante embaralha a sua mente!
O tempo retrocede velozmente
e, atroz remorso no peito se cala!

Vê, de novo, os cabelos cor de trigo,
os olhos verdes, a face alvaiada,
e o céu a lhe rogar compreensão!

Agora, a justa impressão de castigo
o acompanha, pois traz na alma arraigada,
toda a dor que deixou num coração!

ESPERA UM POUCO...

Queria adormecer em teu regaço;
eis o que não posso, mas que desejo:
Amar-te, aqui, novamente, e, sem pejo,
tê-la toda, e te apertar num abraço!

Te quero, ainda, com o mesmo lampejo,
pois, que a paixão vivida deixa traço,
traz lembranças, saudade, e prende em laço
o instante invulgar que em versos revejo!

Por isso é que te digo: Não tenhas medo
da solidão, que faz parte do enredo
da vida, pois ela passa, e o amor fica!

Espera um pouco, tudo tem sua hora...
Na roda do tempo, amanhã ou agora,
O bem vence, e o amor tudo retifica!
Nelson De Medeiros,
27/11/2024

ESSÊNCIA HUMANA

ESSENCIA HUMANA

O brilho em teu olhar, vestal moderna,
é aura de luz que vem da natureza!
Sagrado lume que em pira hodierna
guarda teu rosto, de rara beleza!

É cântico de paz e de nobreza,
lira amorosa, sublime e fraterna!
Um poema versado em sutileza,
que reflete a tua alma, pura e terna!

O amor maior, que ele espelha, eterniza
uma paz *que se materializa*
bordando a tua face em porcelana!

E, ao ver teu olhar de bondade infinda,
eu tive a certeza mais forte ainda,
que vi um pedaço da essência humana!

CARTA ANTIGA

CARTA ANTIGA

A tua carta veio à moda antiga,
e, vendo nela a letra delicada,
vi, também, tua imagem lá traçada!
Em cada linha a afeição se lobriga!

Lembrei do banco, no jardim da entrada,
onde a jura que fiz, sobre uma figa,
foi quebrada! E, qual mantra, qual cantiga,
soou-me nalma em dor fragmentada!

Recebê-la foi um grato presente,
uma joia sem preço, inesperada,
cópia do ontem revivido agora!

Mas, saibas que jamais serás ausente
pois, que tua alma, por mim maltratada,
vive comigo onde o remorso mora!

FORÇA DA ORAÇÃO

O bardo, em meio a doída solidão,
mirava o céu sem dar conta de sua
grandeza! E embora a clareza da lua,
trazia n!alma a cor da escuridão!
Estava só, alheio a multidão,
quando lhe acerca uma anciã na rua
e, lhe sussurra: - Sem fé, a alma é nua,
é pobre de sentimento e emoção!
Por isso, quando a amargura é constante,
a oração é o elo genuíno
entre nós e o mundo mais adiante!
Ela nos eleva, pois é fiel
e, com seu poder, excelso e divino,
sempre nos translada da terra ao céu!

Nelson de Medeiros

CONTRASTE

CONTRASTE
Não sei quem és... Até pensei , não nego,
foste tu, meu poema nunca escrito,
a Musa eterna que me foi predito,
por este dom que, sem querer, carrego!...

Mas, já nem sei se te amo ou te renego,
pois sendo, ás vezes , anjo do infinito
e, noutras tantas, rocha de granito,
confesso que o contraste me faz cego!...

És na verdade estranha criatura;
trazes contigo o cheiro de amargura
e, o perfume de eterna primavera !

Num só tempo és rigor e suavidade!...
Por isso nunca sei se és claridade,
ou sombra que habita noutra esfera!

Nelson de Medeiros

PARABÉNS PRA VOCÊ

Que posso te oferecer neste dia, senão o desejo de ver alegria e felicidade a caminhar contigo? Que mais posso querer senão que os raios de um novo sol possam brilhar em teu arrebol, inundando de calor teu rosto amigo...

Que a esperança de uma nova aurora venha despertar, aqui e agora, a tua alma para a verdadeira caminhada. Que a noite negra da amargura ceda espaço à manhã que transfigura o manto escuro, em doce claridade.

Que cada estrela do sidéreo manto possa hoje transformar-se em doce canto, enaltecendo o dia em que nasceste.

Cada dia de tua eternidade é oportunidade que te oferece a providência para que alcance a verdade do destino, que um dia, tu mesma escolheste.

Que o findar deste dia ensolarado, seja coroado no firmamento enluarado, em raios de amor no coração. Que possas seguir sempre rumo norte, cantando a vida sem rimar com a morte, deixando as dores que o amor pranteia. Segue ajudando com o verdadeiro amor no peito a envolver-te a alma no sincronismo mais perfeito com o Criador...

Se ontem em tua alma se cravaram espinhos, marcando de dor os jardins do teu caminho, plante hoje a semente do amor e confiança...

Não te entregues ao veneno da amargura e da perfídia... Hás de ver que após a tempestade, da noite surge sempre novo dia, na beleza de nova madrugada!

Que importa se a miséria humana campeia nas sendas do caminho?

Se te lançam da sombra muito fel e muito espinho há do alto alguém que te chama com carinho, esperando o teu concurso entre tantos sofredores...

Se há feridas que sangram, entre desejos e dores, há também flores que perfumam, canções que enlevam, palavras que consolam...

Incompreensões, amarguras, lágrimas doridas são, quase sempre restolhos de outras vidas a nos lembrar as correções devidas. Que caminhes sempre em frente, qual barco intrépido cruzando os mares em rumo certo.

Sê sincera, sê leal, sê caridosa, mas sempre comedida.

Plantes todo o bem que puderes nesta vida. Um dia, nos muitos que a eternidade cria, todos teremos a alma redimida!

Nelson de Medeiros

A VALSA

Ainda me lembro da daquela primavera...
Seu corpo lasso, mergulhado entre meus braços,
o meigo encontro dos olhares e dos passos,
tresmudando pro real antiga quimera!

Estão vivos em minha mente aqueles traços
que, ornavam o salão qual mimosa aquarela,
adornada, talvez, por artista de outra esfera,
e, cuja lembrança inda deixa os olhos baços!

Meu outono da vida chegou apressado
mas, aquela nota de amor inda ressoa
dentro d'alma, agora em tom ameno, mais lento

pois, na sombra do tempo, o amor jaz embaçado,
e, o lance, que um dia foi longo, agora ecoa,
como curto compasso sussurrado ao vento!

BANZO

A minha dor, dizes, é hipocrisia,
é só lembrança dum beijo roubado;
negas até, que eu já tenha te amado,
e que versá-la é quase uma heresia!

Teu sentimento soa a ironia,
pois irreal é o que tens me falado;
a nostalgia, que eu verso inspirado,
é lira real, e não fantasia!

É mesmo banzo o que, cá dentro eu sinto,
e não arroubo dum beijo de instinto,
que te roubei num momento incontido!

A dor que eu sinto é da tua ausência,
é a saudade daquela vivência,
que agora eu canto em soneto sofrido!

Nelson de Medeiros

COPIA FIEL

Sozinho em meu quarto, e do mundo alheio,
ouvindo e vendo artista verdadeira,
vi o sorriso da moça faceira,
que fora um dia todo o meu enleio!

Mas um poeta de escol anda à beira
do inatingível, e do devaneio;
por isso canta, sem pejo ou receio,
a sua vida em forma condoreira...

Porém, não fora aquilo uma utopia,
fora real, e, olhando a musicista,
vi a paixão abraçada em meus braços!

A nostalgia turvou minha vista,
pois que, no rosto dela, eu quase via
o meu primeiro amor naqueles traços!

AMOR GLOBALIZADO

Paro ante o mundo azul conectado,
e, quando às vezes, nele me aprofundo,
vendo a invasão do mal, eu me confundo,
fico inseguro, e me quedo assustado!

De um só lugar até o fim do mundo,
qualquer assunto que seja focado
é quase sempre além do exagerado
e até nos chega no mesmo segundo!

Pois é assim com o amor que acalento,
e que carrego comigo de enredo,
numa existência da qual não reclamo!

Mas, o que dói, e que faz meu tormento,
é que o universo sabe o meu segredo,
e só você não percebe que eu te amo!

ESTÁ ESCRITO...

ESTÁ ESCRITO

Sozinho, agora, em meu quarto
eu sinto o vento a soprar
e, a tua voz singular
eu penso ouvir do abstrato!

Queria ir te buscar,
parar o tempo contigo,
tê-la aqui, no meu abrigo,
e o mundo inteiro calar!

Mas, os nossos tristes fados,
vão nos manter separados,
até o fim dos caminhos!

Por isso, minha querida,
te digo que, nesta vida,
inda andaremos sozinhos!

EGOISMO

EGOISMO
No peito estreito, onde a alma delira,
ergue o egoísta seu reino sombrio!
Seu coração é prenhe de vazio,
e a empatia jaz ali, em mentira!

Cego ao clamor da dor alheia, é frio
e surdo aos rogos que a bondade inspira!
Só para si o mundo inteiro gira,
e nele vai, para um norte sem brio!

Deixando rastros de seu desamor,
segue isolado, em torre de vaidade,
colhendo espinhos onde existe flor!

Rompendo os laços da fraternidade,
há de encarar, ao fim, o próprio horror,
de não saber do amor e afinidade!
Nelson de Medeiros, 08/05/2025

SOLIDÃO A DOIS

Na quietude da noite o bardo vaga,
escuta o ontem na velha canção;
no peito a dor da ausência se propaga,
e a nostalgia é quase uma afeição !

No quarto, o frio fere qual adaga,
e o silêncio sangra o coração;
num labirinto atroz, a voz se apaga
e o vazio é sem explicação!

Mas há beleza na melancolia;
na lágrima que rola, há poesia,
e na saudade, um doce recordar!

É quando, então, a ausência se revela,
e o silencio é mote que chancela
a solidão, que a dois, paira no ar!